

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Kleber Trevisam

O SER PROFESSOR: NARRATIVAS DO COTIDIANO NA FACULDADE
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ACM DE SOROCABA

SOROCABA
2021

Kleber Trevisam

**O SER PROFESSOR: NARRATIVAS DO COTIDIANO NA FACULDADE
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ACM DE SOROCABA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Profº Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

SOROCABA

2021

Ficha Catalográfica

Trevisam, Kleber

T739s O ser professor : narrativas do cotidiano na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba / Kleber Trevisam. -- 2021.
170 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

1. Ensino superior. 2. Professores e alunos. 3. Educação física. 4.

Elaborada por Maria Carla Pascotte Freitas Gonçalves – CRB-8 6721

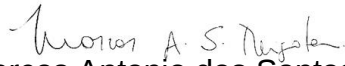
Kleber Trevisam

**O SER PROFESSOR: NARRATIVAS DO COTIDIANO
NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ACM DE
SOROCABA**

Tese aprovada como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: 10/02/2021

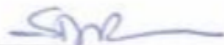
BANCA EXAMINADORA



Profº Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba



Profº Dr. Eder Rodrigues Proença
Prefeitura Municipal de Sorocaba



Profª Drª. Soraya Diniz Rosa
Universidade de Sorocaba



Profº Dr. Rafael Angelo Bunhi Pinto
Universidade de Sorocaba



Profª Drª. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho àqueles que, por estarem próximos a mim no dia a dia, acompanharam todo o processo de elaboração do presente estudo.

Aos meus pais, Nelson e Dircéia e minha irmã, Ketty, por se fazerem sempre presentes desde os tempos de faculdade em cada conquista alcançada.

Aos meus sogros, Antonio e Zilda, pelo constante incentivo e preocupação em perguntar sobre o andamento do trabalho e todo o entusiasmo e ansiedade com a proximidade do seu fim.

Para minha querida e amada esposa Cristina, presente em todos os momentos de desenvolvimento deste estudo, sabendo me manter motivado mesmo quando o desânimo insistia em aparecer e por se dedicar na leitura de parágrafos e mais parágrafos, finalizando-os sempre com ideias precisas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão do presente estudo é algo complexo quando se trata da análise das narrativas e da observação do cotidiano dos discentes da FEFISO. Não há como nominar todos aqueles que, em momentos diversos, abriram seus sentimentos para um professor atento e que se mostrava disposto a ouvi-los.

Tão importante quanto eles, agradeço ao meu orientador Marcos Reigota, por ter apoiado a ideia, ter dado o suporte necessário para a construção de tudo aquilo que estava por um longo período apenas no mundo das ideias e pelas observações necessárias para que a pesquisa e a escrita fossem desenvolvidas.

Ao meu amigo Maurício Massari pela lembrança de fatos/acontecimentos quando a minha memória falhava. Pelas conversas descontraídas que quase sempre terminavam em “*isso é Paulo Freire!*” e, principalmente, por ser um dos maiores incentivadores na realização do meu doutorado.

À minha amiga Íris Adriane Santoro Cardoso por me fazer sentir capaz, apoiando-me com palavras de carinho que serviam de estímulo e garantiram a autoestima necessária para, nos momentos de dificuldade, ter a tranquilidade de buscar as respostas que tanto procurava.

À minha amiga Gisele Oliveira que gentilmente aceitou corrigir o trabalho, dispendendo horas que poderiam ser utilizadas para seu lazer e que foram gastas na leitura e releitura do texto, verificando gramática, ortografia e normas.

Aos colegas de Doutorado que, com cada argumentação realizada durante os seminários, contribuíram para uma melhor delimitação do tema.

*“Que tenhamos a capacidade de
nos tornar a transformação que
queremos no mundo”
(COEN, 2019, p. 162).*

RESUMO

Como alguém se torna aquilo que é? Com esta pergunta inicial, a presente tese de doutorado tem por objetivo realizar a reflexão em torno do processo formativo e seu desenvolvimento profissional do discente de Educação Física, na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba (FEFISO). Como principais referenciais teóricos para o entendimento das narrativas ficcionais presentes, na compreensão do cotidiano e na formação profissional encontram-se os estudos de Peter Spink, Marcos Reigota e Paulo Freire, pois, a partir deles, o refletir sobre o processo formativo do discente no qual a observação do seu cotidiano dentro do ambiente escolar, o olhar e o ouvir do pesquisador se fazem sempre presentes, seja nas lembranças enquanto discente ou enquanto professor. Nas buscas por respostas, estas não são obtidas a partir de entrevistas, formulários ou qualquer outro meio formal, mas, sim, por meio das narrativas decorrentes de encontros informais nos espaços comuns da faculdade, em momentos de sala de aula, quando há posicionamento deles diante de algum fato, e que revelam aspectos particulares deles próprios. De maneira que, ao seu final, a partir da tecitura das respostas às questões iniciais, o “ser professor”, tanto do autor como dos seus alunos, pode ser compreendido a partir das análises presentes no cotidiano da instituição em questão.

Palavras-chave: Educação. Educação Física. Narrativas Ficcionalis.

ABSTRACT

How does one become what he is? With this initial question, the present doctoral thesis aims to reflect on the formative process and its professional development of Physical Education students, at the Physical Education Faculty of ACM in Sorocaba (FEFISO). The main theoretical references for the understanding of the fictional narratives present, in the understanding of daily life and professional training, are the studies of Peter Spink, Marcos Reigota, and Paulo Freire, since, from them, reflecting on the student's training process in which the observation of your daily life in the school environment, the look and hearing of the researcher are always present, whether in the memories as a student or as a teacher. In the search for answers, these are not obtained from interviews, forms, or any other formal means, but, rather, through narratives resulting from informal meetings in the common spaces of the college, in moments of the classroom, when they are positioned in the face of some fact, and that reveal aspects of themselves. So that, in the end, from the weaving of the answers to the initial questions, the "being a teacher", both author and his students, can be understood from the analyzes present in the daily life of the institution in question.

Keywords: Education. Physical Education. Fictional Narratives.

Lista de Fotos

Foto 1	Nestor Trevisam (E) e Albino Trevisam (D)	23
Foto 2	Eu (em cima da bola), Nelson (pai) e Nestor em 1977	23
Foto 3	Centro Esportivo “André Matielo” - Pinheiros (Sorocaba), Setembro, 1991.....	24
Foto 4	Goleiros do Juniores e Profissional, Esporte Clube São Bento, Estádio Humberto Reale (1994).....	26
Foto 5	Edward Kuo (D), representante da ACM de Changhua, e Maurício Massari (E), diretor da FEFISO, na reunião de Coalização das ACMs realizada na Tailândia.....	97
Foto 6	Reunião de Planejamento (YMCA – Changhua).....	98
Foto 7	Anotação em chinês das etapas a serem seguidas nas semanas subsequentes.	99
Foto 8	Brincadeiras brasileiras - Adoleta	100
Foto 9	Brincadeiras brasileiras – Escravos de Jó	101
Foto 10	Brincadeiras brasileiras – Pega-pega	101
Foto 11	Campo onde as aulas foram iniciadas	103
Foto 12	Área verde onde as aulas realmente foram realizadas	104
Foto 13	Hall de entrada da escola, utilizado como espaço para prática em dias de chuva	104
Foto 14	Momento de instrução.....	106
Foto 15	Lau Hiu Ki (KK) (D); Kim Chi (KF) (C) meus auxiliares	108
Foto 16	Entrevista à TV Changhua	112
Foto 17	Recepção no aeroporto de Taipei.....	116
Foto 18	Cardápio e primeira refeição em Changhua	117
Foto 19	Acesso ao alojamento da ACM em Changhua	118
Foto 20	Quarto do alojamento.....	119
Foto 21	Banheiro do alojamento	120
Foto 22	K.D. e eu na instalação do “novo” chuveiro	121
Foto 23	A hora do “rush” em Changhua.....	122
Foto 24	Templos em homenagem a Buda.....	123
Foto 25	Mercado de Rua em Changhua	124
Foto 26	Restaurante especializado em “Pato Caramelado”	125
Foto 27	“Restaurante” de Lamens	125

Foto 28 “Cozinha” de um “restaurante” de rua	126
Foto 29 Despedida de Changhua	128
Foto 30 O “novo local de trabalho”	133
Foto 31 Heidi (a gata) observando atentamente a aula	137

Lista de Figuras

Figura 1	Formulário de proposta de Novo curso de Graduação	35
Figura 2	Documento de aprovação do curso de Educação Física (Licenciatura) pelo Consu.	36
Figura 3	Recorte do Diário Oficial da União com o reconhecimento do curso em Educação Física (Licenciatura) da Uniso.	41
Figura 4	Modulação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da Uniso, 2013	42
Figura 5	Localização de Taiwan.....	96
Figura 6	Etapas para se desenvolver o ensino do Futebol aplicado durante o “Summer Camp”	99
Figura 7	Mapa representativo das distâncias percorridas do Brasil até Taiwan	114
Figura 8	Mapa de Taiwan.....	115
Figura 9	Sala de aula vazia e sala de aula remota cheia	132

Sumário

1	INTRODUÇÃO	14
2	OS CAMINHOS QUE ME LEVAM.....	18
2.1	A criação dos Cursos em Educação Física da Uniso	34
2.2	Múltiplas experiências	43
3	A EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÃO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DOS CURSOS.....	48
4	O COTIDIANO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA	56
5	NARRATIVAS FICCIONAIS	64
5.1	O que serei?	66
5.2	Barreiras/Obstáculos	74
5.3	Nostalgia, temores e liberdade	79
5.4	Sobre o corpo	86
5.5	Brasil, Futebol e Formosa (Taiwan).....	92
5.5.1	Expectativas/Realidades	96
5.5.2	Aprendizados	113
5.6	A solidão na sala lotada e os desafios da tecnologia	129
5.7	O “Ser Professor”	137
6	... E DO QUE EU LEVO.....	144
	REFERÊNCIAS.....	148
	APÊNDICE FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS.....	159
	Sobre as expectativas com o curso.....	159
	Sobre as rotinas no curso.....	162
	Sobre as reflexões que o curso desperta na formação	163
	Sobre as reflexões sobre o corpo.....	164
	Sobre as experiências em Formosa (Taiwan)	165
	Sobre o ensino remoto e a ausência de imagem do presente ..	167
	Sobre as reflexões de transição, o ser professor	168

1 INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado tem por objetivo realizar a reflexão em torno do processo formativo e do desenvolvimento profissional do discente de Educação Física, na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba (FEFISO), por meio da observação do seu cotidiano, no ambiente escolar, nos quais o olhar e o ouvir do pesquisador se fazem sempre presentes nas buscas por respostas aos seus questionamentos.

Quais histórias de vida carregam os discentes, que marcas eles trazem? Quais os motivos/razões que os levaram a escolher o curso de Educação Física? Quais expectativas eles trazem ao ingressarem? Como compreendem o seu processo de formação em professores de Educação Física? Quais são os aprendizados que levam ao final da graduação?

Na busca por essas respostas, entrevistas, formulários ou qualquer outro meio formal não se fizera presente. A partir da observação, no qual o olhar e o ouvir atentos, se fizeram fundamentais ao perceber a riqueza existentes nas narrativas dos discentes, decorrentes de encontros informais nos espaços comuns da faculdade, em momentos de sala de aula, quando há posicionamento deles diante de algum fato, e que revelam aspectos particulares deles próprios.

Neste aspecto, a fim de preservar a identidade daqueles que, espontaneamente, compartilharam aspectos importantes e íntimos de suas vidas, as narrativas aqui presentes não possuem identificação ou mesmo as características que levariam à identificação daqueles que as fizeram sendo, por isso, definidas como narrativas ficcionais.

Estudos utilizando das narrativas ficcionais não são novidades no meio acadêmico tanto que são inúmeros os trabalhos que se utilizam desta metodologia no seu desenvolvimento, entretanto, em pesquisas realizadas nas bases de dados do Google Acadêmico e do Portal de Periódicos Capes, porém, nenhuma delas tinha como enfoque, analisar o cotidiano no curso de Educação Física.

No âmbito do grupo de pesquisas “Perspectiva Ecologista de Educação”, da Uniso, sob a tutela do Professor Doutor Marcos Reigota, as narrativas ficcionais sempre estiveram presentes nos debates e estudos realizados, com produção acadêmica presente nos trabalhos de mestrado e doutorado.

As narrativas se fazem presentes em interlocuções, testemunhos, teorias, leituras, audições, vivências que, como o som, revelam seus fluxos na dinâmica do dia a dia da educação com o objetivo de revelar a ambiência sonora no contexto escolar como expressão sensível para a educação ambiental (CATUNDA, 2013, p.12), na tessitura de discursos produzidos no cotidiano, com os encontros e desencontros daqueles “transgressores” e “indisciplinados” que depositam suas esperanças no espaço escolarizado (VITÓRIO, 2017).

Narrando o visto/ouvido no cotidiano de uma creche para, a partir destes, relacionar Educação Ambiental com a Educação Infantil (PEREIRA, 2005), nas práticas pedagógicas em relação à homossexualidade, discursos, enfrentamentos, vivências e possibilidades de reflexão/ação (PROENÇA, 2009), por meio da escrita de cartas a Paulo Freire e sua rede (SILVA, 2017) e, também, buscando compreender qual a contribuição do mestrado em Educação na Uniso aos professores de Educação Física (MASSARI, 2014) e que são exemplos de trabalhos cuja pesquisa narrativa se fez presente.

“Como alguém se torna aquilo que é?” questionamento que até então nunca havia feito e que se faz presente no pensamento do Nietzsche, na obra *Ecce Homo*, pode ser considerado o estímulo que, surgido durante as aulas do Professor Doutor Marcos Reigota, no doutorado em Educação da Uniso, marcam o início desta tese.

A partir desta pergunta, inicio o processo de entendimento de todos os aspectos que me influenciaram e confluíram para aquilo que hoje sou e represento enquanto professor no curso de Educação Física na FEFISO.

Ao organizar minhas ideias no presente trabalho, partindo da minha trajetória de vida, procuro traçar os caminhos que me levaram e, ainda me levam, dentro da Educação Física, no sentido de que, para seguir nesse caminho, procurei realizar uma reflexão sobre a constituição dos cursos de Educação Física e como eles refletiram, à época, na minha formação como professor.

Além de refletirem na minha formação, as ideias advindas deste período em que atuei em diferentes práticas (tanto dentro quanto fora da Educação Física), quando amadurecidas e, a partir de mais estudos, possibilitaram um novo entendimento sobre a minha prática profissional que resultaram e se fizeram presentes na constituição da matriz curricular do curso de Educação Física da Universidade de Sorocaba (Uniso) e no convite para contribuir na reformulação dos cursos de Educação Física da FEFISO.

Desse modo, ao adentrar no cotidiano do curso de Educação Física da FEFISO, procuro localizar os lugares pelos quais a prática de pesquisa se mostrou e, ainda se faz presente e frequente.

Neste aspecto, o saguão da faculdade, considerado como principal ponto de convivência entre os discentes dos diferentes semestres, torna-se figura central a permitir o ver e o ouvir do pesquisador.

As salas de aulas e, aqui já deixo claro o entendimento de sala de aula não como o local fechado por paredes e cheio de carteiras, mas, também, as quadras, pistas e campos pelos quais conversamos, trocamos experiências, vivenciamos, ouvimos histórias de todos os atores que se fazem presentes neste palco.

A partir destas experiências, olhares e ouvires, permeio as narrativas ficcionais dos discentes com lembranças da minha própria experiência enquanto discente e, esse movimento, percebo-me fazendo o exercício de me ver a partir do discente e, com isso, melhor compreender um pouco daquilo que este sente durante a faculdade.

As narrativas são distribuídas de maneira a contemplar o que seria o percurso do discente desde a sua chegada à faculdade até o momento em que ele se vê professor durante o curso e com a sua conclusão.

As dificuldades por eles encontradas, momentos de superação, vitórias e decepções compartilhadas sendo não raro cercada por temores, seguem na busca por uma liberdade que é percebida a partir do momento em que ele se empodera dos seus conhecimentos e se sente livre para agir.

Liberdade essa que passa pelo entendimento sobre o corpo em que ideias preconcebidas fazem com que o discente o entenda, primeiramente, a partir de uma visão extremamente biologicista mas que, com o passar do tempo, passa a ser visto forma diferente ao deixar de lado expectativas de mercado, de imagem, percentuais de gordura, músculo e outras estatísticas que relativizam a história de vida das pessoas.

Dentro das narrativas que acontecem dentro da faculdade, ao trazer a experiência por mim vivida em Formosa (Taiwan) ao ser enviado pela FEFISO/ACM para ensinar futebol, procuro, a partir dela, compreender muitas das práticas que realizo com os discentes durante a faculdade, mas que, em um contexto cultural diferente, todas as técnicas e metodologias passam a ser secundárias, ao se observar o ato de aprender a partir do que se sabe e, por meio de vivências, possibilitar esse aprendizado.

Ao retornar para o Brasil e, iniciando 2020, com a surpresa indesejada da pandemia do Covid-19, vimo-nos todos em busca de alternativas para continuar a viver e continuar a ensinar.

Neste ponto, surge a tecnologia como “tábua de salvação” ao permitir a continuidade das aulas, mas, não sem antes exigir um grande esforço por parte de discentes e professor para conseguir aprender como essa “novidade” poderia realmente ser implementada.

Dificuldades com acesso, ausência de equipamentos, suspensão das práticas em laboratórios, quadras e piscinas que resultam em uma mudança na relação discente-professores-instituição pois, para assistir às aulas, a faculdade adentra na casa dos discentes que, por se sentirem invadidos em sua privacidade, mantêm as câmeras e microfones desligados, gerando a sensação de ter uma sala de aula lotada mas, ao mesmo tempo, fazer com que o professor se sinta sozinho na sua prática por não ver o discente.

O capítulo das narrativas ficcionais é finalizado com a reflexão em torno daquilo que o discente sente/percebe quando tem de atuar como professor durante o curso e, depois, quando finalmente conclui o curso.

Nos Fragmentos das Narrativas, as narrativas que foram utilizadas durante o estudo surgem divididas em diferentes contextos de modo que estes acabam por se constituir, de forma agrupada, no Capítulo 5.

Para finalizar, realizo uma reflexão em torno do que eu levo, não somente com a elaboração desta tese, mas como ela ajudou a responder a pergunta inicial originada na aula do doutorado sendo que, desta vez, tentando entender como eu, enquanto professor, consigo contribuir para alguém se tornar aquilo que ela é.

Para a realização, não somente desta última reflexão, mas como de toda tese, a obra de Paulo Freire mostrou-se de muita relevância, destacando-se os livros “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia”.

No entendimento sobre como desenvolver as narrativas e as narrativas ficcionais, Peter Spink e Marcos Reigota mostraram-se fundamentais para as interpretações realizadas.

Todos os demais autores presentes nas referências, cada um da sua maneira e, em momentos diferentes, fizeram com que a forma de se analisar o cotidiano na faculdade Educação Física fosse modificada e permitisse que, ao mesmo tempo em que ensina, aprendia com os discentes.

2 OS CAMINHOS QUE ME LEVAM...

[...] o pesquisador pode representar como um ator de teatro e na verdade representa um papel, quando se envolve e vivência culturas, hábitos e costumes de grupos muito diferenciados dos seus. Por mais verídico que seja o seu papel e por melhor que seja sua performance, ele está “representando” um papel com um tempo e espaço semi definidos. Ele não é um legítimo componente do grupo com o qual está vivenciando experiências cotidianas de vida. Será sempre o pesquisador vindo de um mundo à parte, distante daquele que quer conhecer e fazer conhecido. Será em muitos casos acolhido com votos de boas-vindas, mas não será conhecido pelo grupo com o qual convive como um dos seus (REIGOTA, 1999a, p.39).

O pesquisador, quando presente no cotidiano escolar, apresenta características que predominam e o diferenciam daqueles que são considerados seu objetivo de estudo. Ao ingressar no cotidiano escolar apresenta caminhos distintos que o fizeram chegar até aquele momento que, ao mesmo tempo, despertam a curiosidade em entender/compreender quais outros caminhos podem existir para se chegar e quais os desdobramentos que essas escolhas podem ter e que levam à descoberta de novas possibilidades de vida.

Esses caminhos permitem que, ao se perceber protagonista no “teatro da vida”, haja a construção do sujeito tal como ele o é, desnudar-se de todas as amarras que, muitas vezes, não permitem o reconhecimento de si, “expor a liberdade, a loucura, a aventura de desnudar(se) e de desconstruir cotidianamente os dispositivos de controle e de submissão às normas em ambientes de aprendizagem, experimentação e conexões” (RAGO, 2013 apud REIGOTA; BARCHI, 2018, p. 266). Em relação à identidade,

As identidades profissional, política, étnica, de gênero e geração são mutantes, o que faz com que a possibilidade de ser múltiplo, num contexto cultural outro que o seu de origem, pode trazer ao pesquisador dificuldades para estabelecer, no convívio cotidiano, relações de intimidade com os seus interlocutores que permitam a obtenção de dados preciosos (REIGOTA, 1999b, p.70).

A pesquisa no/do/com o cotidiano escolar permite compreender a complexidade existente no espaço tempo da escola, captar os saberes, os valores e as crenças que são tecidas no interior desta, permitindo se envolver e considerar todos os sujeitos escolares, (re)significando saberes/fazer/deveres e devires.

Neste sentido, uma pergunta considerada simples como “Quem sou eu?” incita uma reflexão em torno do que somos e nos leva a um segundo questionamento: “O que sou eu?”

Com isso, neste ponto, dou início a uma reflexão essencial para, a partir da compreensão em torno da minha origem, iniciar a “costura” de como nos tornarmos aquilo que somos. Destaco as considerações de Nietzsche (2008):

Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como alguém se torna o que é. E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo — do amor de si ... Pois admitindo que a tarefa, a destinação, o destino da tarefa, ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se com essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é (NIETZSCHE, 2008, p. 45).

A expectativa a respeito dessas respostas faz com que se incorra no erro de imaginar a vida como um roteiro de um livro no qual cabe a você definir como ele será classificado, se romance, aventura ou uma novela cheia de tramas e reviravoltas. A resposta para essas perguntas não é obtida de forma simples e sua reflexão faz com que, muitas vezes, tenhamos que fechar os olhos e pensar/refletir/repensar/analisar sobre os caminhos que nos levaram para onde estamos atualmente.

Minha presença dentro da sala de aula como professor no ensino superior, por mais que possa ter sido planejada, foi resultante de escolhas que, ao final, terminaram por me levar onde me encontro atualmente. Até onde irei, ainda? Fecho os olhos, inspiro, conto até três, expiro.

Abro os olhos, as carteiras enfileiradas, o quadro na parede, cadernos, canetas, caras novas nunca vistas antes, sentados, todos denotam certa ansiedade, insegurança, incertezas certas para alguns, certezas incertas para outros. Já estive ali, recordo-me. Permaneço em pé próximo ao quadro revirando a mochila em busca da tecnologia que garante o fascínio na sala de aula, uma garrafa de água e duas balas de menta. Ritual diário concluído tal qual como o jogador de futebol que outrora fora, quando ao entrar no campo precisava dar três toques em cada trave com os pés e tocar no travessão para, só então, sentir-se preparado para a partida após concluí-lo. Sinto neste momento ansiedade também, mas, por outro lado, a certeza de que estou no lugar certo, seguro do que tenho que fazer. Como professor entendo que este é o meu momento, mas nem sempre foi assim!

O primeiro dia de aula é repleto de sentimentos que muitas vezes são contraditórios, alegria por iniciar uma nova fase da vida cercado por incertezas a respeito da escolha realizada. Digo isso, pois neste dia, quase tudo é novidade, com exceção do conteúdo que será apresentado em instantes! Cronograma de aulas, sistema de avaliação, leituras, exercícios, ou seja, uma “enxurrada” de informações. Encontram-se em uma sala, 50, 60 e às vezes até 70 discentes, de idades diversas, vindos das mais diferentes localidades da região, com diferentes necessidades, anseios, desejos. Carregam consigo histórias de vida, de superação, dúvidas, incertezas e muitas vezes esperam encontrar respostas que os levem a determinar os rumos de suas vidas.

No primeiro dia, lá estão eles e eu! O silêncio ensurdecedor de uma sala cheia à espera das primeiras palavras do professor que, hesitante, começa a se apresentar e a contar um pouco de sua história dentro da Educação Física e um pouco do lado B (tal qual um vinil antigo!), a versão que leva a todos se identificar com algumas passagens.

Lembrando da minha história de vida, procuro identificar em que momento a Educação Física passou a ser considerada como uma ideia concreta e percebo, surpreso, que ela nunca foi.

“Como alguém se torna o que é?” o “pontapé inicial¹” para a vida, quais as referências, experiências positivas e negativas, vivências, convivências e sobrevivências fazem com que uma pessoa se torne aquilo que ela é e que culminam com a minha presença no curso de Doutorado em Educação pela Universidade de Sorocaba.

A primeira vez que ouvi a frase, durante uma aula do professor Marcos Reigota, que solenemente a me dirigiu, finalizando “*isso é Nietzsche, Kleber*”. *Ecce Homo, Assim Falou Zaratrusta*, trouxeram curiosidade, dúvidas, êxtase instigando-me a busca por quais aspectos considero essenciais para a minha constituição atual.

Atual, pois no decorrer dos tempos, passar dos anos, várias foram as formas em que me vi e como fui encarado sendo que, hoje, percebo que todos me acham engraçado.

Não que me considere engraçado, mas creio que a forma como encaro as dificuldades ou as tarefas do dia a dia me fazem ser visto desta maneira. Várias foram

¹ Pontapé inicial como alusão ao início de uma partida de futebol utilizado tradicionalmente por narradores esportivos.

as situações em que, envergonhado, ouvi e observei o consentimento dos presentes, a respeito da minha maneira “divertida” de ser. Explico. Quando iniciei na Universidade de Sorocaba (2006), como técnico em Educação Física no Núcleo de Esportes e Recreação da Uniso (NERUS), fui apresentado pela minha coordenadora Prof. Bernardete a todos professores e técnicos administrativos integrantes do Programa Unisaúde²:

“Hoje posso dizer que estou satisfeita pois, com a chegada do Kleber, temos uma equipe completa. Os melhores estagiários em Educação Física, o Maurício com toda a sua expertise e o Kleber que agora chega que é divertidíssimo.”

Provavelmente, essa afirmação feita por ela possa ser devido ao fato de termos, até então, convivido pouco tempo e, por consequência, a ausência de mais informações a respeito das minhas qualidades possa tê-la feito optar por uma que facilitasse a minha aceitação pelos demais.

Anos mais tarde (2012), quando sendo apresentado mais uma vez, só que agora na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba, pela então diretora, Profa. Miriam, que mais uma vez destaca o caráter divertido do meu ser:

“- Hoje, apresento aos demais professores, dois novos colegas. A Adriana (contratada para os componentes de Ginástica e Didática) e o Kleber. A Adriana, aquela aluna que todos nós sabíamos que se continuasse com os estudos cedo ou tarde retornaria à instituição como professora e o Kleber que possui experiência na sua área, o futebol, e é muito divertido”.

Será que realmente sou tão divertido assim?

Ao ler os agradecimentos na tese de doutorado (2014) escrita pelo meu amigo Maurício Massari, na qual colaborei com uma narrativa apresentando as minhas percepções em torno das contribuições que o mestrado em Educação na Uniso trouxe para meu desenvolvimento profissional, fico lisonjeado e, ao mesmo tempo, intrigado,

² Programa Unisaúde – Harmonia Corporal e Mental no Trabalho que visa oferecer mais qualidade de vida aos colaboradores da Uniso, por meio de atividades físicas, nutricionais e laborais, promovendo a adoção de hábitos saudáveis e a diminuição de frustração e estresse provocados pelo cotidiano da vida do trabalho.

“Ao irmão Kleber Trevisam! Pelos papos, ideias e, claro, risadas!”

Realmente, sou divertido e essa afirmação ganhou ainda mais força durante as aulas no segundo semestre de 2019, quando o colega, José Neto, aponta que é interessante me ver falando um assunto de maneira séria.

Quais os motivos, então, que fazem com que eu passe essa impressão? A questão proposta por Nietzsche (2008, p. 45) em *Ecce Homo*:

[...]como alguém se torna o que é admitindo que a tarefa, a destinação, o destino da tarefa ultrapassem em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se com essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista, possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além da tarefa.

Compreendo que a forma como encaro as experiências cotidianas que surgem fazem com que as pessoas tenham a impressão de descontração.

Ao iniciar mais um componente curricular no doutorado, com a Professora Doutora Vilma Nista-Piccolo, ela pergunta a todos o que seria ciência na nossa opinião, como era entendido o doutorado e quais seriam as expectativas. Dentre respostas que variavam entre tensão, medo, preocupação, estresse com relação à nova empreitada, a minha resposta destoou das restantes ao afirmar que esperava aproveitar da melhor maneira cada momento. Creio que isso é um ensinamento que vem da minha família, a noção de aproveitar cada momento como se fosse (e, realmente é) único.

Nascido próximo ao carnaval, no dia 26 de fevereiro de 1976³, conforme relatos de minha mãe, enquanto ela se recuperava de uma cesariana, meu pai comemorava o nascimento do primeiro filho.

Venho de uma família em que meus tios foram jogadores de futebol com considerável destaque em Sorocaba e cabia a mim dar sequência à saga dos Trevisam no futebol pois, enquanto um tio (Nestor Trevisam, foto 1) atuou como volante no Esporte Clube São Bento de Sorocaba (SP) nos anos 60, ajudando o São

³ Neste ano o carnaval aconteceu foi no dia 02 de março, mas, como é tradicional, já no sábado iniciam-se as festividades.

Bento a subir da segunda para a primeira divisão tendo atuado, também, em times dos Estados Unidos e de El Salvador, o outro, Bino (Albino Trevisam, foto 1), atuou como goleiro no Esporte Clube São Bento nas categorias de base, na década de 70, obtendo destaque no Futebol de Salão na equipe do Votocel, sendo tetracampeão do Cruzeiroiro (76, 77, 78 e 79), ou seja, desde o meu nascimento, estava fadado a ser jogador de futebol.

Foto 1 - Nestor Trevisam (E) e Albino Trevisam (D)



Fonte: Elaboração própria

Inúmeras são as fotos de minha infância em que a bola e o campo de futebol estão presentes:

Foto 2 - Eu (em cima da bola), Nelson (pai) e Nestor em 1977



Fonte: Elaboração própria

Segui essa busca no decorrer dos anos, passando por toda a minha infância e adolescência onde o horizonte no futebol parecia estar mais próximo e claro.

Digo isto pois, sendo um caso típico de especialização precoce no esporte, com 14 anos já viajava como atleta de equipes de futebol e futsal (foto 3), seja representando Sorocaba na seleção de futsal, seja nas equipes amadoras de diferentes agremiações na categoria adulta.

Foto 3 - Centro Esportivo “André Matielo” - Pinheiros (Sorocaba), Setembro, 1991



Fonte: Elaboração própria

O treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas (KUNZ, 2006, p.49).

Tudo isso parte dos preparativos para minha chegada ao futebol profissional sendo que, para isso, bastava ter boas notas na escola. Essa cobrança partia dos meus pais por entenderem a importância dos estudos para minha formação e, como ambos haviam estudado até ao que hoje é tido como ensino Fundamental II, provavelmente, esperavam que seu filho não seguisse o mesmo caminho.

O fato é que, conseguia, sem muito esforço, obter notas que me garantiam o “direito” de continuar no futebol, pois, apesar de não ser um discente de destaque positivo em sala, também não era um destaque negativo. Procurava, na medida do possível, passar sem ser notado.

Em 1991, com a fundação do Clube Atlético Sorocaba, o desejo de atuar profissionalmente parecia estar finalmente próximo especialmente com o recebimento do convite para integrar o elenco das categorias de base do clube.

Com 15 anos chegava a um clube de futebol profissional e, logo no primeiro dia, começo a treinar junto com os profissionais. Deslumbre, encantamento e a certeza de que dali não sairia mais. Estudava pela manhã e treinava à tarde junto com os profissionais. Preparação física, técnica, tática, jogos amistosos, listas de convocação para concentração, campeonatos e notas baixas na escola.

Após três anos de enorme aprendizado no futebol, surge o primeiro dilema, ou melhorava as notas ou terminava ali minha, até então, promissora carreira futebolística!

Era o período dos vestibulares e as notas não se apresentavam de acordo para que conseguisse concluir o ensino médio e poder prestar os principais vestibulares para o qual havia feito inscrição.

Faltei uma semana inteira aos treinamentos para recuperar o tempo perdido na escola, alavanquei as notas e consegui retornar aos campos. Entretanto, no retorno, meu lugar já havia sido preenchido por outro e, ao ouvir que a partir daquele dia precisaria lutar para reconquistar um espaço que, para mim era já adquirido (inocência e ego em alta neste momento), decido por pedir dispensa do clube e buscar por uma oportunidade em outro lugar.

A oportunidade surge no mesmo clube em que meus tios obtiveram destaque e reconhecimento, o Esporte Clube São Bento. Conversa com os responsáveis pela base, período de testes e aprovação. Após um período de 6 meses de avaliação e com a minha carta de dispensa assinada, integro-me à equipe de juniores e, em pouco tempo, passo a participar dos treinamentos junto aos profissionais (foto 4).

Foto 4 – Goleiros do Juniores e Profissional, Esporte Clube São Bento, Estádio Humberto Reale (1994).



Fonte: Elaboração própria

O universo do esporte de alto rendimento faz com que a todo instante haja a necessidade de superar limites, sejam estes impostos por terceiros ou aqueles que você se impõe.

Entretanto, mesmo com uma ideia fixa em me tornar um jogador profissional, procurei estabelecer um plano B baseando-se na simples pergunta:

“-E se todo o esforço, no final, não for suficiente. O que farei?”

Com isso, ingresso na faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba na ideia de tê-la como um plano “B”. Mal sabia que este se tornaria o plano “A” mais rápido do que imaginava, pois conciliar estudos com treinamentos cada vez mais desgastantes fizeram com que, em determinados momentos durante as aulas, a fadiga “falasse mais alto” e eu então dormia.

A mudança de planos surge a partir de uma lesão no tornozelo que obrigou meu afastamento dos treinamentos por um período de três meses e, aquele que era meu plano “B” torna-se, enfim, o plano “A”.

Sem lugar e possibilidades de me tornar profissional no futebol, estudar para me tornar um profissional em Educação Física e trabalhar com futebol passa a ser o

objetivo principal que, ao final de quatro anos de curso, ainda levaria um tempo a ser concretizado e, quando ocorre, não foi da maneira como esperava, mas me fez ter certeza sobre as escolhas até então feitas.

Na faculdade, identifiquei-me com a proposta existente para a Educação Física baseada no desenvolvimento de corpos atléticos cujo rendimento era entendido como objetivo fim das práticas, ou seja, tudo aquilo que sempre sonhei.

A partir de 1992 e, de acordo com a pesquisa realizada em meu histórico escolar do período, foi implantada a nova grade curricular, contemplando 3156 horas/aulas para o curso de Licenciatura Plena em Educação Física, passando a ser realizado em 08 semestres letivos, em que a predominância de componentes esportivos e biológicos iam ao encontro do que eu esperava para o curso.

Tabela 1- Matriz curricular do curso de Licenciatura Plena da FEFISO/ACM em 1994 (autor)

	Componente Curricular	Carga Horária
Biológicas	Anatomia Aplicada à Educação Física I e II	102
	Aprendizagem Motora	034
	Biologia Humana I e II	102
	Bioquímica e Nutrição	034
	Cinesiologia I e II	102
	Desenvolvimento Motor	034
	Fisiologia do Exercício I e II	102
	Higiene I e II	068
	Socorros de Urgência I e II	068
Esportivas	Atletismo I e II	102
	Basquetebol I e II	102
	Dança	034
	Futebol I e II	068
	Ginástica I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII	408
	Handebol I e II	068
	Lazer e Recreação I e II	102
	Medidas e Avaliações em Educação Física I e II	102
	Metodologia do Treinamento Esportivo I e II	068
	Natação I e II	034
	Organização da Educação Física e dos Desportos I e II	068
	Rítmica I e II	068
	Voleibol I e II	102
Humanas	História da Educação Física e a Sociedade	034
	Estudos dos Problemas Brasileiros I e II	136
	Ética Profissional	034
	Filosofia da Educação I e II	068
	Psicologia da Educação I e II	102
	Sociologia I e II	068
Pedagógicas	Didática Geral e da Educação Física I e II	102
	Educação Infantil I e II	068
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus I e II	068
	Estatística e Metodologia da Pesquisa Científica I e II	068
	Língua Portuguesa I e II	068
	Prática de Ensino I e II	068
	Estágio Supervisionado I, II e III	300
	Total Geral	3156

Fonte: Elaboração própria

As práticas esportivas, treinamento desportivo, biologia e fisiologia do exercício entre outras práticas se constituíram em tudo aquilo que imaginava para futuro como profissional. Filosofia, Sociologia, História entre outros componentes curriculares da área de humanas não atraíam o interesse e, não raras vezes, ficaram em segundo plano.

O estágio obrigatório, cujo objetivo é possibilitar ao discente um contato mais próximo com a prática profissional, constituiu-se no principal desafio ao se aproximar do final do curso devido à necessidade de se realizar 300 horas, conciliando com o trabalho.

Ao me afastar do futebol e com a necessidade de pagar as mensalidades da faculdade, comecei a trabalhar sendo que, no único dia em que era dispensado para a realização dos estágios, a procura por locais onde não houvesse a necessidade de ficar durante um longo tempo, arbitrar jogos de futebol de salão em torneios interclasses, cobrir a ausência de um professor por algumas horas em escolas de ensino infantil, visita a centros esportivos foram a “tônica” do estágio.

A Licenciatura Plena em Educação Física, ao permitir atuar profissionalmente em todas as áreas da Educação Física, desde o ensino básico até em clubes, academias de ginástica, empresas, indústrias, clínicas, hospitais, hotéis, parques, meios de comunicação e residências, a partir da experiência do estágio, não conseguiu apresentar ou, pelo menos, impossibilitou uma vivência mais próxima do que seria a prática profissional.

Ao concluir o curso, vejo-me perdido sem saber para onde ir e o que fazer. Encontro-me ao ensinar futebol para crianças na escola oficial do São Paulo Futebol Clube o que, hoje, permite a análise em todas as possibilidades que surgiram com o esporte, dentre as quais, chegar ao ensino superior como professor do componente Futebol e viajar para o outro lado do mundo (Taiwan/Formosa) para fazer aquilo para o que me preparei.

No período em que estive na escola de futebol, realizei um curso de pós-graduação em Fisiologia do Exercício, pois entendia que a necessidade de se aprofundar em aspectos fisiológicos do corpo humano consistiria em um diferencial que me aproximava, ainda mais, das práticas as quais tive enquanto jogador de futebol e que serviram de estímulo para ingresso no curso de Educação Física.

Contudo, este período foi marcado por uma mudança na compreensão do processo de ensino e aprendizagem na iniciação esportiva, pois, a partir das vivências/experiências adquiridas com o esporte e, uma mudança nas concepções em torno delas, percebi a capacidade de mudar a forma na qual o aprender no e pelo esporte era, então, entendido.

Até aquele momento compreendia o processo de formação esportiva a partir dos referenciais advindos do alto rendimento, treinadores e preparadores que possuíam formação tecnicista onde, “tudo começa pelo aquecimento e pelo alongamento, depois vem a parte principal da aula, em que se desenvolvem os fundamentos técnicos do jogo de forma descontextualizada” (SCAGLIA, 2014, p. 294) para, ao final, realizar-se o jogo.

Vinha de uma experiência no alto rendimento que se demonstrou ser cheia de sacrifícios e dificuldades e me deparei com crianças com os mesmos sonhos e desejos que outrora tive. As possibilidades de fazer diferente, de permitir um aprendizado real da modalidade e não de uma especialização na qual as sobrecargas existentes durante os treinamentos poderiam resultar em prejuízos físicos e psicológicos, fizeram com que passasse a ter um olhar diferenciado sobre a iniciação esportiva ao entendê-la, realmente, como um momento em que as vivências que a criança terá serão fundamentais para o seu desenvolvimento integral, seja no futebol ou em qualquer outro esporte.

O cotidiano do esporte de alto rendimento é extremamente excludente, pois os objetivos se baseiam no melhor rendimento possível a ser alcançado e quando surge alguém com um desempenho superior ao seu ou em caso de afastamento por lesão (por exemplo), facilmente é substituído e descartado como um objeto com defeito ou que perdeu a utilidade.

Para Marques, Gutierrez e Almeida (2008), as formas de manifestação do esporte são compostas por três esferas interligadas: Ambiente da prática que engloba sua esfera social e diz respeito aos meios profissional, não profissional e escolar; Modalidade da prática, diz respeito às diversas modalidades esportivas que se caracterizam por regras, normas de ação e formas de disputa próprias, e compõem universos diferentes; Sentido da prática, diz respeito às razões e os valores transmitidos por ela e deriva das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos, que exercerão influência sobre a concepção da atividade, e lhe dão significado.

Portanto, caberá ao indivíduo definir dentro daquilo que ele analisa e interpreta a partir da prática esportiva, se este será entendido como uma prática voltada ao rendimento físico para participar em competições, se será entendido como uma ação voltada para o lazer ou como uma forma de manutenção da saúde.

Para Venlloles (2001), o ensinamento da prática do futebol, desde a iniciação até a idade adulta, pode ser considerado um autêntico processo formativo, seguindo uma proposta pedagógica que atende de maneira efetiva às mais diversas faixas etárias, respeitando o discente como um ser, e não o tratando como um produto, ou um robô que estará sempre pronto para realizar as tarefas impostas ou como reproduzidor de práticas realizadas por profissionais.

Com isso e, compreendendo o processo de ensino-aprendizagem como prática essencialmente humana, a didática desenvolvida segue no sentido que a aprendizagem se torna um fim no qual a técnica, ou seja, as habilidades relacionadas ao futebol assumam um papel não só de se conhecer e se reconhecer pelo esporte.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, já indicava a respeito da necessidade de se ter bom-senso no desenvolvimento da prática profissional:

O exercício do bom-senso, com o qual só temos o que ganhar, se faz no “corpo” da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom-senso (FREIRE, 2016, p. 61).

Neste ponto e, agora refletindo, percebo que, apesar de na faculdade me lembrar vagamente de Paulo Freire, ele, por sua vez, esteve mais próximo de mim do que podia conscientemente imaginar.

A busca por afirmação, melhores oportunidades e desafios fez com que eu deixasse a escola de futebol em busca de novo caminho. Para chegar à situação em que me encontro atualmente, trilhei um caminho um tanto quanto tortuoso e muito fiz fora da Educação Física.

Trabalhei em um açougue como responsável pela emissão de notas fiscais, ajudei a família como garçom em um restaurante, realizei entregas de mercadorias para empresas variadas pelo interior de São Paulo e trabalhei como balconista em uma loja de autopeças.

A realização de trabalhos fora do campo da Educação Física mostrou-se importante para constituição do que hoje sou, pois, mesmo não estando nela, ela nunca deixou de me acompanhar, uma vez que, por exemplo, no açougue, quando aconteciam acidentes com cortes, era eu o encarregado dos primeiros socorros já que, na faculdade, tinha aprendido como proceder nestes momentos.

Na entrega de mercadorias, aspectos importantes para a prevenção de acidentes e lesões faziam-me, sempre, indicar qual a melhor forma de se carregar uma caixa, levantá-la do chão ou distribuir o peso da melhor forma a fim de se evitar sobrecargas desnecessárias.

Na loja de autopeças, seja na leitura e interpretação de exames médicos ou mesmo indicando quais seriam as melhores práticas para se evitar dores nas costas faziam parte de um cotidiano no qual os conhecimentos sobre fisiologia humana, exercício físico ou esportes de nada adiantavam diante do meu total desconhecimento sobre mecânica automotiva e que me causavam descontentamentos.

Entretanto, neste período, conciliei o trabalho na loja de autopeças com o trabalho temporário na Universidade, ao receber o convite para substituir um amigo que sairia em férias na Academia da Universidade de Sorocaba (UNISO).

Findo esse período e, com a saída de um dos profissionais do departamento, recebo o convite para assumir a vaga atuando com Ginástica Laboral e, a partir disso, ampliar os desafios e horizontes no desenvolvimento e implementação de diversos projetos voltados tanto para a comunidade interna como externa.

O trabalho dentro da Uniso, no Núcleo de Esportes e Recreação da Uniso (NERUS), pode ser um divisor de águas no que concerne à minha atuação profissional, pois, até então, vinha de um período de trabalho com o ensino do futebol com crianças na Escola Oficial do São Paulo Futebol Clube, em Sorocaba e Porto Feliz. Na Uniso, as possibilidades se apresentaram mais amplas e do Unisaúde para o desenvolvimento de projetos variados na área da Educação Física não demorou muito.

O retorno ao futebol, agora na organização do principal torneio de futsal Universitário da região, a Taça Uniso, contava com a participação de mais de 500 discentes dos diferentes cursos da universidade e ocorria sempre no primeiro semestre.

Antes como jogador, depois como professor para crianças e agora na organização de torneios, voltado como prática de lazer, mas na qual universitários,

espelhando-se em profissionais, procuravam na quadra, alguns minutos de “glória” dentro do esporte universitário sendo que não foram poucos momentos em que os “louros das conquistas” eram permeados por confusões e brigas nas quais procurava observar os fatos para, depois, realizar os relatórios que resultariam em punições atléticas ou acadêmicas aos brigões.

Entretanto, o futsal não ficou restrito à organização de eventos e projetos, pois também encontrei na sua vertente social um meio para a inserção de crianças ao ambiente da universidade, com o projeto “Amigos da Uniso”, no qual crianças de comunidades periféricas de Sorocaba podiam, durante a semana, participar das aulas de futsal e, aos sábados, no período da manhã, realizar atividades transversais.

Para alcançar de maneira plena os princípios sócio educativos contemplados pelo projeto, era preciso que ele não ficasse restrito apenas à prática esportiva. Levando em consideração o volume e velocidade de informação na qual a sociedade encontra-se atualmente e haver o privilégio do saber e a obtenção de conhecimentos, procurou-se desenvolver atividades transversais que permitiam ao discente a capacidade de desenvolver o senso crítico, assumindo o seu papel de agente transformador da realidade. Dessa forma, o aprendizado de informática básica, educação financeira e encontros com os discentes de terapia ocupacional na realização de oficinas de atividades manuais, fizeram do projeto uma das experiências mais gratificantes das quais pude participar.

Além das práticas de quadra, a organização de duas corridas de rua dentro no Campus Raposo constituiu-se em um dos maiores desafios deste período ao abrir o campus da universidade para a realização de um evento com mais de 300 pessoas de toda a região para correr em um percurso até então inédito na cidade.

Outros projetos também fizeram parte deste meu período enquanto técnico de esportes na universidade. Projetos voltados tanto à comunidade interna como externa da universidade possibilitaram a diversificação nas práticas e áreas de atuação nas quais voleibol e basquetebol voltados à terceira idade, yoga, musculação, treinos, aulas, atividades com funcionários, discentes, idosos, crianças fizeram parte de um período de crescimento profissional que culmina com a coordenadora do NERUS, Prof^a Bernardete Stecca Moreira, chamando-me e dizendo:

“ Seria importante você fazer o mestrado pois, a universidade logo irá abrir um curso em Educação Física e, para poder estar nele é preciso ser mestre”.

É início de 2008 e lá vou eu para mais uma etapa, o mestrado em Educação que, até então, não tinha compreensão clara de como ele viria resultar em uma visão diferenciada em torno de fatos e acontecimentos e que, por consequência, refletiria no que sou hoje.

Com o retorno à sala de aula, sentindo-me um tanto deslocado, com professores falando sobre autores aos quais nunca havia ouvido, Filosofia, História das Teorias Educacionais, Seminários, leituras, livros, artigos, linhas de pesquisas, novas formas de ver, compreender e sentir.

Massari (2014, p.170), em sua tese na qual estudou as contribuições do mestrado em Educação da Uniso aos professores de Educação Física, afirma que, “o mestrado auxiliou na compreensão de que a Educação é uma forma de intervenção no mundo, nas pessoas e em suas reflexões críticas, nas visões de mundo, e, conseqüentemente, intervenção no meio ambiente”. Com essa reflexão ele pode compreender que a Educação Física, a partir de suas práticas pedagógicas, políticas e sociais possibilita, de maneira consciente, sua contribuição pedagógica, cultural, social e ambiental.

Ao adentrar neste universo, ainda não tinha compreensão do seu significado ou das mudanças que o mestrado me traria. Nele fui ter contato real com o trabalho científico e que na faculdade nunca havia feito nada parecido. ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), Marx, Engels, Sanfelice, Castellani, Darido e Rangel, Souza Neto, Nosella, Buffa, entre outros autores, fizeram com que não só concluísse o mestrado⁴ mas, também, perceber o mundo de uma maneira muito mais crítica, na qual, com a leitura de Lino Castellani Filho em “Educação Física no Brasil: a história que não se conta” (1991) apresenta uma visão marxista ao recontar a história da Educação Física no Brasil dando ênfase aos aspectos ideológicos que estiveram por trás do seu desenvolvimento.

Sanfelice, ao qual neste trabalho procuro corrigir uma injustiça presente a partir da releitura da minha dissertação de mestrado ao verificar que não inclui seu nome nos agradecimentos, fato que me trouxe grande tristeza, pois ele permaneceu como orientador do trabalho em quase sua totalidade sendo substituído pela Prof^a Vania

⁴ TREVISAM, Kleber; BOSCHETTI, Vania Regina. A trajetória de um curso em Sorocaba: da Escola Superior de Educação Física à Faculdade de Educação Física da ACM. Sorocaba, SP, 2010. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2010

Boschetti em razão de seu desligamento da instituição, somando ao fato de haver participado como membro da banca avaliadora na apresentação sendo que, foi a partir da leitura de Sanfelice (2006) que iniciei minhas pesquisas a partir do questionamento a respeito de quais significados estão presentes ao se estudar uma instituição escolar, sua identidade, singularidade e o que ela institui para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida?

Outros autores também contribuíram com os estudos no mestrado e com o desenvolvimento de um senso crítico em torno da constituição das instituições escolares, dentre os quais destaco Nosella e Buffa (2005), que apontam sobre a importância de se analisar de forma crítica as leituras sobre o que é produzido nos estudos sobre instituições escolares e como elas contribuíram na escolarização brasileira.

Com Darido e Rangel (2005) e Souza Neto (2004), a importância de se analisar como os objetivos e propostas educacionais da Educação Física modificaram-se ao longo dos anos e influenciam a formação profissional e suas práticas pedagógicas.

Além destes autores pude, no mestrado, estudar a constituição do curso de Educação Física na cidade de Sorocaba até a sua incorporação pela Associação Cristã de Moços de Sorocaba (ACM), onde é inegável a sua importância para a manutenção do curso.

Antes mesmo de terminar o mestrado, a Uniso solicita à Prof^a Bernardete a elaboração de um projeto para a abertura de um curso de Educação Física e surge a possibilidade de desenvolver um pouco daquilo que o mestrado havia me trazido, ao contribuir na constituição de um curso superior que, por sua vez, teria como princípio formar discentes críticos, cientes de seu papel na sociedade contemporânea.

2.1 A criação dos Cursos em Educação Física da Uniso

Construir um curso de Educação Física a partir daquilo que se entende ideal para a formação profissional e, principalmente, procurar fazer algo diferente daquilo que já existia em outras instituições, acabou sendo o principal propósito durante os estudos para sua criação.

Qual seriam os componentes curriculares considerados ideais para trazer ao discente uma formação mais ampla possível?

Em uma universidade, Uniso, onde há uma variedade de cursos, o primeiro objetivo foi o de verificar com quais cursos já existentes haveria a possibilidade de integração da proposta e, por consequência, o compartilhamento de componentes curriculares. Desta forma e, num primeiro momento, Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Terapia Educacional, Pedagogia e Fisioterapia, constituíram-se nos principais cursos em que se observava essa relação. A figura 1 apresenta o formulário de proposta do curso:

Figura 1 – Formulário de proposta de Novo curso de Graduação

Formulário síntese para proposta de Novo Curso de Graduação:
informações básicas para análise de viabilidade e autorização de criação

obs.1: não preencher caso não consiga todas as informações básicas, informando “Não”

Nome(s) do proponente(s): Bernardete Stecca Moreira

E-mail do(s) proponente(s): bernardete.moreira@prof.uniso.br

1 Nome do Curso proposto: Educação Física

1.1 Com quais outros cursos da Uniso (novos ou não) a proposta estará integrada?
Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Terapia Educacional, Pedagogia e Fisioterapia

2 Modalidade: ☐ Bacharelado ☒ Licenciatura ☐ Tecnológico;

2.1 O curso é uma profissão regulamentada? Qual é a Lei: 9696/98 – Regulamenta e cria o Conselho Federal de Educação Física (Confef) e os Conselhos Regionais de Educação Física (Crefs).

3 O curso pode ser integrado? Somente para resposta positiva, responda:

Fonte: Elaboração própria

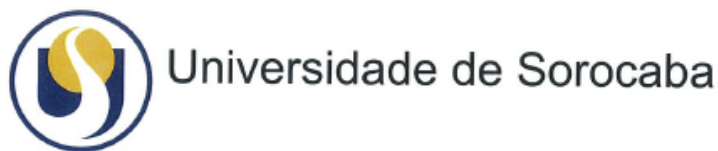
O perfil do futuro profissional em Educação Física formado pela Uniso pela Uniso seria o de apresentar competências relativas à compreensão do papel social da escola, ao domínio do conhecimento pedagógico e de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica e competências referentes ao domínio dos conteúdos específicos da Educação Física, seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar.

Ademais, ser capaz de pesquisar, conhecer, compreender, analisar e avaliar a aplicação, dentro do ambiente escolar, das atividades relacionadas aos campos da educação e reeducação motora, da formação cultural e esportiva, da prevenção e da promoção da saúde, do lazer, da gestão de eventos e da inclusão.

Desse modo, após muitas discussões e burocracias concluídas, em 2009, tem-se a aprovação do curso de Licenciatura em Educação Física (Figura 2) com sua

respectiva matriz curricular, criação do Projeto Político Pedagógico do Curso⁵ e a abertura do processo vestibular para ingresso de discentes que, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação 2/2002, contemplaria o mínimo de 3 anos para a sua integralização.

Figura 2 – Documento de aprovação do curso de Educação Física (Licenciatura) pelo Consu.



Resolução Consu nº 034/09

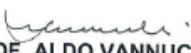
APROVA CRIAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Reitor da Universidade de Sorocaba, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, tendo em vista o que deliberou o Conselho Universitário, em sua reunião de 24 de agosto de 2009,

RESOLVE:

- Art. 1º Fica aprovada a criação do **Curso de Educação Física**, licenciatura, com duração de seis semestres.
- Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na presente data, revogadas as disposições em contrário.

Sorocaba, 25 de agosto de 2009.


PROF. ALDO VANNUCHI
Presidente

⁵ Aprovado em 26 de abril de 2010 pelo Conselho Universitário da Uniso (CONSU), órgão máximo de natureza normativa, deliberativa, consultiva e recursal da Universidade, é composto por representantes dos Docentes, do Pessoal Técnico-Administrativo e dos Discentes da Instituição, e por representantes da Entidade Mantenedora e da Comunidade Externa.

Para a escolha dos componentes curriculares a serem contemplados em sua matriz, procurou-se trazer um certo “equilíbrio” entre as diferentes necessidades para a formação profissional, trazer certa dinâmica que trouxesse ao discente o interesse pelos estudos e, ao mesmo tempo, adequa-se a estrutura física existente na instituição que, para o curso de Educação Física, consistia de um Ginásio e uma quadra poliesportiva, no Campus Trujillo, Laboratório de Expressivas, Laboratório de Biologia, Laboratório de Anatomia, na Cidade Universitária.

Muitos dos componentes tiveram um toque pessoal dos responsáveis pela sua constituição. Um curso feito a seis mãos onde, eu, Maurício Massari e Bernardete Stecca Moreira, contribuímos com a personalização dos componentes curriculares quando do desenvolvimento das ementas.

Dentre as ementas, alguns componentes curriculares, apresentaram certo ineditismo, como em “Vivências Corporais” e “Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola”.

Em “Vivências Corporais” o principal objetivo era o de introduzir ao discente os conceitos e práticas da Cultura corporal do movimento a partir da consciência de si e sua atitude corporal no qual as práticas corporais se baseavam na realização das atividades em três níveis: observação, planejamento e práticas de aprendizagem.

Em “Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola” o propósito era o de procurar compreender os diferentes significados, definições e parâmetros para se entender a qualidade de vida. O discente, com base em sua análise e associando a educação para a saúde a partir de atividades físicas, compreenderia com deve ser a estruturação de ambientes saudáveis e como se dá a intersectorialidade entre educação – saúde – meio ambiente bem como quais são as possibilidades de estruturação de programas de qualidade de vida voltados para o ambiente escolar.

Principalmente neste componente, a ideia surge com a participação no Programa Unisaúde, onde procurava-se a partir do entendimento do ambiente de trabalho trazer uma melhoria na Qualidade de Vida do funcionário da Universidade. Com isso, emerge a ideia de fazer com que o discente em Educação Física compreenda não somente o que é Qualidade de Vida, mas, principalmente, quais são os aspectos existentes para todos os envolvidos na comunidade escolar e como podem ser desenvolvidos projetos que atendam a todos.

A inexistência de um espaço próprio para as aulas de Futebol, Atletismo e Natação, fizeram com que esses componentes curriculares ficassem localizados no último ano do curso a fim de se conseguir tempo para encontrar esses espaços.

Tabela 2 – Matriz do 1º Curso de Educação Física (Licenciatura) da Uniso.

	DISCIPLINA	CR	CH
1º Período	Introdução à Educação Física	02	40
	Educação Física: Teoria e Prática	02	40
	Filosofia da Educação	02	40
	Pedagogia do Movimento 1: Futsal	02	40
	Citologia, Histologia e Embriologia	04	80
	Prática de Ensino: Jogos Cooperativos	04	80
	Sociologia e Educação	04	80
2º Período	História da Educação	02	40
	Ginástica Escolar	02	40
	Pedagogia do Movimento 2: Voleibol	02	40
	História da Educação Física: Tendências e Abordagens	02	40
	Anatomia	04	80
	Língua Portuguesa: Texto e Contexto	04	80
	Prática de Ensino: Organização Esportiva	04	80
3º Período	Neuroanatomia	02	40
	Princípios da Educação Física Adaptada	02	40
	Ritmo, Expressão e Dança na Escola	02	40
	Pedagogia do Movimento 3: Handebol	02	40
	Prática de Ensino: Violência Escolar e Interdisciplinaridade	02	40
	Língua Brasileira de Sinais	02	40
	Cinesiologia	04	80
	Didática: Teorias e Práticas	04	80
4º Período	Cinesiologia Aplicada à Educação Física	02	40
	Cultura, Religiosidade e Mudança Social	02	40
	Pedagogia do Movimento 4: Basquete	02	40
	Prática de Pesquisa I	02	40
	Vivências Corporais	02	40
	Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola	02	40
	Psicologia da Educação	04	80
	Prática de Ensino: Educação Física na Educação Infantil	04	80
5º Período	Fisiologia do Exercício	04	80
	Atividades Aquáticas	02	40
	Prática de Pesquisa II	02	40
	Recreação, Lazer e Sociedade	02	40
	Lutas e Capoeira	02	40
	Crescimento e Desenvolvimento	04	80
	Prática de Ensino: Educação Física no Ensino Fundamental	04	80
	Prática de Pesquisa III	02	40
6º Período	Política e Legislação Educacionais	02	40
	Pedagogia do Movimento 5: Atletismo	02	40
	Pedagogia do Movimento 6: Futebol	02	40
	Oficinas Interdisciplinares	02	40
	Ética e Cidadania na Educação Física	02	40
	Noções Básicas de Saúde e Urgência na Educação Física	04	80
	Prática de Ensino: Educação Física no Ensino Médio	04	80
	Subtotal	120	2400
	Outras Formas de Atividade Acadêmico-Científico-Culturais	10	200
	Subtotal	10	200
	Estágio Supervisionado	20	400
	TOTAL	150	3000

De modo que, no primeiro ano dos quatorze componentes disponibilizados, o discente teria oito relacionados diretamente à Educação Física (Introdução à Educação Física; Educação Física: Teoria e Prática; Pedagogia do Movimento 1: Futsal; Prática de Ensino: Jogos Cooperativos; Ginástica Escolar; Pedagogia do Movimento 2: Voleibol; História da Educação Física: Tendências e Abordagens; Prática de Ensino: Organização Esportiva).

Os demais componentes (Filosofia da Educação; Citologia, Histologia e Embriologia; Sociologia e Educação; História da Educação; Anatomia; e Língua Portuguesa: Texto e Contexto) ficaram sob responsabilidade dos coordenadores de outros cursos para a indicação de quem seria o docente responsável e, neste aspecto, surge a primeira novidade que, até então, não tinha muito conhecimento que eram as reuniões de atribuição de aula e suas regras.

Essas reuniões de atribuição de aulas sempre foram cercadas de tensão, pois os componentes para o semestre eram apresentados e a precedência para escolha se baseava naqueles que primeiro lecionaram o componente e, na impossibilidade de se adequar ao horário e/ou interesse em continuar com o componente, abria-se a possibilidade de se atribuir o componente para outro docente.

O fato de, no curso, haver docentes que não tinham conhecimento sobre o perfil do discente ou, mesmo, do que se tratava o curso de Educação Física bem como a presença de discentes de diferentes cursos em uma mesma sala, trouxeram muitas dificuldades no início, pois, muitas vezes, as aulas deixavam de atender às expectativas dos discentes.

De forma que, na tentativa de atender às expectativas dos discentes a fim de manter curso, a cada semestre iniciava uma “peregrinação” junto aos coordenadores dos demais cursos que compartilhavam componentes curriculares com Educação Física com o objetivo de descobrir os horários das aulas e, com isso, construir o horário da Educação Física que se adequasse a um discente que compartilhasse das mesmas ideias e interesses que o da coordenação do curso que ficara a cargo da Prof^a Bernardete.

Por ser um curso novo, em seu primeiro semestre, não houve uma reunião de atribuição de aulas, mas sim, a contratação emergencial de profissionais da área para início das aulas sendo que o único professor que não estava vinculado ainda à Uniso fora o Prof. Marcos Riyis Tanaka, responsável pelo componente curricular Prática de Ensino: Jogos Cooperativos.

Dessa forma, o 1º Colegiado do Curso de Educação Física (Licenciatura), conforme ata do dia 05 de fevereiro de 2010 contemplava os docentes: Kleber Trevisam, Maurício Massari, Marcos Tanaka Riyis além da coordenadora do curso como os integrantes do colegiado.

No meu caso e do Prof. Maurício Massari, por já estarmos atuando como técnicos em Educação Física, passamos a conciliar as atividades no NERUS com as de professores na graduação.

Neste início de curso, atuo como professor nos componentes curriculares de Pedagogia do Movimento 1: Futsal e Educação Física: Teoria e Prática sendo que, posteriormente, conforme o curso foi se desenvolvendo assumi os componentes curriculares Princípios da Educação Física Adaptada; Vivências Corporais; Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola; Fisiologia do Exercício; Pedagogia do Movimento 5: Atletismo; Pedagogia do Movimento 6: Futebol.

Para o segundo semestre, houve a realização de um processo seletivo para alguns componentes e a chegada de novos professores para integrar o curso.

O processo de elaboração do curso, o vestibular, as matrículas não se comparam ao “ritual” de aprovação do curso junto ao Ministério da Educação (MEC). A organização de toda a documentação necessária e o trabalho junto à Secretaria Acadêmica da universidade se mostraram fundamentais para que tudo aquilo que até então fora realizado fosse recompensado.

As reuniões com os professores e com os discentes indicando a importância e a relevância existentes na visita dos avaliadores do MEC e como o parecer deles refletiria em todos os envolvidos, professores, discentes, coordenadores sendo que, após a visita, a expectativa e ansiedade sobre o resultado só acabam com a publicação do reconhecimento do curso no Diário Oficial da União.

Figura 3 – Recorte do Diário Oficial da União com o reconhecimento do curso em Educação Física (Licenciatura) da Uniso.

	44	ISSN 1677-7042	Diário Oficial da União - Seção 1	Nº 52, segunda-feira, 18 de março de 2013
PORTARIA Nº 122, DE 15 DE MARÇO DE 2013				
O SECRETÁRIO DE REGULAÇÃO E SUPERVISÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, no uso da competência que lhe foi conferida pelo Decreto nº 7.690, de 2 de março de 2012, tendo em vista o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, e suas alterações, a Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, republicada em 29 de dezembro de 2010, do Ministério da Educação, e considerando a Nota Técnica nº 932/2012-DIREG/SERES/MEC, constante do Expediente MEC nº 078731.2012-11, resolve:				
Art. 1º Ficam reconhecidos os cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria, ministrados pelas Instituições de Educação Superior citadas, nos termos do disposto no artigo 10, §7º, do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, alterado pelo Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007.				
Art. 2º A Instituição de Educação Superior poderá, no prazo de 60 (sessenta) dias contados da presente publicação, embargar as informações referentes ao número de vagas, endereço de oferta, denominação e grau do curso.				
§1º O embargo citado no caput deverá ser realizado pela Instituição no ambiente do sistema e-MEC, momento em que deverá ser apresentada justificativa que respalde a atualização cadastral solicitada.				
§2º A Instituição poderá fazer uso da funcionalidade mencionada no caput para confirmar as informações referentes aos cursos reconhecidos por esta Portaria.				
§3º A não manifestação da Instituição no prazo mencionado no caput implica a validação automática dos dados cadastrais dos cursos reconhecidos por esta Portaria.				
§4º O embargo citado no caput tem por finalidade promover atualização dos dados do Cadastro e-MEC de Cursos e Instituições de Educação Superior, não se confundindo com recurso administrativo eventualmente interposto contra as decisões exaradas pela presente Portaria.				
Art. 3º O reconhecimento dos cursos constantes do Anexo desta Portaria é válido para todos os fins de direito.				
Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.				

JORGE RODRIGO ARAUJO MESSIAS

ANEXO

RECONHECIMENTO DE CURSOS

Nº de Ordem	Registro e-MEC nº	Curso	Nº de vagas totais anuais	Mantida	Mantenedora	Endereço de funcionamento do curso
1.	201109907	EDUCAÇÃO FÍSICA (Bacharelado)	120 (cento e vinte)	FACULDADE UBAENSE OZANAM COELHO	SEGOC - SOCIEDADE EDUCACIONAL GOVERNADOR OZANAM COELHO LTDA	RUA DR. ADJALME DA SILVA BOTELHO, 20, SEMINÁRIO, UBA-MG
2.	200808168	DIREITO (Bacharelado)	100 (cem)	FACULDADE PARAIBANA	ASSOCIACAO UNIFICADA PAULISTA DE ENSINO RE-NOVADO OBJETIVO-ASSUPERO	RUA MANOEL GUALBERTO, 255, MIRAMAR, JOÃO PESSOA-PB
3.	201108236	ENFERMAGEM (Bacharelado)	200 (duzentas)	FACULDADE ANÍSIO TEIXEIRA DE FEIRA DE SANTANA	SOCIEDADE CIENTIFICA E CULTURAL ANISIO TEIXEIRA LTDA	RUA JURACY MAGALHÃES, 272, PRÉDIO, PONTO CENTRAL, FEIRA DE SANTANA-BA
4.	200911638	COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO (Bacharelado)	200 (duzentas)	FACULDADE JOAQUIM NABUCO - PAULISTA	SER EDUCACIONAL S.A.	AVENIDA SENADOR SALGADO FILHO, S/N, CENTRO, PAULISTA-PE
5.	201116195	EDUCAÇÃO FÍSICA (Licenciatura)	150 (cento e cinquenta)	UNIVERSIDADE DE SOROCABA	FUNDACAO DOM AGUIRRE	RODOVIA RAPOSO TAVARES, S/N, KM 92,5, JARDIM NOVO EL DORADO, SOROCABA-SP
6.	201109925	ENFERMAGEM (Bacharelado)	120 (cento e vinte)	FACULDADE SÃO GABRIEL	UNIAO DAS ESCOLAS SUPERIORES CAMPOMAIOR	AVENIDA MIRTES MELÃO, 700, ALTO DA RESSUR-

Fonte: Elaboração própria

Com o reconhecimento do curso, inicia-se um novo movimento no sentido de se criar, agora, um novo curso em Educação Física na modalidade bacharelado.

Com a experiência adquirida com a Licenciatura, o Bacharelado aproveitou boa parte do projeto e da matriz anteriores. Alguns ajustes precisaram ser realizados a fim de garantir aquilo que seria considerado ideal, desta vez, para a formação voltada ao bacharel em Educação Física.

Figura 4 – Modulação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da Uniso, 2013

Licenciatura				Bacharelado			
Módulo - Práticas Coletivas	CR	CH	CP	Módulo - Práticas Coletivas	CR	CH	CP
Introdução à Educação Física	2	40		Introdução à Educação Física	2	40	
Educação Física: Teoria e Prática	2	40		Educação Física: Teoria e Prática	2	40	
Filosofia da Educação	2	40		Filosofia	2	40	
Futsal	4	80		Futsal	4	80	
Citologia, Histologia e Embriologia	4	80	6	Citologia, Histologia e Embriologia	4	80	6
Prática de Ensino: Jogos Cooperativos	4	80		Jogos Cooperativos	4	40	
Atividades Física para Grupos Especiais	2	40		Atividades Física para Grupos Especiais	2	80	
Módulo - Ação e Contexto				Módulo - Ação e Contexto			
Ginástica Escolar	4	80		Bases Práticas e Teóricas da Ginástica	4	80	
Voleibol	4	80		Voleibol	4	80	
Prática de Ensino: Violência Escolar e Interdisciplinaridade	2	40		Violência e Interdisciplinaridade	2	40	
Anatomia	4	80	6	Anatomia	4	80	6
Língua Portuguesa: Texto e Contexto	4	80		Língua Portuguesa: Texto e Contexto	4	80	
Prática de Ensino: Organização Esportiva	2	40		Organização Esportiva	2	40	
Módulo - Adaptação e Movimento				Módulo - Adaptação e Movimento			
Princípios da Educação Física Adaptada	4	80		Princípios da Educação Física Adaptada	4	80	
Ritmo, Expressão e Dança na Escola	2	40		Expressão Corporal e Dança	2	40	
Handebol	4	80		Handebol	4	80	
Neuroanatomia	2	40	6	Neuroanatomia	2	40	6
Língua Brasileira de Sinais	2	40		Língua Brasileira de Sinais	2	40	
Cinesiologia Aplicada à Educação Física	2	40	4	Cinesiologia Aplicada à Educação Física	2	40	4
Didática: Teorias e Práticas	4	80		Didática: Teorias e Práticas	4	80	
Módulo - Qualidade de Vida e Prevenção				Módulo - Qualidade de Vida e Prevenção			
Psicomotricidade	2	40		Psicomotricidade	2	40	
Cultura, Religiosidade e Mudança Social	2	40		Cultura, Religiosidade e Mudança Social	2	40	
Basquete	4	80		Basquete	4	80	
Lesões nas Atividades Físicas e nos Esportes	2	40		Lesões nas Atividades Físicas e nos Esportes	2	40	
Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola	2	40		Atividade Física e Qualidade de Vida	2	40	
Psicologia da Educação	4	80		Psicologia no Esporte	4	80	
Prática de Ensino: Educação Física na Educação Infantil	4	80		Educação Física e Esportes: aquisição	4	80	
Módulo - Sociedade e Desenvolvimento				Módulo - Sociedade e Desenvolvimento			
Fisiologia do Exercício	4	80		Fisiologia do Exercício	4	80	
Atividades Aquáticas	4	80		Atividades Aquáticas	4	80	
Prática de Pesquisa: Projeto	2	40	4	Marketing Profissional e Empreendedorismo na Educação Física	2	40	
Prática de Ensino: Recreação, Lazer e Sociedade	2	40		Recreação, Lazer e Sociedade	2	40	
Lutas e Capoeira	2	40	4	Esportes de Contato	2	40	4
Crescimento e Desenvolvimento	2	40		Crescimento e Desenvolvimento	2	40	
Prática de Ensino: Educação Física no Ensino Fundamental	4	80		Educação Física e Esportes: iniciação	4	80	
Módulo - Cidadania e Legislação				Módulo - Cidadania e Legislação			
Prática de Pesquisa: TCC	2	40	4	Bioestatística	2	40	
Política e Legislação Educacionais	2	40		Políticas Públicas e Educação Física	2	40	
Atletismo	4	80		Atletismo	4	80	
Futebol	4	80		Futebol	4	80	
Ética e Cidadania na Educação Física	2	40		Ética e Cidadania na Educação Física	2	40	
Noções Básicas de Saúde e Urgência na Educação Física	2	40		Noções Básicas de Saúde e Urgência na Educação Física	2	40	
Prática de Ensino: Educação Física no Ensino Médio	4	80		Educação Física e Esportes: especialização	4	80	
				Módulo - Treinamento e Aperfeiçoamento			
	120	2400	34	Prática de Pesquisa: Projeto	2	40	4
Obras	10	200		Práticas em academia e exercício resistido	4	80	
Estágio Supervisionado	20	400		Treinamento Desportivo: teoria e prática	4	80	
Total	150	3000		Pilates	2	40	
				Treinamento Funcional	2	40	
Comum Licenciatura e Bacharelado				Avaliação Física: Teoria e Prática	4	80	
				Nutrição no Esporte	2	40	
Somente Bacharelado				Módulo - Adaptação e Personalização			
				Corrida de rua e aventura: teoria e prática	4	80	
Componentes de Núcleo Comum na Saúde				Esportes Alternativos e de Aventura	4	80	
				Atividades Físicas Personalizadas para a 3ª Idade	4	80	
Componentes Institucionais				Gestão na Educação Física	2	40	
				Prática de Pesquisa: TCC	2	40	4
Modulação entre licenciatura e bacharelado				Personal Training	4	80	
				Atividades Complementares	10	200	34
				Estágio Supervisionado	22	440	
				Total	192	3840	

Fonte: Elaboração própria

A adequação dos conteúdos para atender aos interesses de ambas as turmas foram realizados pelos professores da Educação Física enquanto que para os professores de outros componentes que, por virem de outros cursos, priorizavam em suas práticas exemplos que atendiam, cada vez mais, grupos específicos de discentes traziam, frequentemente, conflitos para a coordenação do curso.

De modo que, e atendendo à necessidade existente, Licenciatura e Bacharelado “caminhavam” juntos no sentido de garantir número de discentes suficientes que com a modulação criada permitiu a abertura de novas turmas.

Por fim, antes mesmo de me tornar professor na graduação, auxiliei na criação de um curso que, apesar de não apresentar experiência com a Educação Física

Escolar, objetivava formar professores para atuar em escolas e que seria a minha primeira experiência no ensino superior.

2.2 Múltiplas experiências

A transição da prática para teoria foi mais complexa do que imaginava, pois, mesmo sabendo como fazer as práticas, faltavam-me as bases teóricas que suportam tais ações.

Ao “conversar” com Paulo Freire, pude perceber que neste início de docência, o entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem trazia uma forte tendência ao que ele denominou “educação bancária” que, nada mais é do que o reflexo do tipo de ensino que tive enquanto na faculdade.

A concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos [...] (FREIRE, 2015a, p.101). Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração (FREIRE, 2015a, p.79).

Com isso e, ao desenvolver o curso da Uniso, enquanto professor pensando na formação de professores, fez com que a preocupação com a forma como se daria esse processo de aprendizagem a fim de que as aulas possuísem um caráter diferenciado no qual o discente participasse ativamente de sua formação e, a partir do compartilhamento de experiências, alcançasse o objetivo final de “ser professor”.

Entretanto, enquanto professor e, mesmo os discentes, no princípio encontram dificuldades em se desvencilhar dos preceitos presentes na “educação bancária”.

Um dos desafios encontrados em sala de aula foi o de conseguir entender sua dinâmica para, a partir disso, rever minhas as práticas. Identifiquei que o universo da sala de aula diferia totalmente daquilo que até então estava acostumado. Trabalhar com a prática do futsal, por exemplo, com jovens, adultos e crianças que gostavam da modalidade e queriam praticá-la se mostrou diverso quando a realidade não apresenta essa unanimidade.

Desse modo, e no mesmo instante em que “ensinava” também aprendia como ser professor no ensino superior e, a cada semestre, novos desafios vestidos de oportunidades fizeram com que atuasse no ensino dos mais diversos componentes:

- Fisiologia do Exercício, por haver feito a pós-graduação nesta área, no processo de atribuição de aulas no início de cada semestre, fez-me o responsável pelo componente durante todo o período que permaneci na Uniso;
- Atletismo: ao ingressar no universo das corridas de rua, passei a praticar algo que durante todo o meu período enquanto jogador de futebol detestava, que era correr. Ao parar com o futebol, passei a correr por esta ser uma prática em que eu não dependeria de mais ninguém, além de mim. Se quisesse correr, eu corria. Se não quisesse, não corria. Entretanto, quando surge o componente atletismo, todos viram para mim e falam:

“-Você corre, não corre? Não tem ninguém melhor que você para o componente!”

Dessa forma, não pelo fato de correr, mas, pelo fato de saberem que eu “correria” atrás do conhecimento necessário para o Atletismo, passei a ser considerado professor da modalidade na qual permaneço até hoje na FEFISO.

- Educação Física Adaptada: Da mesma forma que corri atrás dos conhecimentos para o Atletismo, a Educação Física Adaptada provocou a busca de um conhecimento que, até então, nunca dei tanta relevância a ponto de, no início de 2020, no componente Metodologia do Treinamento Esportivo, auxiliei uma aluna na elaboração de um programa de treinamentos voltados para o Handbike, que é um tipo de bicicleta pedalada com as mãos, em posição sentada (passeio) ou deitada (esportiva) e que faz parte do esporte Paralímpico.

Além destes componentes que me recordo dos motivos que me levaram a eles, outros tanto dos quais não me recordo bem como a Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso e Estágio Obrigatório fizeram e/ou fazem parte das minhas práticas profissionais acadêmicas.

Em todos esses componentes curriculares, na busca pelo que Paulo Freire chama de “ser mais” fez com que, a todo o momento, frente aos “desafios” aos quais aceitava, procurava me modificar, criar, (re)inventar, fazendo, das minhas práticas, uma forma de me distanciar da concepção “bancária”, constituindo-a, na verdade,

como uma prática de liberdade, em que os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado (FREIRE, 2015a).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais, no Parecer CNE/CES 0058/2004, indica que, para os cursos de Educação Física, a noção de que as atitudes, os conceitos e os procedimentos em Educação Física dos conteúdos devem ser trabalhados em toda a dimensão da cultura corporal, envolvendo, dessa forma, o conhecimento sobre o corpo, esportes, jogos, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressiva devem ser entendidos para além das dimensões do fazer, do saber fazer ou do saber intervir. O pressuposto dessas diretrizes identifica-se com uma concepção de currículo compreendido como processo de formação da competência humana histórica. Sendo assim, competência é, sobretudo, a condição de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumento o conhecimento inovador de perspectiva emancipadora.

Esse aprendizado inicial na Uniso fez com que surgisse o convite para voltar a FEFISO como professor do componente futsal/futebol. Conciliar duas faculdades atuando em componentes na maioria das vezes diferentes entre as instituições exigiu muita flexibilidade, resistência e persistência.

Receber o convite (e aceitar) para trabalhar no curso de Formação Multiprofissional para a Área da Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), na Pontifícia Universidade Católica de Sorocaba (PUC) fez com que o significado de multifuncionalidade atingisse um nível até então inimaginável para mim.

O término do contrato com a PUC, o aumento no número de aulas na FEFISO, assumindo os componentes Atletismo e Qualidade de Vida, aliado a mudanças no curso de Educação Física da Uniso, no qual passei atuar como coordenador, puseram-me a pensar sobre escolhas a serem feitas.

A ideia de ingressar no doutorado estava cada vez mais amadurecida e, o sentimento de coordenar um curso e, simultaneamente atuar em outra instituição que oferece a mesma formação, levaram-me a refletir sobre muitos aspectos éticos que, ao final de 2016, foram resolvidos com um telegrama me comunicando o desligamento da Uniso.

Com o desligamento da Universidade e ingresso no doutorado, percebo a necessidade de ampliar ainda mais meus horizontes que, com o desenvolvimento das aulas no doutorado, fazem-me repensar, refletir e, com isso, modificar a compreensão

de mundo, de um olhar marxista presente nas aulas do mestrado passo a compreendê-lo a partir de uma visão ecologista.

A perspectiva ecologista encontrada no doutorado surge a partir das aulas do Professor Marcos Reigota, na realização da disciplina Perspectiva Ecologista de Educação, Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar e, com a participação no Grupo de Pesquisa “Perspectiva Ecologista de Educação”.

Massari (2014) afirma que, a partir de uma perspectiva ecologista, a educação ambiental faz-se presente e deve ser entendida como uma educação política e que deve contribuir para a desconstrução de práticas sociais e pedagógicas autoritárias, injustas e ecologicamente insustentáveis, ou seja, baseada no desenvolvimento de uma sociedade justa, sustentável e democrática, com relações que sustentem o ideário político ecologista de solidariedade, amizade, generosidade, colaboração, equidade, cidadania e perspectiva de uma sociedade justa e pacífica.

Para Reigota (2008), em palestra proferida na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (Furg-RS) quando falando sobre os aspectos políticos-pedagógicos de uma educação ambiental, afirma que ela deve ser “entendida para além dela mesma” no qual as contribuições provenientes dos estudos realizados a partir desta perspectiva possibilitem o aprofundamento dentro do espaço político-pedagógico ampliando seu conceito, garantindo pertinência e, trazendo para o espaço público um componente político que não deve ser negligenciado e que deve ser marcado por princípios éticos, de solidariedade, diálogo, camaradagem e respeito.

Outros olhares, saberes, sentimentos surgem com as leituras e os debates existentes nas aulas e, trouxeram diferentes significados acerca da complexidade política, econômica, social, cultural e das problemáticas que essa nova possibilidade de visualizar as realidades e como elas estão presente no cotidiano, seja a partir daqueles que advém das margens e adentram o universo escolar ou daqueles que ainda lá (nas margens) permanecem.

A proposta inicial se configurou no projeto apresentado para ingresso no doutorado e se baseava na análise dos projetos político pedagógicos dos cursos de Educação Física em Sorocaba, com o intuito de verificar a presença das ideias/olhares baseados em uma perspectiva Freireana na sua constituição.

Como parte fundamental do processo dialógico da educação, a pedagogia freireana apresenta a práxis social. Vista pelo viés da humanização do humano, ela é a consequência da educação libertadora, comprometida com a transformação, tanto da escola, quanto da sociedade. Dessa forma, o papel mais importante do educador será ajudar aos educandos a compreender a realidade em que estão inseridos e, a partir da compreensão do real, buscar respostas concretas para problemas de inserção social e valorização profissional. Precisa-se dar um basta a todos quantos querem fazer o povo acreditar que a culpa por sua situação social injusta resulta da preguiça, da acomodação e outros mitos criados para justificar a injustiça e a exclusão social (PIN; NOGARO; WEYH, 2016, p. 557).

Ao ingresso no doutorado, com o decorrer das aulas e contatos com outras formas de pensar e agir na/para pesquisa, fizeram com que a proposta inicial se modificasse e contemplasse as histórias/narrativas existentes no cotidiano escolar. Com isso, a pesquisa em torno das narrativas dos discentes no cotidiano em Educação Física surge com o propósito de não somente ouvir, mas também ver/sentir/aprender e reaprender além do que procuro tecer/costurar os retalhos que configuram esse universo.

Portanto, encerro este capítulo em que, permeado pelo início de uma formação voltada para o futebol, se desvia para uma escolha profissional dentro da Educação Física que, após formado, percorre um caminho diverso.

Ao atuar em áreas diferentes àquelas que estudei, pude observar diferentes contextos e que fizeram-me experimentar diferentes olhares, diferentes realidades e contribuíram para minha constituição enquanto profissional que me torno ao iniciar na Uniso como “Técnico em Esportes”.

O “técnico em esportes” cedeu lugar para formação/constituição/ do professor e pesquisador da área educacional que, agora, com muito mais experiência, tem muito a agradecer a Uniso pelo papel fundamental no meu crescimento, enquanto professor e, ciente de que somos todos seres inacabados e que o aprender, apreender/reaprender se constitui em uma prática permanente do professor/pesquisador.

Desta forma que, voltando sempre ao primeiro dia de aula paro, fecho os olhos, inspiro, conto até três, expiro e me pergunto:

“- Até onde vou?”

Só o tempo poderá dizer.

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÃO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DOS CURSOS

A escola, enquanto representação histórica, é resultante da pluralidade de conhecimentos e significados atribuídos a ela na qual, sejam por influências externas ou internas, encontra nas representações sociais dos envolvidos no seu desenvolvimento/constituição, um meio para o entendimento de determinados fenômenos sociais. É importante destacar que:

Se a escola é uma construção histórica onde estão presentes as representações sociais dos envolvidos, construindo e influenciando sua dinâmica interna, produzindo uma cultura própria, a valorização de determinadas disciplinas e conteúdos também é uma construção histórica. Essa reflexão leva-nos a entender por que algumas disciplinas e conteúdos são mais valorizados que outros, como o caso da Educação Física e dos jogos futebol de salão, vôlei etc. (conteúdos da Educação Física escolar) (RIBEIRO, 2004; p.79)

Buscando pela origem dos curso de formação em Educação Física, tem-se que os primeiros cursos foram normatizados pelo Decreto lei n.º 1.212/39, de 17 de abril de 1939, dentre eles se destaca a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), em 1939, como sendo a primeira escola brasileira de Educação Física de nível superior ligada a uma universidade, a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, com uma proposta de formação profissional tecnicista, com duração de dois anos, cujos currículos privilegiavam em suas matrizes as disciplinas voltadas para a área Biológica e Esportiva (TREVISAM, 2010).

Desde a sua constituição até o momento atual, os cursos de Educação Física passaram por diferentes diretrizes com o objetivo de direcioná-los para uma formação profissional que atendesse às expectativas educacionais de cada época e, por que não, aos interesses do mercado.

Até a década de 80, a Educação Física tinha por característica uma prática voltada para o esporte e para o rendimento. Suas aulas valorizavam a disciplina, o exercício sem uma reflexão e a pedagogia repetitiva. Neste processo, o esporte era representado, em sua principal forma de expressão, como um conjunto de práticas corporais possíveis de serem abordadas e desenvolvidas em algumas modalidades esportivas.

As práticas de Educação Física passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a repetição, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2009).

Hoje a reflexão em torno da formação encontra espaço no debate sobre as produções humanas que envolvem o movimento o que acaba abrindo espaço para uma infinidade de manifestações em uma perspectiva denominada como cultural:

A incorporação do conceito de cultura corporal pela Educação Física deu-se sob a égide das teorias críticas. O sentido inicialmente atribuído à expressão surge num contexto político e social de abertura democrática e modificação do papel da escola. Também é concomitante à intenção de realçar uma nova função social do componente contraposta ao ensino tradicional. Com a cultura corporal, o objeto de estudo da Educação Física transformou-se e ensejou práticas pedagógicas e intenções educativas afastadas daquelas propaladas pelas vertentes que elegeram o exercício físico e, mais tarde, o movimento como objetos de ensino (NEIRA; GRAMORELLI, 2015, p. 2)

Neste período, o país passa por profundas mudanças políticas e econômicas que ocorreram no período com a repressão militar iniciando seu processo de declínio, estimulou-se novas mudanças no âmbito político. A liberdade sentida vem com as reformulações no setor político, materializado especialmente com a nova Constituição em 1988.

Para a Educação Física, a mudança mais significativa está na configuração de sua formação, tendo em vista o Parecer 215/87, do Conselho Federal de Educação, na Resolução nº 3 de 16 de junho de 1987, no qual, em seu Artigo 1º pontua que a formação dos profissionais de Educação Física será feita em curso de graduação que conferirá o título de Bacharel e/ou Licenciado em Educação Física (CORREA et al., 2016).

Dessa forma, as mudanças que impactaram a escola e o ensino da Educação Física resultaram em um novo olhar para suas práticas tendo agora como referência cultura corporal do movimento.

Entretanto, dentro de uma sociedade globalizada na qual a velocidade da (des)informação forma opiniões, faz-se necessário compreender o cenário educacional atual.

Neira (2015, p.278) afirma que a partir da

[...] compreensão do atual contexto político, econômico e social e seus reflexos sobre a elaboração de propostas curriculares da Educação Física passa pela análise de dois fenômenos profundamente entrelaçados: o neoliberalismo e a globalização.

Paulo Freire, em “Pedagogia da autonomia” já apontava preocupação/indignação com o avanço do pensamento neoliberal na educação no qual “[...] a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (FREIRE, 2016, p.16), o que representa irritação na forma como a educação acaba tendo como fator orientador o paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência, ignorando o ser humano, sendo ele, apenas um agente econômico.

A educação a partir de um viés neoliberal se preocupa em “resolver problemas de ordem técnica ou dificuldades burocráticas” onde, “questões de caráter social e político ideológicas não fazem parte do horizonte de preocupações da prática educativa, neutra por essência” (FREIRE, 2013, p. 71).

Por sua neutralidade, acaba por sua vez, preocupando-se com o treinamento e não com a formação, objetivando atender às necessidades de qualificação existentes no mercado em que não se há a preocupação em se determinar ou conhecer em “favor de quem, de quem e contra que se trabalha com a técnica” (FREIRE, 2013, p. 71).

Com isso e com a publicação das diretrizes que norteiam a constituição dos cursos de Educação Física, esta sempre se constituiu no intuito de atender aos interesses do mercado.

Para Veronez et al. (2013), evidenciou-se que o ideário neoliberal, que na década de 1990 pautou as mudanças na organização do trabalho, teve influência determinante no processo de reestruturação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Na verdade, esse processo de reestruturação, tal como ocorreu em todos os cursos de graduação, atendendo quase que completamente às recomendações dos organismos internacionais (sobretudo, Banco Mundial e Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), foi encaminhado com o objetivo de adaptar as políticas de formação às demandas provenientes da esfera do novo e precário mundo do trabalho.

Dessa forma e com a publicação da Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018), do Conselho Nacional de Educação, as instituições teriam até o

final de 2020 para implementar um novo curso de Educação Física sendo que, com a publicação do Parecer 498/2020⁶ (BRASIL, 2020b), houve a prorrogação dessas alterações para o final de 2021.

Este novo curso de Educação Física presente na Resolução nº 6/2018 (BRASIL, 2018) resulta na existência de uma denominação para a formação chamada, exclusivamente, de Educação Física, sem descrição de modalidades, em que:

A Educação Física é uma área do conhecimento e de intervenção profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação a motricidade ou movimento humano, a cultura do movimento corporal, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, das lutas e da dança, visando atender às necessidades sociais no campo da saúde, da educação e da formação, da cultura, do alto rendimento e do lazer (BRASIL, 2018, p. 48).

Ainda na Resolução nº 6, do Conselho Nacional de Educação, em seu Artigo. 5º aponta que dada a necessária articulação entre conhecimentos, habilidades, sensibilidade e atitudes requerida do egresso para o futuro exercício profissional, a formação do graduado em Educação Física terá ingresso único, destinado tanto ao bacharelado quanto à licenciatura.

Nesta nova mudança, a carga horária referencial passa a ter 3.200 (três mil e duzentas) horas de modo que a formação do graduado em Educação Física terá ingresso único, destinado tanto ao bacharelado quanto à licenciatura, e desdobrar-se-á em duas etapas:

- Etapa Comum, em que os estudos terão como princípio uma formação geral, identificador da área de Educação Física, a ser desenvolvido em 1.600 (mil e seiscentas) horas referenciais, comum a ambas as formações.
- Etapa Específica, na qual a formação específica a ser desenvolvida terá carga de 1.600 (mil e seiscentas) horas referenciais, sendo que serão desenvolvidos conhecimentos específicos das opções em bacharelado ou licenciatura.

⁶ O Parecer 498/2020 trata da prorrogação do prazo para implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) durante a calamidade pública provocada pela pandemia da COVID 19 e aguarda homologação até a data da conclusão do presente estudo. Homologado a partir da sua publicação no Diário Oficial da União de 28/12/2020, Seção 1, p. 168.

Assim, no início do 4º (quarto) semestre, a Instituição de Educação Superior deverá realizar uma consulta oficial, por escrito, a todos os graduandos a respeito da escolha da formação que pretendem seguir na Etapa Específica - bacharelado ou licenciatura - com vistas à obtenção do respectivo diploma, ou, ao final do 4º (quarto) semestre, definir sua escolha mediante critérios pré-estabelecidos. As mudanças pelas quais o curso passou nos últimos anos passará, novamente, por reformulação em que haverá a realização de um núcleo comum entre licenciatura e bacharelado até o 4º semestre e, partir dele, o discente deverá optar pelo núcleo específico com componentes voltados ou para o bacharelado ou para a licenciatura.

A publicação desta nova diretriz traz, por princípio, a ideia de desenvolvimento de habilidades e competências ao discente para que este possa instrumentalizar-se e inserir-se competitivamente no mundo do trabalho e, ao instituir em sua fase específica de curso as modalidades licenciatura e bacharelado, faz com que haja duas áreas de atuação distintas, mas que compartilham dos mesmos propósitos, como pode ser observado a seguir:

Art. 10 O Licenciado em Educação Física terá formação humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética no magistério, ou seja, na docência do componente curricular Educação Física, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação para a área (BRASIL, 2018, p. 48).

Art. 19 O Bacharel em Educação Física terá formação geral, humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética, qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética em todos os campos de intervenção profissional da Educação Física (BRASIL, 2018, p. 49).

Com isso, ao mesmo tempo em que há a preocupação em procurar propor “formação geral, humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética” aspectos relacionados muito mais à formação humana do que com a formação para o mercado, na mesma resolução indica a Educação Física como uma área de conhecimento e de intervenção profissional o que, nos leva a relacionar com uma formação voltada para o mercado.

Se o propósito é o de preparar para o mercado, o resultado real e, com o estabelecimento de mecanismo de controle das instituições, nos quais critérios de avaliação com a atribuição de notas de acordo com a formação do corpo docente, estrutura, organização institucional e aprendizado são quantificados para, a partir daí

ranquear as faculdades e universidades, resultam em um processo paralelo de preparação dos discentes para o mercado e, principalmente, para obtenção de notas no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade⁷)

Para Dias Sobrinho (2010),

A avaliação é a ferramenta principal da organização e implementação das reformas educacionais. Produz mudanças nos currículos, nas metodologias de ensino, nos conceitos e práticas de formação, na gestão, nas estruturas de poder, nos modelos institucionais, nas configurações do sistema educativo, nas políticas e prioridades da pesquisa, nas noções de pertinência e responsabilidade social (DIAS SOBRINHO, 2010, p. 195).

Entretanto, segundo Leitão et al. (2010 apud MIRANDA et al., 2019), por vezes, o exame é contestado por discentes e por instituições ao apontar relatos em que discentes afirmam ser injusto o peso dado a eles na realização do exame, o qual tem por objetivo final avaliar o curso e não propriamente o discente.

Gentili (1996 apud NEIRA, 2015) afirma que o Estado neoliberal, com a implementação de estratégias específicas, implementa sua ideologia formulada em um conceito de qualidade proveniente de práticas empresariais, mas que, adentra à escola ao exigir resultados onde a educação passa a ser entendida como mercadoria.

Como essa mercantilização da educação e, por consequência, da Educação Física, adentra ao cotidiano? Como o discente de uma instituição privada analisa e compreende a educação? Na busca por um curso de graduação, quais são os aspectos levados em consideração para essa escolha? As notas presentes no Exames de avaliação servem de referência para essas escolhas ou servem apenas como estratégia de marketing das instituições em um mercado cada vez mais competitivo?

Dias Sobrinho (2010) afirma que o segmento mercantil da educação superior passou a tratar o estudante como cliente e a intensificar no sistema as lógicas de mercado: competitividade, custo-benefício, lucro, venda de serviços, oferta transnacional e virtual etc. Por sua vez, o estudante dessas instituições, agora transformado em consumidor, passou a ter ampla gama de opções de ofertas de

⁷ Exame que, desde 2004, procura, “em teoria”, avaliar o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial.

serviços educativos e a poder escolher o curso que se coaduna com seus interesses e recursos, objetivando obter o título ou o diploma que lhe dê melhores condições para competir na faixa do mercado que corresponde às suas expectativas e possibilidades.

À época da conclusão do mestrado (2010), já pontuava, como resultado de uma política neoliberal a oferta indiscriminada de cursos de ensino superior que, hoje, acaba pela incorporação de diversas faculdades e universidades por grandes corporações educacionais, possuidoras de capital aberto em bolsa de valores o que reafirma algo observado.

Em pesquisa realizada no sítio do e-MEC⁸, existem no estado de São Paulo, por exemplo, 611 cursos com o escopo de formação em Educação Física, 304 cursos na modalidade Bacharelado (Presencial ou a Distância) e 307 que oferecem o curso de Licenciatura (Presencial ou a Distância).

Além dos cursos presenciais, o aumento na oferta de cursos de formação em Educação a distância (EAD), faz com que haja reflexão em torno desta prática. O Conselho Federal de Educação Física, em nota pública em seu sítio em 2018, posiciona-se contrário a esse tipo de prática pelas instituições de ensino superior.

Entretanto, de acordo com dados do Ministério da Educação (MEC) em 2007, a modalidade a distância representava 7% das matrículas de graduação. Nos últimos 10 anos, a educação a distância vem aumentando sua participação na educação superior. Em 2017, o aumento foi de 17,6% e a EAD já atendia mais de 1,7 milhão de discentes, o que representava uma participação de 21,2% dos discentes de graduação no país. A modalidade presencial apresenta o segundo ano de queda no número de matrículas. Os mais novos dados do Censo revelam que um de cada três estudantes está fazendo graduação na modalidade a distância. Em dez anos, o crescimento dos ingressantes em EAD foi de 226%, contra 19% da modalidade presencial. A tendência segue nas matrículas, que caíram 0,4% nos cursos presenciais enquanto cresceram 17,6% na educação a distância (MEC, 2017).

Presenciar todo esse processo de constituição da Educação Física a partir da conclusão do curso de licenciatura plena em Educação Física, no qual a crítica em torno de como se deu esse processo só veio acontecer quando do ingresso e

⁸ O e-MEC é um sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil. Todos os pedidos de credenciamento e recredenciamento de instituições de educação superior e de autorização, renovação e reconhecimento de cursos, além dos processos de aditamento, que são modificações de processos, são feitos pelo e-MEC.

conclusão do mestrado em Educação, possibilitou uma nova forma de se compreender a formação profissional e que culminou na contribuição com a elaboração do curso da Uniso.

Um curso presencial em que a formação baseava-se no desenvolvimento de um perfil profissiográfico, no qual o dimensionamento das responsabilidades, conhecimentos, experiências, habilidades, aptidões e atitudes permitiriam ao discente de Educação Física a consciência do seu papel na comunidade e que compartilhava os objetivos da própria instituição que é “formar agentes transformadores”.

Atualmente, na FEFISO, também colaborando na adequação à nova diretriz, percebo que mudanças essenciais se manifestaram a partir do momento em que a análise em torno da realidade faz-se presente e, com isso, resulta em um entendimento da Educação Física.

Compreendendo que ela deve ser baseada no contexto cultural na qual está inserida onde o discente, a partir de uma formação baseada na reflexão e compreensão das diferentes realidades, deverá ser capaz de contextualizar suas práticas sendo estas essenciais no seu processo formativo, ao permitir a compreensão em torno da importância do movimento como forma de intervenção positiva em que haja a valorização do ser humano no qual ele também se reconheça como “educando a medida que educa” (GALVÃO, 1995, p. 106).

4 O COTIDIANO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando os sujeitos anônimos se tornam sujeitos da história no campo da Educação Física e a partir dos estudos do cotidiano?

Os movimentos que estão presentes, as pessoas que chegam por diferentes caminhos e processos, o que elas trazem que aprofunda o campo de conhecimentos do cotidiano escolar?

Peter Kevin Spink (2008), em “O pesquisador conversador no cotidiano”, procura definir cotidiano ao argumentar que todos vivem no seu cotidiano sejam eles presidentes, prefeitos, reis e rainhas, chefes, escriturários, moradores de rua ou qualquer um de nós e apresenta o conceito de micro-lugar cujo propósito é o de chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos e outros tantos lugares de breves encontros e de passagem.

Dentro da faculdade de Educação Física não se faz diferente, é no saguão, na fila da cantina, na biblioteca, no elevador, na calçada, na quadra, nos vestiários, nas salas de aulas onde se dão os encontros e ocorrem as práticas cotidianas informais por apresentar esta característica única de poder acontecer em qualquer lugar.

Em “A contribuição política e pedagógica dos que vem das margens”, Reigota (2010, p. 1) já afirmava que (os que vem das margens) “chegam a algum lugar que consideram um porto seguro, mas que não conhecem muito bem, seus códigos silenciosos, depois de terem enfrentado várias horas de ônibus, metrô e mais ônibus” outros chegam de carro, vans, carona ou mesmo a pé e, chegam no ensino superior em busca de um sonho, de mudança ou mesmo, sem muitas expectativas, o incentivo/apoio para se encontrar no mundo. São esses os personagens encontrados dentro do cotidiano, não só da Educação Física, como de qualquer outro curso superior no país, pois

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte. Não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheia de “sonhos” em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor (FREIRE, 2017, p. 68).

É dentro do cotidiano que vamos nos constituindo como sujeitos de nossa história e nos diversos micro-lugares existentes dentro da faculdade de Educação Física que se dá a constituição dos diferentes sujeitos cada um com sua história de vida e suas particularidades.

A própria constituição da instituição por si só apresenta certas particularidades visto que, a Associação Cristã de Moços, fundada na Inglaterra em 1884 com os objetivos de "buscar a cooperação dos jovens cristãos para difundir o Reino de Deus entre os outros jovens" e "promover reuniões espirituais entre os demais estabelecimentos de Londres" ao se expandir por todo o planeta, assume, também, o papel de atender às necessidades existentes nas comunidades às quais se faz presente. Hoje, a ACM é uma instituição ecumênica, não sectária, de educação integral, assistência social, filantrópica e sem fins lucrativos. Com mais de 170 anos de existência, estando presente nos cinco continentes, com mais de 58 milhões de associados e participantes, com cerca de 14 mil sedes em mais de 123 países. É considerada a maior rede de serviços voluntários do mundo e reconhecida nas Nações Unidas como organização não governamental (ACM, 2004).

No Brasil, a ACM se faz presente em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no Distrito Federal. Em cada uma delas, procura atuar no sentido de atender uma demanda existente na comunidade local. Por exemplo, em Sorocaba, quando o movimento acemista começou a ser difundido, em 1954, o seu papel era predominantemente assistencial, mas que, com o passar dos anos foi se modificando de acordo com o crescimento da cidade passando, também, a oferecer práticas físicas se tornando uma das maiores ACM da América Latina e do Brasil em número de associados e que mantém uma faculdade, a Faculdade de Educação Física (FEFISO).

A manutenção da Faculdade de Educação Física surge a partir deste caráter assistencialista e de entendimento a respeito das necessidades da comunidade, pois, na década de 70, com aumento na atividade econômica da cidade, houve um aumento na procura por profissionais capacitados para as mais diversas áreas, proporcionou um cenário favorável para a criação de cursos técnicos e de ensino superior sendo, neste momento que surge a primeira Escola Superior de Educação Física de Sorocaba.

Com isso e,

Mesmo com a pendência da aprovação para início das atividades, a Organização Sorocabana de Educação e Cultura (OSEC), por intermédio de um de seus diretores Conego André Pieroni e de seu presidente Cel. Paulo Marcondes, firmaram convênio com Serviço Social da Indústria (SESI) para a utilização da piscina e demais instalações esportivas, uma vez por semana, para as aulas práticas do curso e com o Colégio Salesiano para as aulas teóricas. Obteve também o apoio da Câmara de Vereadores e da Prefeitura Municipal de Sorocaba, que também firmaram convenio com a OSEC de modo a disponibilizar as praças esportivas da cidade para o curso vindouro (TREVISAM, 2010, p. 41).

Com as dificuldades existentes na para a realização das aulas, pois a promessa de construção de espaço próprio nunca fora concretizada, inicia-se a busca por instituições que aceitariam assumir o curso a fim de mantê-lo em atividade na cidade.

Desta forma, em 1978, observando as dificuldades encontradas pela Faculdade de Educação Física de Sorocaba e, entendendo a importância de se manter um curso de ensino superior na cidade, assume a sua direção alterando o nome para Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba, instituição privada, comunitária, filantrópica, pois

A manutenção da faculdade pode ser considerada importante tanto para a cidade de Sorocaba, como para a ACM visto que, se no início das atividades o curso não possuía sede nem estruturas próprias a realização de suas atividades, agora possuía não somente salas de aulas, mas também piscina, quadras e demais espaços e infraestrutura necessários para a realização das atividades práticas (TREVISAM, 2010, p. 44).

Com isso, o cotidiano que aqui será apresentado está localizado no edifício da Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba – Unidade Centro. Em certos momentos, as narrativas aqui presentes, poderão ser representadas na Unidade Jardim São Paulo, na Unidade Votorantim ou, mesmo, na Unidade Itupararanga, que por se fazerem presentes em atividades do curso, são considerados campi da instituição.

Minha escolha pela FEFISO, quando do meu ingresso como estudante no período noturno, baseou-se em uma análise quanto os aspectos econômicos e geográficos, pois, ao estudar e residir em Sorocaba, os custos de moradia, transporte e alimentação tornavam-se mais acessíveis se comparados aos estudos fora da cidade. Devido à existência de poucos cursos voltados para a formação, na sala de aula havia, além dos residentes em Sorocaba, discentes de São Roque, Salto, Salto

de Pirapora, Pilar do Sul, Boituva que compartilhavam os mesmos objetivos, interesses e necessidades. Com o passar dos anos, a turma numerosa no primeiro ano, aos poucos foi diminuindo por diferentes motivos.

Paredes (1994 apud RIBEIRO, 2005) nos fornece um quadro sintético das possíveis causas da evasão, separando em dois grandes grupos:

(1) Causas internas à universidade, ou seja, o discente desistiria do curso em função de discordância ou descontentamento acerca do método didático pedagógico, do corpo docente e/ou da infraestrutura universitária;

(2) Causas externas à universidade e mais vinculadas ao discente como dificuldade de adaptação ao ambiente universitário, problemas financeiros, curso escolhido não era o que o discente esperava e/ou problemas de ordem pessoal das mais variadas espécies (mudança de residência, doenças, problemas familiares, conjugais e/ou psicológicos).

Tendo como referência os aspectos internos e externos como possíveis causas que levam ao discente abandonar o curso, à época, e, a partir de conversas quando se observava a ausência de um colega na sala, o que se ouvia e, que justificava a saída pode ser interpretado a partir do fato de que devido à inexistência de programas bolsas de estudos ou linhas de financiamento estudantil que possibilitassem ao discente condições que arcar com as mensalidades tornando o curso oneroso, sendo este aspecto apontado por muitos como principal motivo para tal.

Outro ponto que resultava nesta “evasão” estava ligado ao próprio rendimento durante as aulas e avaliações existentes. Numa turma em que todos conciliavam trabalho com estudos, nem todos conseguiam equilibrar as reponsabilidades do trabalho com as exigências de se estudar.

Em estudo publicado por Bardagi e Hutz (2009), analisando as percepções dos discentes sobre o abandono no ensino superior, os resultados apontaram que há inúmeras diferenças percebidas entre o ambiente escolar e o ambiente universitário, e que algumas dessas diferenças são percebidas negativamente e auxiliam o distanciamento do discente em relação ao curso. Muitos dos participantes no estudo demonstram, na realidade, um desconhecimento grande sobre o funcionamento universitário, suas rotinas, normas etc.

Para Freire, em *Pedagogia dos Sonhos Possíveis* (2014, p. 317), em entrevista concedida para a revista Pais & Teens, em 1997, aponta que “as escolas expulsão muito mais do que delas se evadem os discentes”, consciente de que o contexto no

qual ele fala se refere ao ensino básico, entendo que, no ensino superior não se faz diferente. Causas internas e externas são apresentadas sem que se apresentem, muitas vezes, opções aos discentes para conseguir da sequência àquilo que haviam iniciado.

Assim, é no saguão na faculdade que hoje visualizo a cada semestre a chegada de novos rostos, muitos dos quais não permanecem por muito tempo. Ao questionar sobre os rostos antes presentes, mas agora ausentes, fatores econômicos e familiares acabam sendo apontados por aqueles que dão falta do colega até então presente ou mesmo, a busca por novos em outra instituição são ditas como justificativas para essas mudanças.

Nele é que os principais movimentos acontecem e resultam na formação de grupos identitários que, por compartilharem os mesmos interesses, constituem-se e servem de suporte/apoio para aqueles que se mantêm no curso.

Para Lovisolo (1998), o campo da Educação Física está em busca de uma identidade e me lembro de participar de aulas e palestras em que se dizia a respeito dessa incessante busca por uma melhor identificação com a necessidade de se repensar práticas pedagógicas e de constituição dos cursos de formação, sendo que isso representava um momento de crise dentro da área, vendo nela a possibilidade de se desenvolver reflexões que possibilitariam uma melhor definição em torno de sua identidade.

Essa busca constante por uma identificação e, por consequência, ressignificação dentro da área, é possível de ser observado neste espaço de convivência mútua em que discente, professores e associados da ACM se encontram, conversam, trocam experiências, vivências, angústias, alegrias/felicidades, expectativas.

Esses encontros/desencontros se encontram presentes na pedagogia Freireana, pois nela percebe-se “uma permanente dialogação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação” (FREIRE, 2015b, p.9).

Fica nítida a criação destes grupos por interesse e, que criam diferentes identidades dentro de um mesmo curso, sendo estas baseadas naquilo que os discentes trazem consigo, atletas, ex-atletas, bailarinos(as), fisiculturistas, lutadores das mais variadas modalidades e lutadores do cotidiano: balconistas, vendedores, policiais, educadores, advogados, engenheiros, todos presentes em busca de um

espaço alicerçados na esperança e no encontro com aqueles com os quais se identificam.

“Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns com os outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história” (FREIRE, 2015b, p.9).

Nesse sentido, o grupo voltado para o rendimento/potência, em que os estudos voltados para o rendimento buscam a superação de limites convive com aqueles interessados na estética em que padrões de beleza surgem e desaparecem na mesma velocidade com que se divulgam novas pesquisas acerca do emagrecimento que, também compartilham o espaço com aqueles que veem nas práticas físico-corporais meios para se promover a saúde sendo que, o respeito pelos limites físicos individuais devem ser obedecidos e, por sua vez, convivem com o grupo da Educação Física Escolar que procura pensar não somente em como devem ser desenvolvidas suas práticas dentro dos muros das escolas mas, também, com o propósito de compreender todos as áreas e interesses envolvidos nos diferentes grupos para poder, por sua vez, possibilitar ao seu discente, ciência e consciência em torno de tudo aquilo que envolve a Educação Física (LOVISOLO, 1998).

Freire (2015b, p. 39) aponta na Pedagogia da Esperança que “os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado” e, neste ponto, ao observar o saguão me lembro do passado e observo o presente como se, de alguma forma, em determinados momentos, com um *déjà vu*, percebo que, por mais que os anos tenham passado, algumas coisas tendem a se repetir.

Voltando ao saguão, enquanto discente, os grupos existentes se assemelham aos encontrados atualmente, dividindo o mesmo espaço, compartilhando os mesmos interesses e objetivos.

À época, pertencente ao grupo dos esportes coletivos, percebia-se a predominância deste em relação aos demais. A própria cultura esportiva existente no período fazia com que a busca pela Educação Física por aqueles provenientes destas modalidades era muito mais frequente quando comparadas com o que é observado hoje em dia.

As práticas expressivas como a Ginásticas e as Danças, bem como as modalidades de Academia, musculação e o *fitness*, não possuíam muita representatividade na espaço de convivência comum que era o saguão e, mesmo

quando da realização de eventos, o esporte coletivo era *privilegiado* com a realização de eventos específicos para essas modalidades, como por exemplo, na realização de torneios de futsal nos quais, além das equipes formadas por discentes, contava, também, com uma equipe formada por professores da faculdade.

Nestes confrontos, entre professores e discentes, nem sempre, as coisas saíam de acordo com os princípios do *fair-play*⁹ o que acabou, por sua vez, trazendo uma certa brevidade na realização destes eventos.

A confusão criada entre uma equipe formada por professores e outra por discentes resultou na interrupção da partida e na quase reprovação de todos os envolvidos no evento.

Entretanto, atualmente, o que se observa no saguão é uma maior heterogeneidade entre os grupos e suas outras práticas que, outrora, estavam relegados a um segundo plano, agora se fazem presentes e ganham destaque e voz nas tomadas de decisão sobre eventos extraclasse.

Enquanto presente a partir dos torneios de futsal, as atividades extraclasse ganharam dimensão e representatividade maiores com a presença dos diferentes grupos existentes e que, se reflete na realização de dois eventos interclasses nos quais, além da realização de uma variedade de modalidades e práticas, contam com a participação direta dos discentes na escolha das modalidades a serem desenvolvidas.

Assim sendo, semestralmente, apresentações de dança, compartilham o mesmo espaço e audiência com práticas esportivas tradicionais como o futsal, voleibol, basquetebol, natação e atletismo, sendo que, práticas não convencionais como *dodgeball* (popularmente conhecido como “queimada”), levantamento de peso (supino), cabo de guerra.

Isso, ao meu entender, representa uma evolução, pois faz com que o espaço seja mais democrático ao permitir com que todos possam encontrar nele identificação e representatividade.

Nesse sentido, a reflexão em torno de como e qual seria minha presença neste espaço é repleta de incertezas, em alguns aspectos percebo que essa evolução trouxe uma nova forma de se compreender a Educação Física e toda a sua

⁹ Fair Play significa jogo justo, jogar limpo, ter espírito esportivo ou seja, agir dentro dos princípios da lealdade que deve estar presente nas práticas esportivas.

abrangência, mas por outro lado, torna-se cada vez mais difícil encontrar unidade em torno do que ela representa.

Medina (1983) já falava em A Educação Física cuida do corpo... e “mente” sobre a necessidade de uma crise para a profissão que ainda se faz atual dentro de uma sociedade de consumo na qual o *ter* acaba encontrando uma maior relevância em relação ao *ser*.

Ao observar o saguão, reflito sobre a importância que os discentes dão para o *ter* baseado em tendências da moda nas quais as práticas, por eles desenvolvidas, representam aqueles em que eles conseguem uma maior quantidade de *likes*, visualizações e compartilhamentos sendo que, somente a partir disso, é que eles se entendem identificam com o *ser*.

Talvez, neste ponto, eu me identifique até de certa forma com os discentes de hoje e, devido a isso, procuro, sempre que possível enfatizar a importância do *ser* em relação ao *ter* e, que se faz tão presente, nas obras de Paulo Freire, quando ele fala sobre a importância do *ser mais*, em educação.

“Esta busca do *ser mais*, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 2015, p. 105).

Desse modo, nas conversas existentes no cotidiano, nos olhares, nos fazeres diários, as ideias presentes no *ser mais* na Educação Física permeiam todas minhas práticas.

A partir da leitura em Pedagogia do Oprimido, mostra-se que a libertação dos oprimidos e a busca do “*ser mais*”, ainda se apresentam como processos urgentes em nossa sociedade que, estando diante de um contexto sociopolítico diferenciado da época em que a obra foi publicada, ainda se mostra carente, de maneira semelhante, das transformações em prol de uma humanização (FREITAS; DE ARAUJO FREITAS, 2017, p. 442-443).

5 NARRATIVAS FICCIONAIS

Muitas vezes, pesquisadores e pesquisadoras veem-se frente a um amontoado de anotações e não sabem como prosseguir, como se um hiato de anotações se instalasse entre os rabiscos e a escrita do texto. As narrativas ajudam-nos a redigir a partir de múltiplas fontes, auxiliando-nos a entendê-las e organizá-las de maneira que possam a ser compartilhadas com quem as lê. Elas nos auxiliam a incorporar a confusão e a complicação do cotidiano sem ter que negá-las para que os textos se tornem possíveis (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014).

Para Azevedo (2003), as narrativas parecem ser a melhor maneira de apreender o cotidiano. A partir delas, é permitido entender a vida cotidiana em sua complexidade e, ao revelarem um emaranhado de saberes/fazeres tecidos, possibilitam vivenciar com todos os sujeitos, os diferentes espaços/tempos.

Para Menegon (2013), o ato de conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano. São práticas discursivas, compreendidas como linguagens em ação. Considerando, ainda, a informalidade das situações em que ocorrem, as conversas representam modalidades privilegiadas para o estudo da produção de sentidos.

Assim e como meio dessas conversas serem incorporadas na pesquisa, a narrativa, por possuir um componente verdadeiro, histórico, coletivo e/ou particular figura como um meio para representar acontecimentos cotidianos.

No momento em que a narrativa passa a ser discorrida, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história a sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o ocorrido, suas consequências e desdobramentos (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014).

De modo que,

Com as narrativas ficcionais pretendo trazer ao espaço público, principalmente aos locais de debate, de formação profissional e política e de elaboração de alternativas que possibilitem a concretização de um estilo de vida mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momentos privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos (REIGOTA, 1999b, p. 86).

A partir das narrativas ficcionais, realiza-se um movimento de entendimento em torno de como se processam as preciosas informações chegadas de maneira informal que, presentes e pertencentes ao campo de pesquisa, procuram não ferir a ética e confiança de quem as traz e que está representada, muitas vezes, pela própria relação pedagógica existente entre a pessoa em que está um diálogo.

O fato de ser narrado um ato/acontecimento/conversa em uma pesquisa acadêmica não necessariamente remete à obrigatória identificação dos atores em questão. Em verdade, as narrativas ficcionais atuam no sentido de possibilitar a concretização de um estilo de vida mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momento privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014).

Para Reigota (1999 apud FORTUNATO, 2017), portanto, as narrativas ficcionais não operam sob a ótica do objetivismo científico, pois seu propósito é o de inserir o narrador nas teias de relações e significados complexos que envolvem o próprio ambiente. Nesse sentido, explica o professor, as histórias narradas tornam-se ilhas de significado, das quais podem emergir elementos para a identificação de si próprio e dos outros, além de situar o sujeito-narrador em suas relações no e com o ambiente vivido.

As narrativas ficcionais têm sido utilizadas como mediadoras entre os sujeitos aprendizes e sua própria percepção sobre seu ambiente vivido, seja durante as aulas formais, em rodas de conversa, palestras, congressos ou cursos de curta duração (FORTUNATO, 2017).

Para Reigota e Prado (2008), dar voz às pessoas, possibilitando-as aprender sobre seu próprio ambiente a partir da organização de seu pensamento e do compartilhamento de sua percepção, constitui-se como uma prática pedagógica política por excelência e, por consequência, conferem às narrativas importância ao permitir que haja a compreensão dos múltiplos sentidos dados ao próprio ambiente.

As narrativas ficcionais, quando apresentadas nos espaços acadêmicos e literários, correm duplo risco: de não serem consideradas como material de validade científica ou de não apresentarem valor literário. No entanto, a elaboração das narrativas ficcionais vem relacionada com dois outros critérios menos científicos e literários: o compromisso ético e a pertinência temática (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014).

Portanto, a partir das narrativas ficcionais, procurarei apresentar as percepções surgidas dentro do cotidiano da FEFISO, no qual, as conversas informais existentes nos diferentes espaços institucionais permitiram refletir sobre o desenvolvimento do discente dentro do curso, e tudo aquilo que compreendo ser pertinente à sua formação.

Apresentarei a seguir as narrativas ficcionais construídas/distribuídas a partir de eixos que representam o processo formativo do discente.

5.1 O que serei?

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação de forma histórico social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se (FREIRE, 2015b, p.126).

Ao se chegar na Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba, logo ao passar pelas catracas que dão acesso ao seu interior, são necessários alguns passos para adentrar ao saguão. Espaço de maior convivência entre os discentes das diferentes salas e demais frequentadores da ACM, local amplo, onde de um lado se vê uma pequena cafeteria e uma, ainda menor, loja de roupas e pequenos artigos esportivos. Do outro lado, tem-se a secretaria da faculdade e a sala da direção, ao fundo a entrada do vestiário feminino e um grande vidro transparente do qual pode ser observada a piscina. Ao centro mesas e cadeiras destinados ao consumo de alimentos (salgados, marmitas, *shakes*) ou, simplesmente, para conversar.

Diariamente, antes do início do período das aulas, em seus intervalos ou ao final do período acontece sem formalidades a integração entre discentes, professores, direção, funcionários e quem mais estiver por lá. Comemorações de aniversários, risos, alegrias, tristezas, revoltas e outros sentimentos também já foram presenciados nesse ambiente.

É nesse espaço que observo, ouço, sinto muito do que acontece na faculdade. Boa parte das narrativas aqui presentes são fruto destas percepções originárias de encontros rápidos ou mesmo apenas olhares sobre a dinâmica existentes entre os mais diferentes atores deste palco comum e rico de histórias.

Além desses espaços de convivência, as salas de aula, representam o “*locus operandi*” do processo educacional. É onde se iniciam os debates e discussões que,

não raramente, extrapolam os seus limites, espalham-se por outros lugares, e continuam, com muito mais espontaneidade, além do ambiente “formal” da sala de aulas.

O que leva esses discentes a buscar pelo ensino superior, particularmente, o curso de Educação Física? O que trazem de comum entre si? Quais são as suas inquietações? A busca por novos conhecimentos, expectativa de mudança, busca por um sonho, sentir-se vivo, poder “ser” reconhecido por algo que possibilite visibilidade? Como eles se verão ao final do curso? O que lhes significará tornarem-se professores?

Todos esses questionamentos fazem parte deste meu momento de contemplação/observação da dinâmica do saguão. Em uma das tantas aulas realizadas, minha curiosidade associada à constante busca em compreender tudo que se relaciona direta e indiretamente com o aprendizado, surge então a pergunta:

“- Onde você imagina estar daqui a cinco anos?” e, complemento:

“-Logo ao nascer, creio que uma das perguntas que surgem na cabeça dos pais gira em torno do futuro reservado para seu(s) filho(s). O que ele será quando crescer? Na cabeça da criança, essa pergunta surge ainda na infância, enquanto curiosidade dos adultos nos quais as respostas obtidas são cercadas de risos e frases de encorajamento”.

Projeito na parede da sala um vídeo antigo no qual uma propaganda de um banco de investimentos, pergunta para crianças “O que você quer ser quando crescer?” As respostas apresentavam uma gama enorme de profissões: bombeiro, bailarina, jogador de futebol, astronauta, frentista, mecânico de automóveis. Ao final do vídeo, eram apresentados os ressentimentos dos adultos que, por pensar no futuro, esqueceram de viver o presente e buscar por seus sonhos.

Ao assistirem a esse vídeo, os discentes riem das respostas das crianças, mas se mostram pensativos quando, ao ver as respostas dos adultos que também surgem no mesmo vídeo, veem-se nelas também.

As discussões sobre o futuro são complementadas com análises quanto às possibilidades profissionais existentes e, observando os olhares curiosos e pensativos dos presentes, encerro a aula e me despeço de todos.

Ao final de mais um dia em que o relógio tarda a apontar 22h30, é hora de ir. Sento-me próximo a um grupo de discentes já dispensados pelo professor e que aguardavam o horário de pegar a van para retornar às suas cidades de origem e começo a ouvir o que conversavam. Um deles, ao relembrar da aula, começa a falar de seus planos para o futuro após a conclusão da faculdade:

“– Já tá tudo pronto!” dizia,

“– Assim que terminar a faculdade, com o meu conhecimento nas lutas, abrirei uma academia na cidade e, como não tem nenhuma, é sucesso garantido!”

Neste momento dirige-se a mim perguntando,

“– Não é verdade, professor?”

Concordo acenando positivamente com a cabeça e me lembro de quando iniciei na faculdade como professor.

Desde que comecei a trabalhar como professor no ensino superior encontrei discentes decididos e determinados quanto àquilo que desejavam no curso e outros um tanto quanto hesitantes e inseguros. Lembro da história na qual, ao final do curso, já prestes a se formar, aguardando as notas finais e a tão esperada cerimônia de colação de grau, relatando como fora a passagem pelo ensino superior:

“– Professor, antes de prestar o vestibular, já tinha isso em mente. Minha cidade é pequena e, como não tem nenhuma academia deste tipo lá, tenho certeza de que não faltarão discentes.”

Observo que, mesmo sem ter a muita noção a respeito de quão veloz são as mudanças que se fazem presentes na sociedade atual e por consequência quais acabam sendo seus desdobramentos, pergunto a quem está do seu lado sua opinião sobre a afirmação.

“– Professor, não sei não. Tem muita coisa para acontecer ainda, eu acho. Uma coisa é certa, não quero abrir uma academia, pretendo estudar para passar em algum

concurso e conseguir a estabilidade que me fará ter a tranquilidade que espero depois de todo o sofrimento que é fazer faculdade”

A palavra *sofrimento* trazida pode ser entendida como uma experiência que possa provocar aversão, dor física, ou moral. Está associado a uma infelicidade. Como o discente pode entender que, estar presente no ensino superior, desejo de muitos, possa causar esse tipo de sentimento?

Freire (2016) em *Pedagogia da Autonomia* indicava para a importância da alegria necessária à prática educativa na qual, professor e discentes juntos, podem aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e juntos igualmente, resistir aos obstáculos.

As certezas presentes nas narrativas de alguém e que representavam suas expectativas e esperanças com o caminho que acabara de iniciar no ensino superior eram tidas com receios e medos de que levariam a uma experiência cuja expectativa era de “sofrer”.

A compreensão de que, enquanto seres humanos inacabados e a consciência deste inacabamento, também presente na obra de Freire, apresentou-se de forma clara neste encontro nesse pequeno grupo de discentes que diante das narrativas dos colegas outros preferem permanecer em silêncio, quem sabe imersos em suas próprias reflexões despertadas neste breve momento.

Durante as conversas existentes em sala de aula, não são raros os momentos em que apresento situações que resultaram naquilo que hoje estou e represento na sala de aula. Os percursos que me levaram àquele momento e que, como já apresentados neste texto, foram pontuados com trabalhos fora da Educação Física e que acabam por proporcionar nos discentes uma identificação com situações que eles estão a vivenciar.

Ao conversar com um grupo de discentes no intervalo de aula, um deles diz que se identificou com minha história ao trabalhar em outras profissões até, realmente, chegar a trabalhar com Educação Física.

“- Minha história não deve ser diferente da de muitos outros que estudam ou já estudaram. Como todos, eu também queria conhecer o que tinha de tão contagiante ou, se passava dentro de uma faculdade. Quando, de ônibus passava em frente, ficava sonhando em um dia poder ser discente no curso. Os anos foram se passando e o sonho se distanciando e se tornando cada vez mais difícil. Um dia, após tanto

reclamar da falta de oportunidades, alguém me pergunta a respeito do que estaria fazendo para mudar. Fiz supletivo, conclui o ensino médio, fiz cursinho pré vestibular, prestei o vestibular e, agora percebo o quão incrível é estar aqui.”

“- Legal!”

“- Professor, trabalhava com ajudante de eletricista, auxiliava na realização de instalações elétricas em qualquer lugar que possa imaginar. Certa vez, estava trabalhando em uma faculdade e comentei que meu sonho era um dia fazer uma faculdade. A resposta que tive ao invés de me desanimar me incentivou. Meu encarregado disse que era muito “burro” que faculdade não era o meu lugar. Quando terminar o curso, a primeira pessoa que vou ligar vai ser ele para agradecer o incentivo”

Nesse momento, outro discente que ouvia a conversa passa a fazer parte dela.

“- É professor, ingressar na faculdade faz parte do planejamento de muitos jovens, inúmeras oportunidades surgem quando se entra em uma. É grande o leque de caminhos que podem ser percorridos, o conhecimento adquirido dia após dia, aula após aula é muito satisfatório, não só para o discente, mas também para o professor.

“- Você acha que a faculdade irá, realmente, abrir novos caminhos dessa maneira?”

“- Professor, as mudanças ocorrem automaticamente na vida pessoal e social, quanto mais interesse na faculdade mais melhorias ocorrem na vida das pessoas, não apenas ao discente, mas também para aqueles que convivem.”

“- Nem todos que estão na faculdade conseguem ter esse ponto de vista em torno dos estudos.”

“- Professor, buscar conhecimento nunca é demais, é prazeroso entender sobre determinado assunto, e na faculdade a contribuição para a melhoria de vida das pessoas é surpreender a cada semestre que passa. Quando se aprofunda em determinado assunto, quando se conhece mais sobre determinada coisa, mudanças ocorrem na vida pessoal e social do indivíduo.”

Neste ponto, a conversa começa a ganhar um novo contorno com a chegada de mais um interessado em saber o que estava acontecendo.

“-Você que está chegando agora, me diga, estamos aqui conversando sobre o que a faculdade pode trazer de mudanças na vida de uma pessoa. O que você acha?”

“-Professor, pessoas que possuem o ensino superior acham empregos com maior facilidade e normalmente ganham mais. Com o diploma nas mãos, terei maiores chances de alcançar a estabilidade financeira. O diploma do curso superior completa o currículo com um grande diferencial significativo. A faculdade é fundamental para uma entrada no mercado de trabalho, para qualquer profissional que busque crescer na sua carreira, é o essencial.”

“-Pessoal, a conversa está boa, mas, tenho que ir, outra hora continuamos nossa conversa. Abraço”

Outro dia, durante o intervalo, o assunto que havia sido começado no dia anterior é retomado.

“- Professor, fiquei pensando um pouco sobre o que foi falado naquela roda de conversa e percebi que, realmente, a faculdade faz parte do meu plano de vida, unindo saúde, financeiro, paz interior e fazendo o que mais gosto, com o que estou aprendendo na faculdade está agregando muito em minha vida, é um sonho que estou realizando me sentindo por completo. Desde criança, estou imersa no mundo dos esportes, afinal, pratiquei atividades de alto rendimento desde muito cedo até o momento em que me tornei atleta [...]. Além disso, minha paixão por diversos outros esportes, que pratiquei ou não no decorrer de minha adolescência, como o basquete, futsal e futebol, atletismo, handebol, vôlei, taekwondo, ginástica, saltos ornamentais, hipismo, xadrez, natação, rugby, em suma, as centenas de opções que eu poderia citar, colaboraram para minha escolha profissional, levando como base o gosto pela área e a possível satisfação pela atuação dentro da mesma.”

Refletindo sobre sonhos, expectativas, esperanças, desejos presentes nessas narrativas e, percebo que, naquele momento, sentados todos à mesa do saguão, por mais determinado que possa parecer o discurso do primeiro, seus colegas permanecem quietos, somente observando ou absortos em seus celulares, provavelmente, ainda incertos sobre o que esperar do futuro.

Na Educação Física, os discentes têm por preferência atividades que envolvem o movimentar. Cinestésicos em sua essência, deixam com que a tecnologia os

influencie no convívio, mantendo-se afastados daqueles que estão tão próximos e com histórias, experiências, vivências ricas e que possibilitam uma nova visão sobre o mundo.

Lembro de uma reunião que participei na Uniso, como professor, em que foram convidados os professores que foram mais bem avaliados pelos seus discentes a partir de suas práticas pedagógicas.

Salão lotado, vários professores dos diversos cursos existentes e eu, o único representante da Educação Física. Quatro professores convidados apresentam suas práticas, um do curso de Administração, um do curso de Farmácia, outro da Terapia Ocupacional e um do Direito. Todos apresentando suas estratégias e metodologias de ensino. O último a se apresentar se tratava do professor do curso de Direito, com seu terno impecável, relevância no cenário legal de Sorocaba e professor na universidade. Iniciou sua fala:

“ Logo no primeiro dia de aula, aviso aos meus discentes, se você decidiu fazer o curso de Direito, uma das qualidades que é preciso ter é gostar de ler.”

E completa:

“ Se você não gosta de ler, vá fazer Educação Física.”

Boa parte do auditório olha para mim como se perguntassem:

“ E aí, não vai falar nada?”

Ao final de toda a sua explanação, senti-me estimulado a apontar o equívoco que havia cometido ao generalizar, dentro da Educação Física, uma “aversão” à leitura.

“- Professor, obrigado pela palestra. Gostaria de aproveitar a oportunidade para corrigir um equívoco cometido. Sou formado em Educação Física, Pós-graduado em Fisiologia do Exercício com Mestrado em Educação pela Uniso e, se aqui estou hoje, é porque li muito.”

Embaraçado e, ao mesmo tempo, envergonhado, o professor pede desculpas reservadamente, todos os outros conversavam em torno da mesa de salgados e sucos disponível. Aquela fala ficou marcada de modo que conto essa história até hoje.

Naquele mesmo dia, senti a necessidade de solicitar à biblioteca um levantamento em torno das retiradas de livros por parte dos discentes de Educação Física.

Qual não foi minha surpresa ao constatar que ele tinha razão. No período de um ano, o curso de Educação Física havia retirado apenas nove livros na biblioteca, sendo um dos cursos que menos retirava livros.

Ao apresentar à coordenação e aos demais professores do curso, a indignação com relação à fala do professor juntou-se a baixa retirada de livros dos discentes e surge um dilema, como promover o estímulo à leitura em discentes que, por motivos incertos não tinham o hábito de frequentar a biblioteca e retirar livros?

Lembro da fala de um professor amigo que, ao final de um semestre questionava os discentes sobre a veracidade de tudo aquilo que falara durante o semestre

“- Como vocês (discentes), sabem que, tudo aquilo que foi dito no durante este semestre é verdade?”

Utilizando-se da situação constrangedora a qual me vi e, aproveitando da fala do colega, instiguei aos discentes a encontrar na biblioteca, livros que indicassem a veracidade daquilo que havia apresentado durante o semestre.

O reconhecimento da biblioteca, o “garimpar” nos livros, a necessidade de pesquisa para os trabalhos de conclusão de curso, a leitura e discussão de artigos científicos foram algumas das estratégias para estimular a busca pela leitura e, por consequência, afastar-se cada vez mais da concepção “bancária” de educação.

De volta ao saguão da faculdade, observo absorto à cena, na qual os celulares “roubam” a atenção em torno do que está ocorrendo ao redor e, concluo que, o professor do Direito vai continuar tendo razão por um bom tempo, pelo menos, até eles perceberem a importância da leitura e dos livros na formação profissional.

Se todos ali alcançarem o tão desejado sucesso profissional, é difícil saber. Empenho por parte dos professores, estímulos e incentivos, garanto que nunca

faltarão. É preciso continuar tendo esperança, continuar sonhando pois, “não há mudança sem sonho, como não há sonho, sem esperança” (FREIRE, 2015b, p.126).

5.2 Barreiras/Obstáculos

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão do ser (FREIRE, 2015b, p. 25).

Estudar no período noturno, para mim, mostrou-se uma necessidade, pois, enquanto jogador de futebol, participava dos treinamentos. Após essa fase, trabalhando no açougue, não eram raras as vezes em que o cansaço vencia a vontade de estudar e acabava caindo no sono durante a aula.

O cansaço físico e mental, por muitas vezes, tornavam-se os principais desafios a serem superados durante as aulas, principalmente quando o professor apagava as luzes e projetava suas “transparências” no retroprojeto.

Agora, como professor, verifico que, muito daquilo que passava permanece presente.

No período da manhã, ao se iniciarem as aulas às 07h30, percebo sempre a mesma pessoa chegando com pelo menos 20 minutos atraso. Cabelos desarrumados, olhar cansado contrastam com um sorriso sempre presente.

Vestindo o uniforme da faculdade, bastam alguns minutos para se arrumar na carteira e o seu olhar mudar, o sorriso, sempre presente, permanece o mesmo, mas os olhos são diferentes daqueles que adentram a sala de aula.

Curioso, ao final da aula, pergunto os motivos para sempre chegar com atraso e se isso não está trazendo problemas com outros professores.

“- Professor, sempre sonhei em fazer Educação Física aqui, tentei o vestibular várias vezes, mas sempre algo acontecia e que me impedia de começar meus estudos. Desta vez, decidi que não importasse o que acontecesse, iria começar a faculdade e aqui estou!”

Como estava no intervalo entre uma aula e outra e ainda possuía um tempo, emendei outra pergunta sobre a mudança que percebia quando entrava na aula.

“- Professor, para chegar aqui, meu dia começa às 04h30 da manhã, que é a hora que acordo para aprontar minhas marmitas para a faculdade e depois para o trabalho. Por morar em outra cidade (cerca 115 Km de Sorocaba) e depender do ônibus que a prefeitura cede para levar os discentes para as faculdades de Sorocaba, preciso chegar cedo a fim de não o perder. O ônibus parte com discentes dos mais diferentes cursos e instituições para Sorocaba e, após duas horas de viagem, chego à rodoviária de Sorocaba e subo a pé até o centro para o início das aulas.”

Entendo o olhar cansado. As horas mal dormidas no ônibus servem para complementar um “descanso” que nunca é suficiente para recuperar plenamente as energias.

“- Quando chego aqui, sinto minhas energias renovadas, não sei se é o lugar, as pessoas, mas percebo que aqui me sinto bem! Aproveito cada instante, antes de voltar para minha cidade e para o trabalho (das 13h às 21h em uma Academia)”

Trabalhar para estudar, dormir pouco, sonhar muito, lutar, viver, sobreviver, durante as aulas, sempre pergunto aos discentes quais os motivos que os levaram a escolher a faculdade e percebo que, além do sonho, a expectativa de mudança, de ser reconhecido e de se entender como alguém, guia os(as) discentes(as) que vendem horas de descanso em troca do sonho de trabalhar com aquilo que entendem ser o que lhe trará satisfação e alegria em sobre-viver.

Essa situação pode ser entendida a partir daquilo que Paulo Freire chama de “inédito viável”, ou seja, “as mulheres e os homens como corpos conscientes sabem bem ou mal de seus condicionamentos e de sua liberdade. Assim encontram, em suas vidas pessoal e social, obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas” (FREIRE, 2015b, p. 277).

Essas barreiras, chamadas por Freire (2015b) de “situações limite”, fazem com que a pessoa, diante desses obstáculos, os percebam como algo que “não podem transpor”, ou, algo que “não querem” transpor sendo que, ao notar a existência destes, compreende a necessidade de superação passando a se empenhar para tal.

Desafiados que são, sentem que dentro de um clima de confiança e esperança, procuram encontrar soluções possíveis ou seja, ao detectar algo “percebido” e “destacado” em seu cotidiano, desenvolvem as ações necessárias para esta superação a fim de romper as “situações-limite”.

Os entendimentos em torno do não ser capaz, as dificuldades enfrentadas por muitos para chegar ao ensino superior, as distâncias a serem vencidas para se chegar às aulas, as dificuldades de compreensão resultantes muitas vezes de um ensino básico precário ou mesmo do próprio cansaço físico mental, demandam dos discentes atitudes entendidas como “atos-limite”.

Isso representa uma postura diferenciada frente aos problemas e que implicam em uma negação do dado, ou seja, a aceitação dócil e passiva de uma realidade com a qual ele, por sua vez, não concorda.

Ainda para Freire (2015b, p.278), aqueles que “se sentem no dever de romper essa barreira das “situações-limite” para, resolvendo, pela ação com reflexão, esses obstáculos à liberdade dos oprimidos” conseguem, por sua vez transpor a fronteira entre o “ser” e o “ser mais”.

O fato de acordar de madrugada, ou mesmo, trabalhar durante a madrugada e, ao sair do trabalho, partir direto para a faculdade, sair da aula e se dirigir para o trabalho, acaba sendo a rotina de muitos discentes com os quais, por muitas vezes, consigo me identificar com as diferentes situações vividas.

Quando ainda na faculdade era obrigatória a realização de cem horas de estágio prático profissional que, acumuladas com as responsabilidades que tinha no trabalho, fizeram desta etapa um processo complexo.

Com a concordância dos meus empregadores, dispunha da terça-feira para a sua realização. Hoje observo que o estágio obrigatório constitui-se, também, em um obstáculo complexo para aqueles que trabalham, pois, aquelas cem horas existentes se multiplicaram em quatrocentas.

“- Professor, como faço? Faltam horas no meu dia?”

“- Professor, tenho um amigo que diz poder me ajudar assinando as horas sem que eu precise ir até a escola. Pode ser?”

“- Professor, não tem como dar um jeito?”

“- Professor, e se eu não fizer o estágio. O que acontece?”

Esses questionamentos surgem a partir do meio do curso quando atender as exigências da lei de estágio devem ser somadas às demandas de um dia a dia corrido, no qual trabalho, família e estudos devem ser equilibradas tal qual um “equilibrista na corda bamba” que procura, a todo custo manter o espetáculo.

Os discentes, equilibristas da vida real, buscam soluções e alternativas que os ajudem a superar essas dificuldades e dar continuidade àquilo que entendem ser essencial para modificar suas rotinas/vidas.

Muitos chegam para uma realidade em que estudos e leituras nunca fizeram parte de sua rotina de estudos. Lembro, ainda enquanto trabalhava com crianças da periferia, na Uniso, histórias que me contavam sobre professores substitutos que dividiam a sala entre aqueles que queriam aprender e aqueles que não queriam.

“- Por favor, quem quiser aprender se aproxime, quem não quiser, pode ficar no fundo da sala fazendo o que quiser, desde que não atrapalhe.”

Ao contar isso em um grupo de discentes, um deles confirma e diz:

“- Sou um desses que ficava no fundo da sala jogando cartas, professor. Por isso minha dificuldade aqui, vocês pedem coisas que nunca tive contato na vida! O máximo que fiz no ensino médio foi dormir, jogar cartas e não faltar pois, se faltasse teria que fazer um trabalho para compensar a falta e, isso eu não queria”

Como inserir aqueles que, praticamente, não tiveram ensino médio e chegam ao ensino superior cheios de lacunas de aprendizado? Como fazer para que ele entenda a necessidade de que haja uma consciência política de reivindicar aquilo que é um direito pessoal?

Freire (2015a, p. 47) em *Pedagogia do Oprimido* já apontava sobre a situação à qual os oprimidos, “acomodados e adaptados, ‘imersos’ na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la”.

Se por um lado, compreender que a dinâmica instituída pela chegada no ensino superior, como algo completamente novo que surge e que demanda uma nova compreensão sobre como ocorre a relação ensino-aprendizagem pode ser o princípio do que podemos considerar a busca por uma autonomia.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 2016, p. 26).

Só o fato do discente, mesmo com todas as dificuldades encontradas, estar ali, presente na sala de aula, já representa a curiosidade necessária em busca de algo que, para ele, é genuinamente inédito. Porém, até que ponto o medo da autonomia pode influenciar na formação dos professores?

Compreendo que, o fato de concluir o curso, após 4 anos (ou mais, às vezes), não pode ser considerado uma batalha em busca do aprendizado, como surge na maioria dos discursos de formatura, mas sim, o fato de estar presente e concluir representa a constituição de uma consciência política resultante de um compromisso ético do professor com os discentes.

A busca pelo aprendizado, com a chegada ao ensino superior, denota um confronto na busca de aspectos que são objetivos para uma sociedade capitalista. Posicionar-se no mercado do trabalho, ter renda, promover o fluxo de capital a partir da venda de mão de obra especializada, com aspectos que são subjetivos em que se oferece, ao discente, tem o poder de transformar uma realidade na qual, muitas vezes, ele está inserido e, com isso, fazê-lo sujeito da própria história.

Ao buscar ser sujeito de sua história, muitos buscam por reescrevê-la ao se perceberem em um momento no qual preocupações com filhos, emprego, casa, família abrem espaço na busca por “vida” no ensino superior.

“- Professor, já tenho uma formação, meus filhos já estão crescidos e cada um já está encaminhado na vida. Estou perto da aposentadoria e não quero para mim a vida de aposentado que eu vejo em muitos daqueles que conheço e convivo. Eu quero continuar vivendo”.

Situação cada vez mais frequente, a busca por fazer algo que gosta após anos de trabalho em algo que possui, por objetivo principal, garantir o sustento necessário para a sobrevivência. A lógica que consiste em nascer, crescer, casar, trabalhar, ter filhos, aposentar-se e esperar pela morte, para eles não é tida como opção.

São advogados, engenheiros, administradores, bancários, caixas de supermercado, vendedores diversos que, agora, buscam em uma segunda graduação o sonho que ficou adormecido.

Não diferem daqueles que trabalham e chegam exaustos para as aulas, mas, possuem algo que os mais novos ainda vão levar um tempo para entender: valorizar cada momento.

“- Professor, sou responsável por uma equipe grande de pessoas, homens e mulheres que dependem das minhas decisões para de manter no emprego. O curso de Educação Física tem sido importante pois, a partir dele, consegui realmente entender o que significa ter uma visão holística em torno da pessoa. Minhas atitudes frente a certas dificuldades hoje, é diferente de quando eu ainda não havia ingressado no curso”.

Para eles, diariamente, faz-se presente aquilo que Freire, em Pedagogia da Esperança, aponta como sendo essencial no ato de estudar, aprender, ensinar e, de conhecer, entendendo como sendo esse processo difícil, mas prazeroso no qual “mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender” (FREIRE, 2015b, p.9).

5.3 Nostalgia, temores e liberdade

A educação está em crise [...] os educadores têm o dever de confrontar as parcialidades que tem moldado as práticas pedagógicas em nossa sociedade e de criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar o conhecimento. Não poderemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração (hooks, 2017, p. 23).

A resistência física pode ser entendida como a capacidade de sustentação de um determinado movimento ou ação por um período de modo que não ocorra a perda aparente da eficiência ou que o corpo entre em estado de fadiga/cansaço.

O resistir faz-se presente diariamente no cotidiano do curso de Educação Física, em sua vertente fisiológica enquanto pertencente ao grupo de capacidades físicas consideradas condicionantes.

A Fisiologia Humana e a Fisiologia do Exercício exercem no discente de Educação Física um fascínio que, por mais complexas que sejam as reações químicas na síntese e ressíntese energética, os caminhos que o estímulo nervoso deve percorrer até chegar à placa motora no músculo ou mesmo todos os hormônios e como estes atuam durante atividades diárias e durante o exercício, não se comparam a certos temores que, volta e meia, trazem dúvidas e incertezas aos discentes.

Provenientes, em sua maioria, de escolas públicas ou para alguns a chegada ao ensino superior representa um retorno à sala de aula em que se percebem representantes de uma geração distante daquela, a qual, por ser maioria, encontra-se no mesmo espaço. Diferentes gerações, experiências e vivências, mas que estão agora a compartilhar do mesmo local em busca de um interesse comum.

Com isso, a discussão em torno da temática resistência física desenvolvia-se com o intuito de apresentar aos discentes como essa capacidade física pode ser encontrada nas mais variadas situações.

Seja numa partida de futebol, numa brincadeira de pega-pega, no andar de bicicleta e na participação em uma aula de Educação Física na escola, em todas as atividades, as opiniões convergiam para o consentimento geral da presença, ora em maior ora em menor intensidade, da resistência.

Entretanto, essa concordância unânime passa para uma discussão um pouco mais intensa quando, deixada em segundo plano, inicia-se um debate sobre questões relacionadas às aulas de Educação Física na escola.

Quando na escola, lembro que, enquanto todos os meus colegas discutiam sobre o vestibular e, para qual faculdade/curso faríamos o exame, Direito, Administração, Engenharia, Ciências da Computação, Medicina eram sempre apontados como objeto de desejo por muitos.

Eu, por minha vez, sempre indiquei meu interesse na Educação Física. Durante a escola, vários foram os professores que eram responsáveis pelas aulas de Educação Física. No entanto, posso afirmar que nenhum deles pode ser considerado como referência a ser seguida, mas, sim, como exemplo na tentativa de procurar diferentes formas de agir e pensar a prática.

Neste ponto, após ouvir as opiniões de como os discentes interpretavam as aulas de Educação Física que tiveram na escola, observei que em boa parte dos relatos os discentes compartilhavam aspectos encontrados em artigo publicado em 1997, na Revista Paulista de Educação Física, no qual Guedes e Guedes (1997) realizaram um estudo sobre as “Características dos programas de Educação Física Escolar”.

Neste estudo, os autores propuseram-se a desenvolver uma análise quanto ao tipo das atividades e respectivo nível de intensidade dos esforços físicos oferecidos aos escolares durante as aulas de Educação Física, numa tentativa de estabelecer relações com os objetivos direcionados à promoção da saúde.

Os resultados encontrados indicam que os escolares se ocuparam por um tempo excessivamente longo com tarefas de organização e transição das atividades ministradas. As atividades mais frequentemente selecionadas pelos professores envolveu a prática de esportes. Foram oferecidas aos escolares poucas oportunidades de participar em atividades voltadas ao desenvolvimento e ao aprimoramento da aptidão física.

Os professores responsáveis pelas aulas em nenhum momento recorreram à exposição de conceitos teóricos associados à prática da atividade física relacionada à saúde. O nível de intensidade dos esforços físicos administrados aos escolares foi menor que o limite mínimo necessário para que possam ocorrer adaptações funcionais voltadas a um melhor funcionamento orgânico (GUEDES; GUEDES, 1997).

Apresentados aos discentes os dados da pesquisa, muitos concordaram que tal prática nas escolas é entendida muito mais como lazer do que como meio para melhoria da saúde ou para um entendimento da mesma, quando, na tentativa de encerrar o assunto e continuar com a aula, fui interrompido por um discente que, por possuir a mesma idade que a minha, afirma:

“- Mas professor, me desculpe falar, essa Educação Física apresentada no estudo e que a maioria dos colegas teve, não foi a que tive e, com certeza, não foi a que o Senhor teve na escola, não é verdade?”

De fato, as aulas de Educação Física frequentadas por mim lembro, e muito, aquilo que hoje é moda dentro da Educação Física, como as aulas de *Crossfit* e *Funcional*, aulas em circuito nas quais a exigência física era intensa e, se fossem

realizados de maneira a agradar o professor responsável pela aula, teríamos, como prêmio, ao final, a possibilidade de jogar futebol de salão, isso se ainda restassem tempo e pernas!

No final do debate realizado acerca das diferenças existentes entre as aulas de Educação Física vivenciada pelas diferentes gerações presentes, um outro discente, resolveu pôr um fim ao afirmar:

“- Agora que a sessão nostalgia está chegando ao seu final, podemos ir ao que interessa e, voltar pra aula?”

Os discentes riram e a aula seguiu na direção daquilo que, por ele, é considerado mais interessante sendo que, muitas vezes, essas nostalgias são tão importantes quanto os conteúdos que, porventura, serão exigidos em uma avaliação.

As histórias de vida, casos e acasos resultantes de erros e acertos são encarados por muitos dos discentes como uma alegoria presente na sala de aula. Momento de descontração que, por não ser considerado conteúdo a ser cobrado em uma avaliação, não recebe a devida relevância.

A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode nos levar a interpretar a história por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuíam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção e resistir a ela – qualquer que seja (ARENDT, 2012, p. 12).

O que é considerado mais importante em uma aula? A troca de experiências ou a não compreensão de que estas são valiosas e que, futuramente, serão a base de suas práticas?

Para entrar no ensino superior é obrigatório a realização de um exame vestibular em que se espera selecionar aqueles considerados “aptos” para esse nível de ensino. É neste momento que tenho o primeiro contato com aqueles que provavelmente serão, em breve, discentes.

Em uma sala de aula, onde o silêncio impera, todos estão concentrados em suas provas e, eu, o “avaliador” apenas observo. Quais são as histórias que carregam? O que os motivou a procurar pelo curso de Educação Física? Quais são seus anseios? No silêncio da sala, apenas tento adivinhar quais serão “bem sucedidos” na divulgação do resultado.

A primeira semana de aula consiste na verificação do resultado do vestibular. Em sala, os “vitoriosos” da etapa do vestibular passam agora a enfrentar uma nova batalha, o curso.

“Batalha”, pois, após participar de um número considerável de formaturas, percebi nos discursos proferidos pelos oradores escolhidos pelas turmas as constantes: sofrimento, dificuldades, superação e vitória. De tal modo, chego a pensar, muitas vezes, por que fazemos isso com os discentes? Nos discursos dos paraninfos de turma, por sua vez, enaltece-se a perseverança daqueles que alcançaram a “glória” ou as “angústias” superadas e que agora podem, realmente, serem considerados professores.

Em um dos tantos discursos existentes, um discente relata que:

“- Neste clima de alegria e comemoração, talvez não fosse o momento de falar de angústias. Mas não pude deixar de lembrar das dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro, muitos deles enraizados em nossa sociedade. Entretanto estamos sendo envolvidos por um amontoado de tristes acontecimentos, noticiados dia após dia, que nós (professores) não podemos ficar indiferentes”.

Depois de tanto estudo, dedicação, perseverança, percebe-se que ainda há a necessidade, para aquele que se torna professor, de superar todas as mazelas existentes na nossa sociedade.

Creio que o que observo nos discursos de formatura é reflexo daquilo que é visto em boa parte dos discentes matriculados em instituições privadas de ensino superior onde, na maioria das vezes, como afirma Reigota (2010, p.1), contribuem “...nas despesas da família e o que sobrava, quando sobrava alguma coisa, pagavam o lanche e o curso universitário noturno na faculdade particular mais próxima”.

Por outro lado, aqueles contemplados com a bolsa de estudos, possuem o “privilegio” de poder trabalhar e não ter que arcar com os custos do curso superior.

A concessão de bolsas de estudo, seja por meio de políticas públicas ou, a partir de procedimentos particulares as instituições concedem um número específicos de bolsas, possibilitando para muitos a continuidade dos estudos, mas exigem atenção aos prazos para entrega de documentos comprobatórios, além da confirmação da necessidade do auxílio bem como a presença nas entrevistas com a Assistente Social e a renovação semestral.

Não raro, no momento de renovação, acontece a perda do prazo ou não conseguir os documentos que comprovam e garantem a continuidade do auxílio.

“- Professor, vim me despedir pois não vou poder continuar na faculdade. Perdi o prazo para o processo de bolsa e, como não tenho como arcar com as mensalidades e as despesas de casa, vou esperar pelo próximo semestre para tentar novamente”

Enquanto discente na faculdade, em um momento de dificuldades financeiras na família, na inexistência de bolsas de estudos, a alternativa que restou foi conversa com o Secretário Geral da ACM, sendo a única pessoa capaz de ajudar com as mensalidades em atraso. Como resposta, obtive:

“- Entendo seu problema, mas não posso fazer nada, ou você paga e continua ou você deixa a faculdade.”

Alguns cheques devolvidos depois, decidimos por vender o carro da família para quitar os atrasados e, assim, concluir a faculdade.

Mas, voltando à sala de aula, na primeira semana, o que se vê são pessoas demonstrando insegurança em um espaço novo onde uma viagem ao incerto está prestes a se iniciar. A única certeza que todos possuem é a de que após 04 anos poderão contar suas vitórias e glórias no discurso de formatura.

Ao final da cerimônia, um discente se dirige a mim e diz:

“- Professor, agradeço por tudo que você me ensinou, mas e agora? O que eu faço? Amanhã quando acordar, não tenho mais meu estágio, não fui efetivado, e não tenho que ir para faculdade? Você tem mais algum último conselho para me dar?”

A liberdade para decidir o que fazer com aquilo que vivenciou durante os anos de faculdade o assombrava!

A faculdade procurou ensinar tudo aquilo que considerava essencial sobre o corpo humano, didáticas, metodologias de ensino, esportes coletivos e individuais, sociedade, política, mas as avaliações que garantem as notas que ao final, representam números onde o conhecimento sobre como aplica-los na “vida real” não são capazes de mensurar.

Conceitos e procedimentos são amplamente desenvolvidos durante as aulas, entretanto as atitudes essenciais para, finalmente, “ser mais” dentro da Educação Física são envoltos, por muitos, em inseguranças e temores.

Às questões deste discente acrescento às feitas por Erich Fromm (1983, p. 15) ao indagar:

[...]é a liberdade apenas a ausência de pressão externa ou é também a presença de algo – e, em caso afirmativo, de que? [...] Pode a liberdade tornar-se um fardo por demais pesado para o homem suportar, algo de que ele procure escapar? Por que, então, a liberdade é para muitos um objetivo cobiçado e para outros uma ameaça?

Em “Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade” bell hooks (2017) aponta todo o medo que a cercou quando da efetivação como professora no Departamento de Inglês do Oberlin College devido à perspectiva de ficar presa na academia para sempre. Ainda hooks (2017, p. 25) afirma que:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual de nossos discentes. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos discentes é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.

Neste ponto, Paulo Freire (2016, p.47), atenta para o fato de que o “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.”

A autonomia, o amadurecimento, não surgem de repente o vir a ser não tem data marcada, ele está centrado em experiências que estimulam a decisão e a

responsabilidade, o que Freire (2016, p. 105) aponta como serem “experiências respeitadas de liberdade”.

Com isso, compreendo, cada vez mais que, o ato de ensinar deve ir além dos conteúdos pré-estabelecidos, pois de nada adiantará se o discente não perceber que, livre como deve ser, deve se empoderar desses novos conhecimentos para, a partir deles e com eles, poder promover mudanças em si e naqueles que o circundam.

5.4 Sobre o corpo

O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles. [...] é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo [...] nesse sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo (MERLEAU-PONTY, 1994, p.122 apud OLIVEIRA, 2017, p. 38).

Eu podia não ser considerado um exemplo de atleta. Não gostava das obrigatórias corridas de todas as segundas-feiras. Não compreendia e, quando questionava, as respostas, cercadas de sarcasmo e ironia, deixavam-me irritado. Por que um goleiro deveria correr 10km nos treinos se, durante uma partida, o máximo que ele corre não chega próximo a 2km?

Treinamentos que deixavam de lado características individuais dos atletas e que esquecem de analisar as demandas exigidas pela prática e/ou posições/funções na sua execução sempre me deixaram pensativos em relação sobre o que fazia.

As exigências físicas nos treinos fizeram com que um perfil considerado atlético acompanhasse-me durante a faculdade e que era presente na maioria dos meus colegas de sala. Aqueles que não se “encaixavam” ou que, “por serem diferentes”, não sofriam nenhuma espécie de preconceito, pelo menos explícito.

Essa distinção, em relação ao corpo e a performance, surgia de forma mais clara quando da realização de apresentações em grupos, nas aulas de ritmos, dança ou na ginástica onde, em quadra, os grupos nos quais participei, apresentavam uma heterogeneidade que despertava a atenção de todos, inclusive dos professores.

“- Como vocês formaram o grupo de vocês?”

Questionavam os professores e, nós, rindo respondíamos:

“- Nosso grupo é formado por aqueles que não foram escolhidos por nenhum outro!”

O jogador de basquete (alto a “perder de vista”), com o jogador de futebol, o de voleibol, a mãe que decidiu fazer Educação Física, o baixinho(a) gordinho(a), todos, na maioria das vezes com ritmos diferenciados que levava a sala a rir mas que, para nós, era um momento de satisfação por podermos demonstrar a importância que existia em estar presente, sem se preocupar com performance. Apenas aproveitar o momento.

A Educação Física, ao longo de sua história, “representou diversos papéis que, embora com significados próprios ao período em que se encontrava, corroboraram para definir-lhe uma considerável coerência na sequência de sua atuação na peça encenada” (CASTELLANI FILHO, 1991, p.31).

As suas origens revelam uma marcante influência das instituições militares e médicas em sua constituição e no papel que ela desempenhava em que o desenvolvimento de corpos saudáveis e fortes eram aspectos considerados indispensáveis para o país.

Enquanto discente e, por mais que tenham sido desenvolvidas outras formas de se compreender a Educação Física, para nós, a ideia de corpo rendimento, fazia-se presente não somente em nossas atividades, mas, também, no discurso dos professores.

Voltando hoje ao saguão, sento-me em um banco ao lado de um discente (a) que, educadamente cumprimento e faço uma pergunta, considerada padrão, mas que, muitas vezes atrai respostas surpreendentes.

“Olá! Como vai?”

“- Oi Professor, tudo bem! Sabe, durante todo esse tempo aqui na faculdade passei por muitas dificuldades. Em cada um desses momentos tive uma sensação/sentimento diferente, medo, alegria, derrotas, conquistas, conhecimentos e muito aprendizado, com os professores e com os colegas de classe.”

Percebendo a necessidade que está pessoa tinha em se abrir, apenas deixei com que continuasse a falar.

“- Um dia diferente do outro sendo que, cada um deles contribuiu, não só para minha formação profissional, mas, também, para meu desenvolvimento pessoal. A vez que iniciei o curso, logo aos 17 anos, percebi que foi um pouco sem nexos, um tanto quanto superficial, pois meus conflitos e medos me regiam.”

“- Como assim, medos? Você tinha medo de entrar na faculdade, das aulas, dos professores? Medo do que você tinha?”

“- Fisicamente eu não estava bem, claro, por conta da falta de um sentido/objetivo, por mais que me sentisse bem na faculdade, parecia que não era o momento certo, e não era. Com quase 100 kg, na primeira vez que tentei o curso, tranquei a faculdade com a pretensão de retornar em breve e que, quando isso ocorresse, eu pudesse ajudar e ser exemplo para aqueles que me procurassem. Ao retornar, agora com 40kg a menos, me senti pronto(a), com o coração cheio de vontade e determinação, volto um pouco mais maduro(a) a ponto de dizer que ganhei amigos, experiência, vivências que me tornaram uma pessoa melhor, ciente das dificuldades que surgirão na vida, mas, consciente de que sou capaz de superá-las”.

Ao ouvir essa história, percebo que, na Educação Física, a relação existente entre os discentes e o corpo pode ser considerada mais complexa do que a existente em outras profissões, pois, para eles, a importância e a necessidade de serem considerados exemplos, corpos esbeltos, atléticos, fortes, encontram uma resistência muito grande com aqueles que não se encaixam neste perfil.

Qual será considerado o corpo ideal para o discente da Educação Física? Por que a necessidade de se buscar um corpo que, na maioria das vezes, não representa uma realidade, mas, sim, algo que é propagado na mídia, com imagens que passam por filtros e edições para eliminar o que pode ser considerado “defeito”?

Para Le Breton, em Antropologia do corpo e modernidade (2002), o corpo é um tema a que se presta especialmente para a análise antropológica pois pertence, por direito próprio, a uma variedade de identidade do homem. Sem o corpo, que lhe proporciona um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao corpo, através do símbolo que este personifica. A existência do homem é corporal. E a análise social e cultural dele que é objeto, as imagens que falam sobre

sua dimensão oculta, os valores que o distinguem, nos falam também da pessoa e das variações que sua definição e seus modos de existência têm, em diferentes estruturas sociais. Por estar no centro da ação individual e coletiva, e no centro do simbolismo social, o corpo é um elemento de grande alcance para uma análise que pretenda uma melhor compreensão do presente.

Sempre que possível, durante as aulas questiono os discentes acerca do que eles entendem sobre “corpo” e o que eles consideram como “corpo ideal”. Alguns minutos para pensar sobre o assunto e, como era de se esperar, as definições sobre o corpo, em um curso de Educação Física, têm o enfoque em aspectos anatômicos, biológicos e fisiológicos como, por exemplo, aponta um(a) discente(a)

“-Estrutura física de um organismo vivo que engloba as questões fisiológicas e anatômicas, formada por membros (ossos, células e músculos) que em conjunto formam tecidos, sistemas e assim, dando suporte para a vida.”

Se por um lado é um padrão de resposta um tanto quanto esperada por aqueles que estão no curso, outros discentes concordam e complementam, que o corpo em si, não é apenas caracterizado por esses aspectos, de modo que também pode ser entendido não somente a partir de uma visão biofisioanatômica mas, também, com aspectos relacionados à espiritualidade. Neste ponto, percebe-se uma certa influência do modo de pensar acemista (onde se encontra a faculdade) no qual os ensinamentos e práticas visam desenvolver o corpo, a mente e a alma dos frequentadores como aponta outro discente(a),

“- [...]o corpo é tudo aquilo que dá vida aos pensamentos, vontades e prazeres, produz cultura e dá vida ao imaginário, ou seja, seu significado é amplo e perpassa por diversos conceitos, pontos de vista e culturas, é algo sagrado.

E quando a pergunta é modificada e se questiona sobre “O que pode ser considerado como um corpo ideal?”. As respostas que surgem reforçam o caráter midiático ao qual os jovens atualmente estão expostos ao entender como ideal aspectos relacionados à saúde e estética.

“- O corpo ideal é um corpo saudável, com grupos musculares bem definidos, podendo ser considerado objeto de desejo...esteticamente bonito, perfeito, tanto para homens como para mulheres, representando o que está na moda, corpo saudável de quem pratica esportes”.

Com isso, percebe-se que o entendimento sobre corpo para os discentes presentes nesta aula específica, reforça a ideia de que este pode ser “classificado” de acordo com aspectos relacionados ao rendimento/potência física, estética e saúde na qual a capacidade de realizar ações é mais importante.

Segundo Lovisolo (1998), a partir do momento em que se sobrevaloriza a performance, o desempenho, esquecendo ou sacrificando outros valores, tais como morais e intelectuais, na procura de mais força, altura e velocidade, em detrimento à capacidade de realizar reflexões sobre a própria existência, revelando a dificuldade que existe em se identificar na prática esportiva a saúde ou a qualidade de vida.

A concepção de corpo bem como a ideia de existir um corpo ideal, dentro das aulas no curso de Educação Física, revela que a influência das mídias exercida sobre os jovens vai além das questões do rendimento, estética ou saúde, a partir do momento em que nenhum discente associa corpo ideal como sendo o seu próprio corpo ou, quando associado, este é representado pelo número de curtidas//likes que existem nas redes sociais a que pertencem, ou seja, o entendimento sobre ou mesmo as considerações que porventura são compreendidas acerca do seu imaginário, refletem a necessidade crescente de aceitação e integração dentro de um certo grupo social.

Este enquadramento nos faz refletir sobre o posicionamento político acerca do corpo que estes mesmos discentes fazem ao aceitar ou criticar posturas que não estão conformes com a sua forma de pensar e agir. Corpos que são considerados “fora dos padrões” por eles aceitos e, por consequência, passíveis de críticas e rejeição. Magros, gordos, deficientes, ineficientes, ou seja, as margens para aqueles em que os pré-conceitos operacionalizados são intrinsicamente fortes o suficiente para resultar na não aceitação ou, apenas, tolerar/suportar.

Com isso, podemos entender que, para além dos aspectos físicos, o corpo social, político, cultural, poético, trabalhador, assalariado, moldado, resistente/resiliente, persistente/insistente, deficiente/eficiente/ineficiente mas presente, existente ou mesmo ausente, reforçam a importância da Educação Física

no “...*papel de cumprir a tarefa de ressignificar o corpo*” (OLIVEIRA, 2017, p.178), sendo que essa ressignificação, de acordo com Massari (2014), dependerá, em grande medida, de uma formação mais completa daqueles que se propõem a trabalhar com o corpo nos domínios escolares. Os educadores não conseguirão que seus discentes reflitam sobre a complexidade corporal sem que primeiro eles o tenham feito.

“- Professor, meu corpo é marcado desde que eu nasci. Tive uma infância carregada de brincadeiras, subindo e descendo de árvores, e quando não conseguia quebrava o braço ou a perna. Brincadeiras na chuva e na lama, fui crescendo e sentindo a necessidade de mais descobertas, mais práticas corporais”.

A maneira como os indivíduos desenvolvem a sua noção sobre o corpo e o entendimento da sua complexidade são essenciais à sua identidade e refletem a história por trás da construção de uma sociedade onde, muitas vezes, o diploma de ensino superior é tido para muitos como forma de se destacar em relação a outros e, por consequência, ser reconhecido.

Na formação do profissional em Educação Física é preciso compreender que o corpo deve ser entendido para além de sua visão biológica. É preciso considerar a história inserida nele e entender como inacabado para, assim, ter condições de compreendê-lo.

Freire (2016) em Pedagogia da Autonomia já falava sobre essa condição de inacabamento do ser humano, apontando como sendo este inacabamento do ser ou sua inconclusão uma característica própria de sua experiência vital.

Portanto, e a partir das conversas que surgiram sobre o corpo, percebo que a necessidade de se romper fronteiras acerca do entendimento dele se faz necessária a fim de permitir com que esses discentes compreendam a importância que existe no papel de se educar para a liberdade.

Liberdade essa que fará com que ele compreenda a importância de se ver livre das amarras existentes em que as aparências ganham um valor maior do que os conteúdos, ou seja, sentir, observar, refletir/pensar e agir no sentido de, a partir de suas práticas, conseguir estimular novas formas de reflexão e de ação.

A fim de que,

Sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento. [...] Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora ... é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra (FREIRE, 2015c, p. 24 e p.48)

Em estudos realizados por Leme (2000) e Massari (2014) verificou-se a importância de problematizar o corpo a fim de permitir uma ressignificação em torno dele, para que, a partir de novos significados, entendê-lo a partir do dinamismo que o constitui em suas relações no mundo e toda a dimensão cultural à qual está envolvido.

Neste ponto e, mais uma vez, faz-se presente a importância da noção do “ser mais” em Educação Física, compreendendo que a relação entre professor e discente deve ir além da reprodução de conteúdo que visam atender as expectativas de mercado, de imagem, percentuais de gordura, músculo e outras estatísticas que relativizam a história de vida das pessoas.

5.5 Brasil, Futebol e Formosa (Taiwan)

Qualquer discussão sobre o futebol mundial deve ser iniciada com um reconhecimento da atração global do jogo. Embora possa estar cada vez mais ultrapassado dizer isso, o futebol é inegavelmente o principal esporte do mundo (GIULIANOTTI, 2010, p. 7)

Inventado pelos ingleses, por mais que correntes historiográficas vejam semelhanças de origem entre o futebol e os jogos com bola registrados na China antiga, no Japão e no Egito, ou com o Haspartum romano (CARVALHO, 2012), o esporte se transformou em um dos mais populares no mundo.

Chegou ao Brasil por intermédio de marinheiros ingleses e de estudantes que regressavam da Inglaterra e traziam consigo todos os equipamentos necessários para a prática do novo esporte.

De um início elitista, pois no Brasil, em detrimento do que ocorrera no país de origem, em que rapidamente se tornou esporte popular, o futebol foi rapidamente incorporado pela alta sociedade, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Aos

poucos a sua prática foi se popularizando fazendo dele o esporte das “massas” resultando no surgimento de clubes e torneios por todo o território nacional.

Para Barrios (2009), é um dos mais fascinantes fenômenos sociais com a capacidade de mobilizar multidões em um dos espetáculos mais primorosos para se ver e viver, extrapola o palco de sua existência, pois é capturador e mesmo depois que as luzes dos estádios já se apagaram, o povo se foi e ele ficou vazio, ele continua e se transforma em motivo de conversas, discussões e debates, discordâncias ou coincidências.

Encontrado nas praças, parques, clubes, ruas, praias e nos mais diversos lugares onde haja espaço suficiente para seu desenvolvimento é, também, figura central nas discussões existentes nos bares, restaurantes, pontos de ônibus acerca dos erros e acertos dos árbitros, a bola que não entrou ou mesmo a beleza presente em uma jogada que é coroada com o grito de gol da torcida.

Lembro-me dos tempos de infância em que tijolos, chinelos, pedras eram considerados os gols, os moradores da rua de cima com os moradores da rua debaixo traziam à tona rivalidades dignas das grandes equipes de futebol. A bola que teimava em cair nos quintais e garagens nos momentos mais tensos da partida ou, mesmo, a mãe de alguém que, sem entender a importância do momento, chamava e, com isso, fazia com que a partida fosse interrompida sem data para retornar.

De acordo com Santana (2004),

Num passado não tão longínquo, as crianças aprendiam a jogar bola na rua, nos campinhos, nas praças, entre iguais, longe de professores. Certamente, desobrigadas de horários de treinos, competições oficiais e do ensino sistematizado. Evidentemente que ainda há crianças que jogam bola na rua, mas, principalmente nas grandes cidades, excetuando-se a periferia, é incomum (SANTANA, 2004, p.9).

Atualmente, proliferam-se por todos os grandes centros, escolinhas de futebol, muitas delas com a chancela de grandes clubes, no qual crianças podem aprender a dar os primeiros toques na bola e a gostar do esporte a ponto de torná-lo uma grande paixão.

Todo esse fascínio proporcionado pelo futebol associado ao apoio familiar e às oportunidades que surgiram, fez com que se procurasse nesse esporte o sucesso e o reconhecimento que comumente é visto nos principais meios de comunicação.

Entretanto, como resultado de escolhas, meu protagonismo esperado na modalidade surge, não como atleta, mas como formador, atuando como professor em escolinhas de futebol, em um primeiro momento para, mais recente, ser formador, na Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba, de profissionais que poderão ensinar futebol.

“- Ter o futebol logo no começo do curso vai ser legal pois, assim, posso logo de cara “bater uma bolinha” durante as aulas”.

O Brasil, considerado por muitos como o país do Futebol, na verdade é o lugar onde o esporte é popular. Casos de corrupção envolvendo dirigentes do esporte fizeram com que a imagem do esporte com o Brasil mudasse um pouco.

Conquistas de títulos escondem uma realidade em que a modalidade mostra a sua verdadeira face na qual a precariedade encontrada nas escolas para se ensinar, associada a uma imagem distorcida da realidade, fazem do ensino do futebol na faculdade um desafio.

Como docente, o processo de ensino e aprendizagem é focado no como ensinar a partir do que se sabe e, a partir dele, fazer com que o discente tome consciência em torno das necessidades que os seus futuros discentes poderão e, partir deles, fazer com que haja a “construção”, não somente de um repertório motor, mas também uma consciência no que concerne o futebol e a realidade de ensino deste.

Com isso, trazer para as aulas todo o dinamismo que está presente, não só no esporte, mas como ele se modifica com o passar do tempo e, a partir deste entendimento, procurar fazer com que ele compreenda que o ensinar demanda uma compreensão da realidade e de como ela se modifica com o passar do tempo.

Para Freire (2015a),

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação (FREIRE, 2015a, p. 79).

A formação dos educadores a partir do pensamento de Paulo Freire se constitui em um compromisso ético a ser assumido por educadores críticos que desejam

romper com o mito da neutralidade da educação e com a adaptação dos seres humanos a uma suposta vida em harmonia em uma sociedade marcada pela desigualdade. Significa pensar dentro da linguagem da possibilidade, em que o presente e o futuro podem ser criados e recriados, a partir de uma práxis social organizada coletivamente.

A partir da reflexão que faz sobre sua experiência enquanto aluna, hooks (2017) aponta para o fato de que o tédio presente nas aulas que participava fez com que passasse a imaginar, não somente que a sala de aula poderia ser empolgante, mas também que esse entusiasmo poderia coexistir com uma atividade intelectual e/ou acadêmica séria, e até mesmo promovê-la, ou seja, a consciência que o docente e discente devem ter sobre, por mais que práticas convencionais conservadoras de ensino persistam e insistam, faz-se necessário pensar em formas mais adequadas a partir do entendimento que se deve ter sobre as vivências e possibilidades de cada um e como elas poderão contribuir para o desenvolvimento integral do ensino.

Conciliar os desejos daqueles que já “sabem” o esporte com aqueles que estão tendo o primeiro contato com a modalidade e, que muitas vezes, não possuem experiências anteriores positivas em esportes com bola, fazem com que a didática traga certa frustração para o primeiro grupo e alívio para o segundo grupo.

Com o intuito de se ensinar como ser professor de uma modalidade em que pré conceitos em torno de práticas fazem com que o processo de desconstrução de paradigmas presentes no futebol demande compreensão em torno das vivências do discente fazendo ainda com que passe a ter um “novo” olhar para o esporte.

Neste ponto, recordo que enquanto jogador de futebol e discente da faculdade, não via muita diferença entre o que fazia nos treinamentos com o que era apresentado na faculdade. Esse novo olhar surgiu depois de formado e, ainda na escolinha de futebol, mas, principalmente, a partir dos estudos no mestrado que me fizeram enxergar de forma mais crítica práticas até então desenvolvidas no ensino do esporte.

Ensinar para permitir ao discente ampliar seus horizontes e ao permitir isso, conseguir ampliar os meus também. Horizontes no ensino que me permitiram alcançar outros horizontes, agora geográficos.

Se, enquanto jogador, a ideia de conhecer o mundo com o futebol não se concretizou, enquanto professor, esse vislumbre fora realizado a partir da ida para Formosa (Taiwan) a convite da Associação Cristã de Moços da cidade de Changhua.

Como ensinar uma modalidade em um país em que ela não é considerada o principal esporte? Qual foram os motivos que levaram aos representantes da ACM de Changhua realizarem o convite? Como será a recepção dos discentes com o esporte e a forma como desenvolve seu ensino?

Perguntas e mais perguntas faziam com que a ansiedade com a viagem e a curiosidade em torno do que me aguardava fossem imensas.

Sendo assim, divido o período compreendido entre a oficialização do convite, a viagem e seu retorno em 3 partes:

- as expectativas: com a viagem, com relação ao nível de conhecimentos das crianças acerca da modalidade;
- a compreensão sobre “o fazer” de modo que este não se tornasse mera reprodução de movimentos;
- as diferenças culturais no processo de ensino aprendizagem.

5.5.1 Expectativas/Realidades

“-Professor, quer dizer que o senhor foi pra Índia ensinar futebol?”

“- Não, o professor foi pra Tailândia!”

“-Que Tailândia, que nada, ele foi para a China”

A dificuldade em localizar Taiwan (Formosa) pelos discentes da faculdade se mostrou a mesma pelos discentes do outro lado do mundo que não faziam a menor ideia de onde ficava o Brasil.

Figura 5 – Localização de Taiwan



Fonte: Elaboração própria

As conversas sobre a possibilidade de envio de um professor à ilha para a desenvolver o futebol com crianças em um “Summer Camp” em Formosa (Taiwan) no mês de julho de 2019 foram iniciadas em 2018, na Tailândia, quando do encontro dos representantes da Associação Cristã de Moços (ACM) de Sorocaba e da Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba com os representantes da ACM de Changhua, participantes de uma reunião da Coalizão¹⁰ entre as ACMs do mundo.

Foto 5 – Edward Kuo (D), representante da ACM de Changhua, e Maurício Massari (E), diretor da FEFISO, na reunião de Coalização das ACMs realizada na Tailândia



Fonte: Facebook

O convite gerou expectativas no envio de um professor para “o outro lado do mundo” e como se daria sua recepção, a aceitação e adaptação das culturas ocidental/oriental em práticas e hábitos que, muitas vezes, apresentam diferenças substanciais. Passagem recebida, visto providenciado, vacinas em dia, detalhes acerca de alimentação e hospedagem definidos, inicia-se a viagem que, após 36h (entre estrada e aeroportos) termina com a chegada em Changhua.

¹⁰ A Coalizão Internacional das Universidades da ACM é uma parceria de universidades, faculdades e institutos de treinamento profissional que pertencem ou estão relacionados a vários movimentos nacionais da ACM. São instituições educacionais de nível universitário que promovem treinamento para preparar profissionais nas diversas áreas de serviços relevantes oferecidos pelo movimento ACM.

Como o intuito no presente não é basear-se nas experiências relativas à alojamento e alimentação, o enfoque se dará nas reuniões prévias ao início das atividades práticas e as observações que se deram a partir do momento em que elas começaram.

Nesta primeira semana fui apresentado à equipe da ACM de Changhua e, eles por sua vez, apresentaram como estavam distribuídas e organizadas as práticas que se iniciariam na semana seguinte. As crianças podiam se inscrever em três atividades dentre as que eram apresentadas: Natação, Hip Hop, Futebol, Jogos de tabuleiro, Artes manuais e, para minha surpresa, Cultura Brasileira e Jogos e Brincadeiras do Brasil. De forma que 14 crianças optaram por fazer futebol e todos os inscritos no “Camp” escolheram Cultura Brasileira e Jogos e Brincadeiras do Brasil.

Foto 6 – Reunião de Planejamento (YMCA – Changhua)

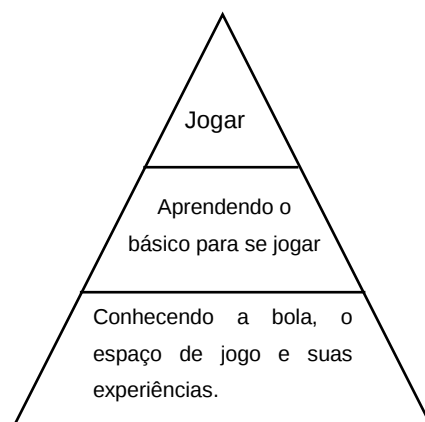


Fonte: Elaboração própria

Enquanto começava a pensar em como organizar as duas salas referentes à cultura e jogos do Brasil, comecei a explicar um pouco sobre como seriam as atividades de futebol.

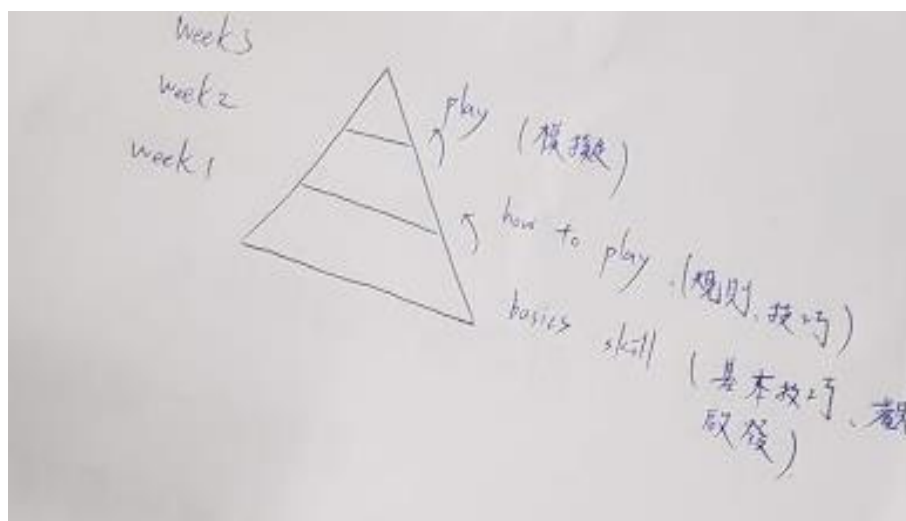
Neste momento, a dificuldade existente e que trouxe certa estranheza foi a de fazer com que todos compreendessem um planejar que se baseava em apenas ter etapas e que seriam desenvolvidas a partir do primeiro encontro com as crianças. Como ensinar sem ter as atividades programadas com antecedência?

Figura 6 - Etapas para se desenvolver o ensino do Futebol aplicado durante o “Summer Camp”



Fonte: Elaboração própria

Foto 7 - Anotação em chinês das etapas a serem seguidas nas semanas subsequentes.



Fonte: Elaboração própria

Desse modo, o processo inicial concentrou-se em explicar como seria ensinado o futebol e como a experiência motora dos discentes seria o “pontapé” inicial para o desenvolvimento das práticas, ou seja, o começo se concentraria em se analisar os primeiros contatos/attitudes das crianças com a bola e partir desta primeira experiência pensar as etapas seguintes.

Ao se estabelecer etapas a serem desenvolvidas durante as aulas, permitiu-se criar um “esboço” daquilo que era pretendido com os discentes. Entretanto, o ensinar o futebol por si só dependeria, e muito, das respostas que seriam advindas dos discentes, sendo assim, não bastava apenas demonstrar, mas sim fazer com que eles compreendessem como tudo aquilo que estava sendo realizado fazia parte de um todo no qual, ao mesmo tempo em que ensina, aprendia com eles.

Para Freire (2016, p. 28), faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos.

A percepção de que os entendimentos em torno do ensinar e o aprender, dos anfitriões em relação ao que apresentava, levantou um “ar” de vislumbre de que algo diferente ao que estavam acostumados até então estava por vir e que acabaram acrescentando mais atividades, além do futebol, à minha presença em Formosa (Taiwan).

As aulas de cultura brasileira ganharam espaço. No período da manhã (às quartas-feiras), um pouco antes das aulas de futebol e, uma vez por semana, no período da tarde, o “camp” se tornaria uma aula de Educação Física brasileira, na qual jogos e brincadeiras desenvolvidos no Brasil seriam apresentados e, por que não, avaliados pelos organizadores e crianças participantes.

Foto 8 – Brincadeiras brasileiras - Adoleta



Fonte: Elaboração própria

Foto 9 – Brincadeiras brasileiras – Escravos de Jó



Fonte: Elaboração própria

Foto 10 - Brincadeiras brasileiras – Pega-pegas



Fonte: Elaboração própria

Pega-pega (foto 10) de diferentes maneiras, pula cela, adoletá (foto 8), entre outras e, até mesmo, uma coreografia a partir da música “Escravos de Jó” (foto 9), onde, traduzida do português para o inglês e, por sua vez, para o chinês, fizeram com que todos se apaixonassem pelos sons que, combinados, criam as palavras caxangá e zig-zig-zá apresentadas, algumas de maneira plena, outras com adaptações a fim de atender pedidos dos organizadores.

Neste ponto, com as atividades brasileiras, é que observei o primeiro ponto claro de diferença cultural pois, principalmente no Brasil, o toque e o abraçar se fazem presentes em diferentes momentos enquanto em Formosa (Taiwan), conforme um passageiro inglês, casado com uma nativa me alertou:

“- Mantenha uma distância de segurança que, com certeza, você terá sucesso aqui!”

Confirmou-se ao solicitar mudanças em algumas atividades onde o abraçar se fazia presente,

“- Vamos substituir o abraço por outra coisa, professor? Os discentes podem se sentir incomodados com isso”.

A observância aos limites individuais em que o abraçar, tocar, beijar, tão comuns em países latinos, era vista com certa reserva entre todos aqueles com que tive contato.

No dia a dia na FEFISO, os abraços são comuns entre os discentes e professores como forma de saudação, de demonstração de afeto, de sentir prazer e satisfação ao se encontrar.

No aeroporto, logo na chegada, um simples aperto de mão foi a mais efusiva forma de recepção que tive contato. Durante as semanas, a “distância segura” foi facilmente incorporada e só quebrada durante as práticas nas quais o toque começou a ser mais bem aceito, pelo menos com os discentes do futebol.

Concessões à parte, a dinâmica das atividades brasileiras propostas que contrastavam com a passividade das práticas até então presentes nas atividades típicas realizadas em outros momentos fez com que comesse a imaginar sobre as aulas de Educação Física e Esportes que eles realizam.

Entretanto e, com relação ao futebol, o primeiro momento foi interessante pois, da mesma forma que acontece no primeiro dia de aula na escola, os discentes se apresentaram tímidos, mas, ao mesmo tempo curiosos com o que viria a acontecer.

Curiosidade essa, compartilhada, pois não havia como prever as reações que eles teriam em relação às práticas ou, como seria a comunicação.

A questão da curiosidade é abordada por Freire (2016, p. 83), de modo que:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

A primeira aula, principalmente com crianças, acaba sendo essencial, pois se você não consegue ganhar a confiança delas e fazê-las acreditar naquilo que se espera que façam e que são capazes de fazer, a “vida” não seria lá muito fácil e os 30 dias se tornariam uma eternidade.

A princípio, as aulas de futebol seriam realizadas na área verde do atletismo sendo transferida para uma outra área gramada, não havia traves específicas para o futebol sendo, para as aulas, emprestadas as traves da quadra de handebol.

Foto 11 - Campo onde as aulas foram iniciadas



Fonte: Elaboração própria

Foto 12 - Área verde onde as aulas realmente foram realizadas



Fonte: Elaboração própria

Foto 13 - Hall de entrada da escola, utilizado como espaço para prática em dias de chuva



Fonte: Elaboração própria

Normalmente, explico para os meus discentes na graduação que o professor deve procurar verificar quais materiais terá disponível para o desenvolvimento de suas práticas. Muitas vezes, acabo por passar uma falsa realidade na graduação por ter disponível uma gama variada de objetos (cones, pratos, estacas, traves, bolas de diferentes tamanhos e materiais) que podem não ser facilmente encontrados em outros lugares.

Na minha primeira semana, momentos antes de se iniciarem as práticas, percebi que tinha a minha disposição, 6 cones, um colete e uma bola para cada discente.

Material separado, discentes a postos, água, boné e muito filtro solar, procurei neste primeiro encontro, dar liberdade para eles realizarem, por um momento, aquilo que quisessem, a partir do instante em que tivessem, no meu entender, o primeiro contato com uma bola de futebol.

Enquanto que no Brasil ao se entregar uma bola para uma criança, esta já saí correndo e chutando para todos os lados, ao se entregar uma bola para cada discente em Formosa (Taiwan) o que se observou foi, primeiro, a surpresa dos discentes em não receber nenhuma instrução específica sobre o que fazer com o objeto esférico que acabaram de receber.

“- Aqui está, uma bola para cada um, façam o que quiserem com ela!”

Única instrução traduzida do inglês para o chinês por um dos jovens que me acompanhavam e, que no final do meu período, seriam “promovidos” a instrutores de futebol.

Foto 14 – Momento de instrução



Fonte: Elaboração própria

Ao terem essa liberdade, puderam experimentar, pela primeira vez, o contato com a bola e o campo. Para minha surpresa, as bolas foram jogadas com as mãos para o alto e sendo observadas até cair.

Nenhum chute, drible, corrida, disputa por espaço ou comemoração de um gol semelhante aquelas que são vistas na TV, ou seja, o futebol não é difundido, praticado ou mesmo, reconhecido na ilha, pelo menos naquela pequena cidade, o que tornou desafiador e interessante o processo a ser desenvolvido.

Todo o fascínio e paixão que estão presentes no Brasil em relação ao futebol, o reconhecimento de ídolos do esporte, quando perguntados sobre se conheciam algum jogador de futebol brasileiro, a surpresa:

“-Cristiano Ronaldo¹¹!”

¹¹ Cristiano Ronaldo, jogador português e com forte presença midiática em comerciais de TV, jogos para vídeo games e outras áreas.

Talvez pelo fato de o esporte espetáculo, cuja característica surge a partir da presença massiva nas transmissões televisas e, com sua hegemonia, nos programas esportivos no Brasil, não encontre em Formosa (Taiwan), o mesmo espaço que é preenchido por outras modalidades.

Para Massari (2014), a cultura não pode ser mais entendida como uma acumulação ou transmissão de saberes, mas sim, compreendida e analisada a partir de seu vasto alcance na constituição de todos os aspectos da vida tendo, por fim, uma posição central no que corresponde a tudo o que é criado, produzido por uma sociedade.

No caso particular de Formosa (Taiwan) fica nítida a diferença cultural existente entre as práticas esportivas vivenciadas por mim e aquelas vivenciadas pelos discentes.

Com isso, o primeiro passo a ser realizado foi o de se permitir aos discentes vivenciar e compreender as particularidades de uma novidade que seria utilizar dos pés para controlar a bola.

Entre erros e acertos, ajustes e adaptações as aulas seguiram fazendo com que as crianças conseguissem compreender o essencial para se aprender algo que é o direito ao erro.

Presente na Pedagogia Freireana, o erro como parte do processo de ensino-aprendizagem é entendido como importante e constituinte no processo de formação do professor crítico. A partir dele, permite-se crescer enquanto educador e, ao crescer, consegue fazer com que dele surjam novas possibilidades para o (re)conhecer próprio e do seu discente.

Com isso, o professor deve se dar o direito de errar para, a partir dele se modificar em busca de uma nova forma de ensinar e, ao errar, encontrar novos aprendizados.

Para Freire e Faundez (1985, p. 27),

[...] a pedagogia da liberdade ou da criação deve ser eminentemente arriscada. Deve ousar-se ao risco, deve provocar-se o risco, como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente. Julgo importante essa pedagogia do risco, que está ligada à pedagogia do erro. Se negamos a negação que é o erro, essa nova negação é que dará positividade ao erro; essa passagem do erro ao não-erro é o conhecimento. Jamais um novo erro será absolutamente um novo erro; será sempre um novo erro cujos elementos relativos implicam um novo erro, e esta cadeia se estende

ao infinito. Se assim não fosse, alcançaríamos o conhecimento absoluto, e o conhecimento absoluto não existe. A força do negativo é fundamental, como dizia Hegel. A força do negativo no conhecimento é parte essencial do conhecimento, chama-se a isso erro, risco, curiosidade, pergunta etc.

Este aspecto foi o que se tornou notório a partir do momento em que analisava a forma exaltada pela qual o meu “auxiliar” gritava com os discentes quando as atividades propostas não saiam tal qual imaginávamos.

Foto 15 Lau Hiu Ki (KK) (D); Kim Chi (KF) (C) meus auxiliares



Fonte: Elaboração própria

A partir disso, comecei a questionar como seria o desenvolvimento do esporte nas escolas da ilha ou, melhor, na pequena cidade de Changhua?

O desenvolvimento da Educação Física no Brasil, por exemplo, passou por influências diversas de modo que, a ideia de que o processo de desenvolvimento histórico contribuiria com o aperfeiçoamento da Educação Física é frustrado, pois a história não se desenvolve de maneira linear e irreversível rumo ao progresso, a cada novo avanço surgem novos problemas até então inexistentes. No seu desenvolvimento histórico, além dos grandes atletas ou dos inventos técnicos e pedagógicos, as disputas entre interesses, concepções científicas, teorias e práticas ocupam lugar de destaque.

De modo que ela passou por mudanças sendo que de uma origem higienista, voltada para o desenvolvimento de um corpo e, por consequência, numa população sadia, passando por políticas em que a práticas eram baseadas em princípios militares

de organização, rendimentos e obediência, substituída a partir da difusão de estudos pedagógicos voltados ao desenvolvimento da criança e do adolescente.

Atualmente, a Educação Física passa a ser vista não somente como uma prática capaz de promover saúde, preparar mão-de-obra ou disciplinar a juventude, mas ao se identificar com o desenvolvimento fisiológico, psicológico, social e moral do educando passa a ser entendida com um caráter educativo em detrimento a uma valorização dos talentos atléticos.

Como as atividades que realizava eram em uma escola, pude observar um pouco o que acontecia ao meu redor, pois enquanto trabalhava o futebol, outras práticas eram desenvolvidas por jovens que não pertenciam, especificamente, ao grupo da ACM.

Filas, todos uniformizados, dentro de um mesmo ritmo, uma mesma cadência, disciplinados competindo, veladamente, entre si a fim de mostrar competências e qualidades superiores aos demais.

O esporte como forma de posicionamento social, aqueles considerados competentes, estavam nas quadras e na pista de atletismo, os demais, ficam na pequena arquibancada existente, apenas observando.

Tubino (2001), ao apresentar o esporte dividido em três possibilidades de compreensão, indica para a existência do esporte-espetáculo ou performance, que seria o esporte de alto rendimento que visa o desempenho com maestria, possui influência comercial; esporte-participação o qual seria o esporte para todos visa à integração e envolvimento da comunidade e sociedade em geral, tido como momento de entretenimento, distração, diversão, passatempo e, por fim o esporte-educação, no qual há o propósito de permitir aprendizagens ao praticante, a partir da introdução de métodos de ensino por meio da prática objetivando a socialização, integração, desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas dentre outros benefícios gerados pela prática pedagógica.

As diferentes dimensões presentes no esporte fazem dele uma prática que, em sua vertente educacional, apresente características entendidas como essenciais a formações de indivíduos conscientes da sua importância e, cientes dos benefícios que ele poderá trazer quando praticado de forma diferenciada à presente no esporte profissional/rendimento.

Segundo Cortês Neto, Dantas e Maia (2015):

Trabalha-se o esporte como o motivador da ação educativa, devido ao potencial que as atividades esportivas, os jogos e as brincadeiras têm de educar promovendo, ao mesmo tempo, prazer e alegria, prevenindo as doenças crônico-degenerativas e a deterioração da vida social, evitando comportamentos nocivos, tais como o fumo, o álcool, as drogas e a marginalidade. (CORTÊS NETO; DANTAS; MAIA, 2015, p.110-111)

Com isso e, a partir do entendimento do potencial transformador que o esporte pode ter, alguns aspectos que são particulares as diferentes realidades que encontramos ao tentar comparar as práticas esportivas experimentadas em Sorocaba e em Changhua necessitam de certos cuidados, pois as políticas educacionais apresentam diferenças substanciais em vários aspectos. Conversando sobre a realidade educacional em Taiwan e, tentando traçar um paralelo com aquela que conheço e estudo, descobri que não existem escolas particulares, sendo o ensino todo na ilha público e gratuito.

A escola que realiza as aulas, apesar da edificação aparentar certo descuido com relação à sua manutenção, apresentava quatro blocos com três andares de salas de aulas, dois anfiteatros (sendo um ao ar livre) e, o sonho de todo profissional de Educação Física, uma praça de esportes invejável com quadras de basquetebol, handebol, voleibol, tênis, pista de atletismo com área para a realização das provas de arremessos e lançamentos e um ginásio poliesportivo climatizado.

As escolas são tidas como referência para desenvolvimento dentro das comunidades e o professor considerado tão importante quanto outras profissões tidas como vitais ao crescimento de uma cidade.

A partir disso pude compreender e saciar um pouco da minha curiosidade para algo que até então parecia tão incompreensível como as placas e cartazes escritos em chinês que era o déficit motor que havia detectado nas crianças que participavam das aulas de futebol.

Andar, correr, saltar, saltitar consideradas habilidade motoras básicas bem como, habilidades específicas para o futebol como conduzir a bola com os pés, passar e chutar, podiam ser comparadas com a de crianças com idade inferior à qual elas realmente eram, sendo que o grupo era misto, com idade entre 07 e 12 anos em que os mais velhos possuem habilidades semelhantes aos mais novos mesmo entendendo que:

Os movimentos são pré-requisitos para qualquer esporte. Assim, o

domínio e a estabilização de movimentos envolvendo todo o corpo e/ou uma de suas partes, quando realizados com o objetivo de atingir uma meta (caso dos movimentos esportivos, podem ser entendidos como expressões de habilidades motoras (FONSECA, 2007, p.69).

Com esse “diagnóstico”, as atividades tinham como propósito trabalhar aspectos motores globais e específicos em que a experimentação passou a ser uma constante e, além de correr, saltar, chutar, aprenderam, também a cair.

Neste sentido, Spink (2008) indica que:

Para o pesquisador, a noção de micro lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte (SPINK, 2008, p. 72).

Nas caminhadas que se tornaram uma rotina, entre vielas, ruas repletas de barracas vendendo desde comida, roupas e utensílios domésticos, passei a procurar por locais em que, possivelmente, encontraria crianças brincando ou, quem sabe jogando bola. A procura foi em vão pois, entre *scooters* que se movem freneticamente de um lado para o outro, praças em que idosos passavam a maior parte do tempo contemplando a paisagem de concreto ou jogando cartas, não havia crianças.

A cidade se desenvolveu como polo industrial onde indústrias químicas circundavam as cidades e os jovens, em busca de oportunidades melhores nos grandes centros, migravam fazendo de Changhua uma cidade com uma quantidade grande de idosos.

Talvez essa seja a resposta para as dificuldades que observara nas crianças, pois, enquanto os pais trabalham elas ficam confinadas em seus apartamentos sem a possibilidade de experimentar, de vivenciar diferentes possibilidades de movimento.

A partir dessas experiências, que se dão na escola, resultarão na “detecção” das potencialidades físico motoras das crianças sendo que aqueles que as possuem terão um “privilegio” em relação as demais.

Com isso, as aulas de futebol em que independente das habilidades pré existentes ou experiências/vivências não importavam e todos tinham a possibilidade de tentar, a alegria em se sentirem incluídos em uma atividade em que todos tinham as mesmas oportunidades fez com que o erro, tão condenado em determinados

momentos, principalmente nas culturas orientais, passasse a ser valorizado, pois a partir dele é que se realmente aprendia.

Essa conclusão não partiu de nenhuma análise, teste, protocolo ou qualquer outra justificativa que possa ter respaldo em uma literatura técnica, mas sim no depoimento que alguns discentes fizeram a uma rede de TV local e que, fora traduzido por um dos meus “discentes/auxiliares/amigos” da cidade.

A chegada da equipe de TV durante uma aula causou-me surpresa, pois apesar de ter sido avisado sobre a possibilidade dela aparecer, não entendia que aquilo que fazia seria tão relevante.

Entretanto, em uma quente manhã (como todas as outras são no verão) a equipe de TV chega à escola à procura do professor de futebol vindo do Brasil. Algumas tomadas de imagens registrando as atividades, o jogo, e as perguntas sobre o que seria necessário para que o futebol fosse mais praticado em Formosa (Taiwan). Respondida à pergunta em inglês, traduzida para o chinês, a curiosidade do repórter se voltou para os discentes.

Foto 16- Entrevista à TV Changhua



Fonte: Youtube

Perguntas básicas como:

“- O que você está achando das aulas?” ou,

“- É legal jogar futebol?”

Foram, prontamente, respondidas sendo que, nas respostas, elas indicaram o gosto dos discentes pelo futebol, mas, o que mais elas curtiam era o direito a errar e poder continuar tentando até conseguir o acertar.

“- As aulas são legais, eu fico muito cansado, mas eu gosto”

“- O professor é legal, ele deixa a gente repetir quantas vezes a gente quiser até acertar”

No que se refere ao vivenciado em uma cultura em que o futebol, por exemplo, como prática esportiva não é tão desenvolvido, mas que o esporte, por sua vez se faz presente com outras modalidades, percebe-se que o erro, necessário para o aprendizado e entendido como parte do processo, para eles era compreendido como vergonhoso e inconcebível. Ao perceber que o erro gerava novas oportunidades e, que normalmente resultavam em acertos e, por isso no aprendizado real, foi considerado motivo de surpresa para crianças, auxiliares e repórteres da TV.

5.5.2 Aprendizados

Viajar, mudar de ares, conhecer novas culturas, adquirir novas experiências, com-viver, aprender e apreender novos hábitos, sua ação permite diferentes possibilidades que dependeram dos olhares que poderão advir das inúmeras experimentações que surgem ao se ver em outro limite geográfico.

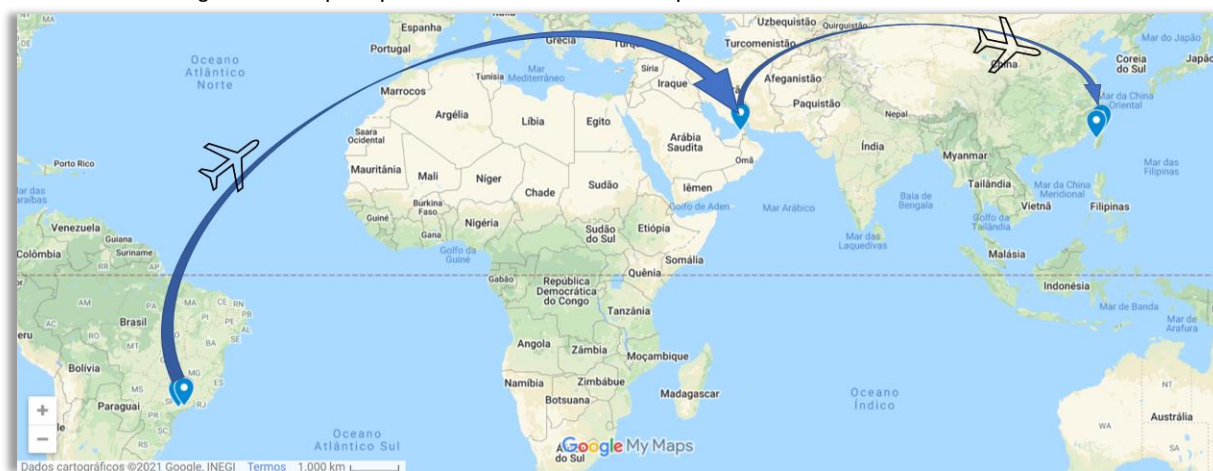
Esse olhar do viajante, presente nos textos de Marcos Reigota, Leodir Francisco Ribeiro e Barbara Heliodora Soares do Prado, nos quais diferentes pontos geográficos trazem, por si só, diferentes olhares que, dependem da forma como o pesquisador os observa.

O viajante faz o seu caminho e a desconstrução de conceitos e pré-conceitos, permitem que a cada olhar ele encontre uma nova descoberta.

Seja no Amapá, em Itapetininga, em Sils-Maria ou em Formosa (Taiwan), o olhar atento e criterioso do pesquisador viajante permite com que haja a compreensão, análise para, assim, poder descrever o que mais lhe “toca”.

Deste modo, enfrentar as 36 horas de viagem que separam Sorocaba a Changhua, com uma escala de 5 horas em Dubai para, ao chegar em Taipei, ser recepcionado onde, nos cartazes, o único escrito que se fazia ser compreendido era o meu próprio nome, trouxeram um sentimento de alívio por haver chegado e, ao mesmo tempo, de dúvida sobre como seria a comunicação.

Figura 7 – Mapa representativo das distâncias percorridas do Brasil até Taiwan.

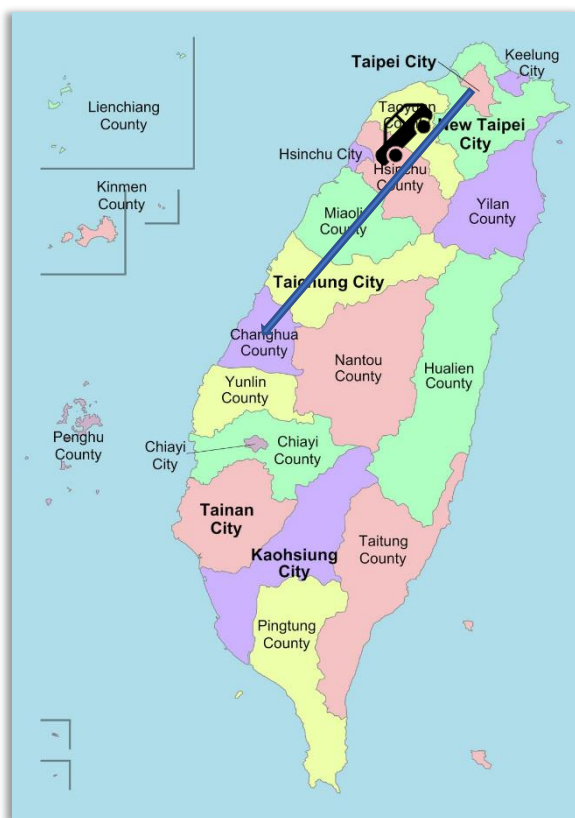


Fonte: Elaboração própria

Antes da viagem, lembro muito bem o discurso que proferia e, que era aceito por todos, com relação ao idioma e a alimentação:

“- O inglês é um idioma mundial e nas pesquisas que realizei, Taiwan tem uma riqueza gastronômica que, creio não encontrar dificuldades em me adaptar”.

Figura 8 – Mapa de Taiwan



Fonte: Elaboração própria

Chegando, então, na van que me levaria até a cidade de Changhua, percebo que os conhecimentos do inglês entendidos como essenciais para a viagem e que me garantiriam entender e ser entendido, pelo menos até aquele momento, não se fizeram presentes, pois desde a saída do setor de desembarque, não havia encontrado referenciais que demonstrassem o idioma de uma forma tão comum como imaginava.

Foto 17 – Recepção no aeroporto de Taipei



Fonte: Elaboração própria

Munida de pequenos quadrados de cartolina com palavras em inglês e português Hui Yu Chen, cujo apelido é Pudim (apesar de tentar, não consegui saber o motivo do apelido), procurava se comunicar comigo, palavras como: “Olá”, “boa tarde”, “obrigado”, eram complementadas por “eu te amo” e “está com fome”.

Na chegada em Changhua, o cansaço da viagem, a vontade de comer algo que não fosse “comida de avião”, tomar um banho e dormir, eram tudo o que mais desejava.

“- Antes de ir para o alojamento, vou levá-lo para comer algo”

Frase compreendida a partir daquilo que o tradutor do celular fez do chinês e que, com o auxílio de algumas palavras em inglês, pude compreender.

Chegando ao recinto de minha primeira refeição, sem saber precisar se era um “restaurante” ou uma “lanchonete”, recebo uma pequena prancheta na qual teria que anotar o meu pedido e entregar no balcão para que pudesse ser feito.

Um leve sorriso seguido da frase:

“-Estou aberto a sugestões. O que você pedir, quero igual”

Naquele exato momento, percebi que, provavelmente a culinária local não agradaria ao meu paladar. Um pequeno prato fundo com arroz envolto em um molho agri-doce e picante, um copo com duas “bolotas” brancas, feitas de uma massa com farinha e peixe e um copo de chá quente.

Foto 18 – Cardápio e primeira refeição em Changhua



Fonte: Elaboração própria

A chegada ao alojamento representou também uma surpresa pois, acostumado aos alojamentos existentes na ACM de Sorocaba onde, apartamentos individuais com cama e armários se fazem presentes no edifício existente na rua da Penha, 680, em Changhua a entrada do local não era das mais convidativas (foto 19), e me lembrava um filme ao qual assisti na adolescência, “Aventureiros do Bairro Proibido”.

Foto 19 – Acesso ao alojamento da ACM em Changhua



Fonte: Elaboração própria

A entrada para o alojamento, assustadora em um primeiro momento, a partir do segundo dia, já não causava tanto assombro mesmo estando ainda sob efeitos do fuso horário, Taiwan está 11 horas à frente, gostava de brincar com as pessoas no Brasil afirmando que falava do futuro e o que mundo ainda não havia acabado. Pelo menos naquele momento, em que a chegada em si trouxe uma recepção alegre e calorosa por parte daqueles que lá já estavam.

Ao todo, naquele apartamento seriam 10 pessoas, divididas em 3 quartos sendo um exclusivo para o ilustre visitante do ocidente (foto 20).

Não era como um hotel, assustou-me nos primeiros dias, causou-me espanto e reclamações, mas, compreendi que meu papel lá poderia ir além do ensinar o futebol, mas, sim, tentar deixar uma marca pessoal.

Foto 20 – Quarto do alojamento



Fonte: Elaboração própria

A “revolta” inicial foi motivada pela ausência de chuveiro no banheiro (foto 21). Após horas de viagem e privação de um sono real que possibilitasse a recuperação das energias que, para mim, sempre é associada a um belo banho, não pode ser concretizada.

“-Como vocês fazem com o banho aqui?”

“- Você enche aquela bacia com água e, com aquela pequena panela você se enxágua”

Foto 21 – Banheiro do alojamento



Fonte: Elaboração própria

Do jeito que as coisas estavam não poderia continuar e, após manifestar meu descontentamento com os responsáveis pela ACM e pelo “Camp”, fato que os fez se mostrarem preocupados com minha insatisfação com quanto às condições do alojamento chegando a pedir um tempo para providenciar um novo local, decido por realizar uma pequena revolução no alojamento.

A limpeza do banheiro e instalação de um chuveiro (foto 22), a limpeza dos aparelhos de ar-condicionado, chão, paredes, lavanderia bem como a organização de todos os objetos e utensílios recebidos em doação e que ficavam lá armazenados, trouxeram para os jovens que ali estavam surpresa e espanto.

Foto 22 – K.D. e eu na instalação do “novo” chuveiro



Fonte: Elaboração própria

Nos momentos de folga ou no percurso que insisti para que me deixassem fazer a pé, caminho sem destino, os passos apressados, aos poucos foram acompanhando a rotina da cidade em que as pessoas se moviam lentamente em contraste com a velocidade das *scooters*, principal meio de transporte na cidade, ônibus para transporte público não existiam e taxis eram poucos (foto 23).

Foto 23 – A hora do “rush” em Changhua



Fonte: Elaboração própria

O cotidiano das cidades que conheci se mostrou surpreendente onde marcas ocidentais e construções modernas, como na capital onde o edifício “Taipei 101” fora considerado por um tempo como um dos mais altos do mundo, conviviam em harmonia com prédios históricos cuja arquitetura oriental fazia com que a cada templo (e não eram poucos) me visse voltando no tempo, ao relembrar imagens parecidas com as existentes nos livros de história (foto 24).

Foto 24 – Templos em homenagem a Buda



Fonte: Elaboração própria

Além da arquitetura, a ilha de Formosa (Taiwan) mostrou-se rica na tradição do mercado de rua, entre os passeios exploratórios realizados por diferentes cidades como Taichung, Sun Moon Lake, Taipei, observei uma presença massiva de mercados de rua e feiras livres (foto 25).

Foto 25 – Mercado de Rua em Changhua



Fonte: Elaboração própria

Os tradicionais programas de finais de semana e o ponto de encontro para almoço e jantar nos shoppings que, tão comuns principalmente em São Paulo, em Formosa (Taiwan) são substituídos pelas barracas de comida de rua em que peixes exóticos e crustáceos (ainda vivos) são preparados em fogareiros e fogões colocados no que seria considerado a calçada.

“-Professor, comeu muito grilo e escorpião lá?”

Frase comumente ouvida quando do meu retorno, era respondida com a apresentação de fotos com o “pato caramelado” e os *lamens* com frutos do mar (fotos 26, 27 e 28), os bolinhos “*Dumplings*” recheado com carne de porco picante, acompanhados por chá (sempre servidos quentes).

Foto 26 – Restaurante especializado em “Pato Caramelado”



Fonte: Elaboração própria

Foto 27 – “Restaurante” de Lamens



Fonte: Elaboração própria

Cultura, comida, hábitos de vida, a convivência diária fez com que encontrasse um povo centrado naquilo que faz, solícito e feliz.

Foto 28 – “Cozinha” de um “restaurante” de rua



Fonte: Elaboração própria

A partir de tudo aquilo que pude ver, sentir, aprender e ensinar, ou seja, baseando-me em todas as experiências realizadas no período de 24 de junho de 2019 a 23 de julho de 2019, percebo que por meio do esporte, particularmente, o futebol, pude romper fronteiras e, a partir das práticas realizadas na aula, promover liberdades.

A partir do momento em que o processo de ensino/aprendizagem da modalidade se desenvolve no sentido de permitir e fazer com que o discente se permita a experimentar, viver, sentir, apresentar conquistas nas quais direito ao erro se mostrou como novidade e fator de transformações.

O futebol é um esporte coletivo, mas que depende do aspecto individual de todos os participantes, ou seja, cada um contribui para o coletivo e o resultado representa como foi a contribuição de todos no processo.

Quando do seu desenvolvimento no Estados Unidos (EUA), por exemplo, no início da década de 70, vários jogadores considerados ídolos em seus países, partiram para lá a fim de tornar o esporte conhecido e, por serem reconhecidos internacionalmente, seriam o atrativo que faltava para o esporte se fundamentar.

Entretanto, o reconhecimento internacional de muitos jogadores ainda trazia para o americano uma incompreensão em torno do esporte, como um jogo acaba sem vencedor?

Em Formosa (Taiwan) durante todos os dias em que houve as atividades de futebol, o jogo, com a divisão dos discentes em equipes, foi realizado e,

diferentemente ao que fora observado nos EUA, em nenhum momento, as crianças perguntaram quem ganhou.

A vitória, para eles, estava em um plano que não merecia muita importância, mas só pelo fato de estarem começando a compreender o jogo e, principalmente, a importância do coletivo para o desenvolvimento individual e vice e versa, fizeram deste período especial.

Quando se ensina futebol, ensina-se também que, independentemente do nível de habilidade apresentado, é importante demandar a atenção e os cuidados necessários que permitam, não apenas o desenvolvimento físico/motor/esportivo, mas que também possibilite a construção de saberes que são essenciais para a solidificação de uma cultura esportiva e do movimento.

Ao apresentar em Formosa (Taiwan) as ideias e concepções as quais procuro desenvolver com os discentes na faculdade, procurei apresentar as características que considero essenciais para o ensino e que corroboram com as ideias de Paulo Freire em relação ao educar com amorosidade a fim de possibilitar o acesso ao conhecimento e a serem livres para descobrirem, criar, escolher, participar efetivamente das suas vidas, conhecendo e assumindo seu papel no mundo por meio da afetividade e do respeito, desenvolvendo suas potencialidades somando aos seus saberes, por meio da palavra e da ação, é desta educação que aqui falamos, mantemos a esperança da transformação dessa realidade digna e feliz permitindo que se situem no mundo e desenvolvam suas potencialidades.

A volta para o Brasil significou trazer na bagagem algumas afirmações que buscava enquanto professor, certezas acerca da universalidade com que o esporte pode ser entendido, a importância de se compreender diferenças culturais significativas que, no final, se mostraram irrelevantes diante de tudo o que foi compartilhado.

Minha volta não significou o encerramento das atividades de futebol no “camp”, o meu retorno foi programado para uma semana antes do encerramento total dele.

Desse modo, por uma semana, os novos instrutores K.K. e K.F. teriam que realizar as práticas sem a minha presença e, principalmente, pensar em como elas seriam feitas, ou seja, por três horas, teriam que, a partir daquilo que vivenciaram também, assumir o protagonismo como instrutores de futebol, sendo que um era praticante de beisebol e a outra de badminton.

Chegando ao Brasil, 11 horas de diferença entre os dois países, feliz pelo regresso, mas ansioso para saber como se desenvolveram as práticas depois da minha saída, aguardo o fim do dia em casa que coincide com o fim da aula de futebol em Formosa (Taiwan). A tecnologia faz com que as distâncias não existam e, conversando com K.K. ouço dela que, os discentes sentem minha falta, mas, que as atividades foram tranquilas e que o jogo estava cada vez melhor.

“- Eles aprenderam a dinâmica do jogo. O jogo agora está mais coletivo do que estava antes”

Saí do Brasil querendo compreender como seria retornar às minhas origens ao voltar a trabalhar com crianças e retorno ciente de que independente da faixa etária, a partir do momento que se tem amor pelo que faz, o resultado sempre será positivo.

Foto 29 – Despedida de Changhua



Fonte: Elaboração própria

Trago de Formosa (Taiwan) a lembrança de bons momentos, amigos que nunca imaginei ter, experiências compartilhadas e, espero ter deixado, além do material, pois cada discente foi presenteado com a bola que utilizou nas aulas, a imagem de que o esporte não é somente rendimento, em que a vitória deve ser

valorizada, mas sim que, o importante é, pelo esporte, compartilhar momentos de alegria e satisfação por fazer algo que gosta e traz prazer (foto 29).

5.6 A solidão na sala lotada e os desafios da tecnologia

Chegando mais um dia para a aula, sala cheia, discentes conversam sobre o seu dia, sobre algo que viram na TV, redes sociais, internet ou, simplesmente, aguardam pelo início da aula.

Começo a organizar minhas coisas sobre a mesa, ligo o computador, conecto o multimídia, abro a apresentação que utilizarei na aula e, após tudo pronto, me ponho a observar, a conversa parece animada.

“- Pessoal, vamos lá? Guardem um pouco da conversa e vamos começar por aqui relembrando o que foi vista na última aula”

E assim tem início a aula com momentos em que há a necessidade de solicitar silêncio por aqueles que insistem em manter assuntos paralelos e que não dizem respeito ao que está sendo apresentado.

Cotidiano esse presente em qualquer sala de aula, podendo ser com qualquer outro professor e que, desde março de 2020 fora interrompido devido à pandemia do Covid-19, que afetou todos os setores no mundo.

Com a publicação das Portarias nº343, em 17 de março de 2020, alterada pela Portaria nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020, em que se autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia da Covid-19 e que, com a publicação da Portaria nº 544, em 16 de junho de 2020, ao revogar todas as demais portarias, estabelece a manutenção, em caráter excepcional, da substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais, por instituições de educação superior, até 31 de dezembro de 2020.

Em nível estadual, o governo de São Paulo cria o “Plano São Paulo” para retomada das atividades baseando-se no número de internados e infectados por região.

Dúvidas e incertezas foram presentes durante todo o primeiro semestre de 2020. Quais seriam as consequências da pandemia no ensino, no trabalho, no dia a dia, na vida de todos?

“A pandemia do Covid-19, nos remete à reflexão do quanto é importante a relação interpessoal, pois a falta de contato físico, por muitos, pode ser considerado um impedimento para expressar sentimentos e uma comunicação assertiva” (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020, p. 257).

A abrupta interrupção das atividades, logo no início da segunda quinzena de março seguida, pela introdução de atividades online, parecia resolver algumas dúvidas em torno do futuro do semestre.

“- Professor, ouvi dizer que o semestre será cancelado. É verdade?”

Se houvesse a possibilidade de reiniciar o ano, creio que não haveria a necessidade de se cancelar nada. Apenas daríamos um “reset”, entretanto e, na impossibilidade de tal alternativa, as aulas remotas surgiram no sentido de se “salvar” o semestre. Plataformas digitais como, Google Meet, Google Classroom, Zoom, Teams (Microsoft), Youtube dentre outras plataformas de reunião online e/ou para fins educacionais associaram-se a outras utilizadas para entretenimento como o Facebook e o Instagram, como “salvação” para todas as práticas em que o com-viver se faz necessário.

“Estas plataformas permitem interações on-line, como: conversar, compartilhar, comentar, namorar virtualmente, pesquisar, fazer compras, ouvir música, assistir vídeos etc., delineando a maneira como vivemos e como a sociedade é organizada.” (ALMEIDA; ALVES, 2020, p.153).

“Em um mundo em que a tecnologia é a ferramenta que tanto ansiamos e necessitamos para a solução de problemas, seja de ordem profissional, sentimental e/ou familiar, esta, torna-se a única aliada” (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020, p. 257).

As instituições privadas de ensino, a fim de cumprir o que está estabelecido e acordado em contratos com os discentes, institui o ensino híbrido, conceito em que as ações formativas procuram superar a dicotomia existente entre educação presencial e EaD, indicando um caminho em que as práticas formativas adotam gradativamente

as Tecnologias de Informação e Comunicação nas ações formais de educação (SANTANA; SALES, 2020).

O termo híbrido tem por significado “misturar”, “mesclar”, algo ‘heterogêneo’, que envolva duas ou mais situações/objetos. No caso, aulas remotas com a disponibilização de atividades a serem realizadas dentro de uma plataforma e que complementam o que foi desenvolvido pelo professor.

Se elas surgem como alternativa, a busca por aprendizado simultâneo ao desenvolvido das aulas mostrou-se o verdadeiro desafio.

“- Professor, com qual plataforma será a aula?”

“- Professor, não encontro o link para acessar a sala”.

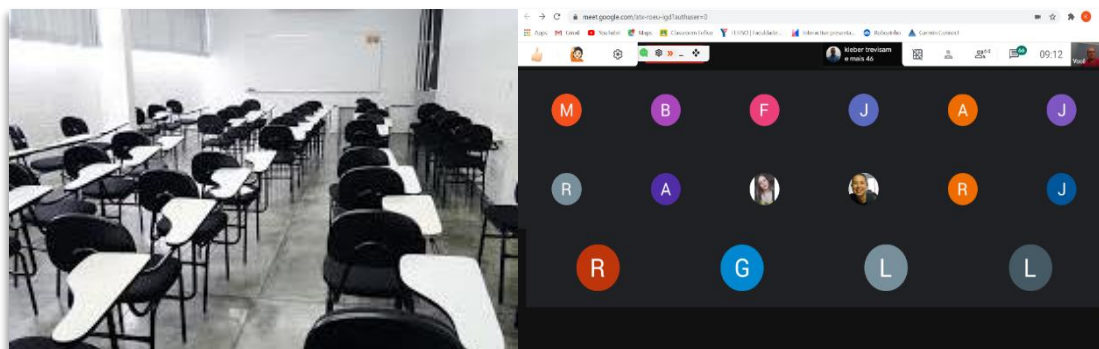
“- Professor, fulano pediu para avisar que ele não vai conseguir assistir a aula pois acabou o pacote de dados do celular dele”.

Como fazer para que as diferenças tecnológicas existentes entre os discentes não interferissem de forma a prejudicar o aprendizado?

Impressão dos materiais utilizados pelos professores, gravação das aulas e disponibilização dos vídeos para aqueles que não conseguiam assistir, ausência na cobrança por presença nas aulas remotas, linha direta dos discentes com os professores que, ao disponibilizar números particulares de telefone, se viram “prisioneiros” do trabalho, com uma rotina de horas até então nunca realizada.

De modo que, passado o primeiro semestre de 2020, com o início do segundo e a institucionalização das aulas remotas, o que se observa agora é a sala que antes era barulhenta, agora é preenchida com o silêncio daqueles que presentes, preferem manter a privacidade ao não permitir que a sua imagem e, por consequência, que uma pequena parte de sua casa seja “exposta” durante as aulas remotas.

Figura 9 – Sala de aula vazia e sala de aula remota cheia



Fonte: Elaboração própria

“- Professor, é esquisito. Eu assisto as aulas do meu quarto e não quero que todos vejam o meu quarto, ele é uma bagunça. Nos dias frios, posso ficar embaixo das cobertas e assistir as aulas”

O “ser discente”, com a chegada das aulas remotas, exige com que a dinâmica de aula até então existente se modifique e, antes espectadores que eram das aulas presenciais onde, quando na existência de dúvidas ou dificuldades, a linguagem corporal auxiliava o professor na sua didática e, o copiar o que era colocado no quadro, agora, telespectadores que são, permanecem com os microfones e câmeras fechados, realizando “prints” de tela e, lembrando o professor de gravar a aula para que possam assistir depois.

Quando questionados pelo professor, preferem escrever no *chat* da plataforma ao falar.

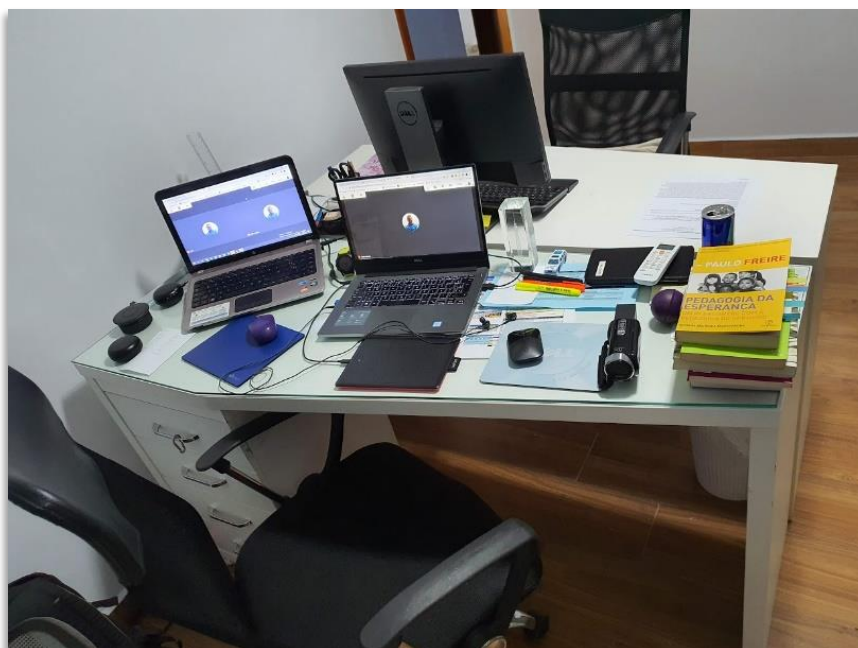
“- É difícil acompanhar as aulas remotas professor, não tenho internet em casa e, para conseguir o sinal da internet do vizinho, preciso ficar na janela”.

“- Não tenho computador professor, acompanho as aulas pelo celular, mas não é a mesma coisa que o presencial, né”.

“-Professor, tenho computador, mas, eu não sei como mexer direito nessas coisas. Plataforma, Google, Atividade online, pra mim tudo isso é muito difícil”.

Com isso, tem-se uma nova situação na relação de aprendizado entre professor e discente, onde, além de se preocupar com o que ensinar, ele deve também se preocupar com o quão acessível estes serão para os discentes.

Foto 30 – O “novo local de trabalho”



Fonte: Elaboração própria

Entretanto, além dos problemas encontrados pelos discentes, professores que não têm conhecimentos sobre informática e meio digitais acabam por se encontrar na mesma situação que muitos discentes.

A tecnologia, computadores, câmeras, plataformas digitais, edição de imagens, criação de conteúdo, ambientes digitais e virtuais de ensino inserem os professores em um universo para o qual eles não esperavam, pelo menos no curto prazo, ter que “enfrentar”.

“- Professor, minha câmera e meu microfone não funcionam. A tela do meu celular está quebrada e eu só consigo ouvir a sua aula”

A interatividade entre professor e discente, por sua vez, acaba por se comprometer pois, diante das dificuldades dos professores em lidar em muitos

momentos, especialmente aqueles com pouco experiência nas plataformas de *streaming*, com diferentes canais de comunicação (chat, redes sociais, entre outros simultaneamente), sem ter o retorno tão importante que marca as nossas atividades presenciais (ALMEIDA; ALVES, 2020).

A realidade que a pandemia traz para a sala de aula fez com que todos entendessem o quão fundamental seria assimilar e empreender mudanças essenciais nas práticas profissionais e, com isso, houvesse a real compreensão de seu valor e como ela também deve ser considerada no desenvolvimento do professor em busca de um (re)conhecimento de seu papel.

Se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser. Para aceitá-la ou negá-la devemos compreendê-la, sabendo que, se não somos puro objeto seu, ela não é tampouco o resultado de decisões voluntaristas de pessoas ou de grupos. [...]. É neste sentido que uma educação crítica, radical, não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo. Faz parte também desta percepção lúcida da mudança a natureza política e ideológica de nossa posição em face dela independentemente de se estamos conscientes disto ou não (FREIRE, 2000, p. 17 apud PEROZA; SILVA; AKKARI, 2013, p. 473-474)

Martins e Almeida (2020) apontam que, mediante ao fato de que todo esse movimento tecnológico tem modificado as formas do homem comunicar, adquirir/disseminar informações e conseqüentemente suas relações sociais, devemos pensar: como tem ocorrido a inserção das tecnologias para o desenvolvimento do ensino remoto no Brasil, e como ela poderia ser?

O fato é que, ninguém estava preparado, governo, instituições, professores, discentes, pais, pois, a pandemia lançou um desafio à comunidade educacional que é o de tentar garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, por meio de aulas não presenciais.

Entretanto, “a preparação de toda a comunidade escolar para a inclusão da tecnologia não se faz do dia para a noite. Investir na formação de professores é uma boa opção para iniciar uma efetiva transformação, valorizando esses atores importantíssimos” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 221).

“A complexidade que se impõe nesse momento, sobremaneira, é reflexo do fosso que existe entre a formação docente e o uso das tecnologias digitais como possibilidades pedagógicas” (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020, p. 35).

Na Educação Física, enquanto profissão em que o contato muitas vezes se faz necessário, a realização da prática “real” em que a interação entre teoria e prática faz com que o entendimento seja alcançado e, por consequência, o aprendizado real ganha novos contornos com a possibilidade de realização de algumas aulas presenciais.

A partir do momento que o governo permite (de acordo com o Plano São Paulo) o retorno de algumas práticas presenciais, com número reduzido de participantes e, a partir da observância de determinados critérios sanitários de segurança, surge uma nova problemática, quem se sente seguro em retornar e quem prefere permanecer em casa, seja por ser considerado grupo de risco ou por residir com quem faz parte deste?

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde, são considerados grupo de risco para agravamento da Covid-19 os portadores de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, e indivíduos fumantes (que fazem uso de tabaco incluindo narguilé), acima de 60 anos, gestantes, puérperas e crianças menores de 5 anos. Também são considerados grupos de interesse para saúde pública, merecendo atenção especial devido à vulnerabilidade, a população indígena, carcerária e residentes em instituições de longa permanência para idosos.

Em pesquisa realizada na FEFISO, entre os discentes que responderam à pesquisa (81% do total de matriculados), 75% mostraram-se favoráveis à volta das atividades práticas).

De modo que, além da tecnologia, máscaras de proteção, protetores faciais de acrílico, álcool gel e distanciamento para e entre os discentes, passam a integrar a rotina das atividades em Educação Física.

Para aqueles que se fazem presente, a narrativa encontrada é unânime:

“- Não víamos a hora de poder correr, pular, conversar “cara a cara”, professor”

“- Para mim, o incomodo provocado pelas máscaras é o menor. Só o fato de poder te ver pessoalmente, ver os colegas e sair de casa já representa uma alegria imensa, professor”

A alternativa encontrada para permitir com que aqueles que preferiram ficar em casa pudessem saber o que foi realizado nas atividades presenciais, foi a de filmar as

aulas, quando na inexistência de uma conexão “*wifi*” e disponibilizar o vídeo para, nas aulas remotas, realizar comentários e apresentar um pouco do que foi feito.

Enquanto outros conseguem, por sua vez, transmitir as aulas “*ao vivo*” em locais em que o “*wifi*” é disponível, outros, por não ter conhecimento e/ou equipamentos adequados para tal, apenas comentam apresentando imagens feitas durante as atividades.

Neste aspecto, compreendo que, mais uma vez, a preocupação com o ensinar e, permitir o aprender, pelo professor, se faz presente. A amorosidade, que Paulo Freire fala, a belezura de “*ser professor*” e que faz com que nos preocupemos em fazer com que nossas práticas educativas, repletas de afetividade e alegria como devem ser, compreendam a capacidade científica e o domínio técnico necessário para possibilitar mudanças e que representam o “*ser mais*” em educação.

A aula, agora remota, continua com a mesma pergunta de sempre, só a resposta que, agora é diferente.

“- Quero começar a aula perguntando para vocês o que lembram da última aula ou o que mais chamou a atenção de vocês?”

“- Professor, cadê o gato?”

Foto 31 – Heidi (a gata) observando atentamente a aula



Fonte: Elaboração própria

5.7 O “Ser Professor”

Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do discente de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (FREIRE, 2016, p.116).

A prática profissional, nos cursos de graduação, faz-se a partir da realização dos estágios. Etapa que faz parte da carga horário a ser cumprida pelo estudante que, a partir da segunda metade do curso, tem obrigatoriedade de realizar e segue regulamentação própria.

Na Licenciatura, o estágio se dá a partir da observação das práticas profissionais realizadas nos diferentes níveis de ensino (Infantil, Fundamental I e II e Médio). Entretanto e, por entender que as possibilidades vivenciadas devem permear toda o processo formativo, procurou-se desenvolver outras possibilidades que

serviriam como meio/forma para apresentar ao discente e, por sua vez, instigá-lo a pensar como seria o “ser professor”.

Essas “outras possibilidades” surgem nas “Práticas de Ensino” que estão presentes dentro na carga horária do curso, não substituem o estágio, mas permitem ao aluno experiências consideradas fundamentais para a sua formação como professor.

A partir da ideia de que o conhecimento pode ser desenvolvido de múltiplas formas e que, o discente, ao se ver parte do processo ensino/aprendizagem tem, por consequência uma visão diferente do que é “ser professor”, desde 2017, com o intuito de permitir ao aluno se reconhecer enquanto “docente”, fundamentando-se nos conhecimentos adquiridos em sala de aula, permitindo-se ser protagonista, ao experimentar conceitos e técnicas vistos em sala com o Projeto de Iniciação à Docência (PID).

Nele, os discentes terão, a cada semestre, a possibilidade de desenvolver, com o auxílio dos professores das respectivas modalidades esportivas, aulas com crianças integrantes do Projeto Sementinha¹² da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (Unidade Jardim São Paulo) com idade entre 07 e 13 anos divididos em dois grupos por faixa etária, contemplando as modalidades futsal, atletismo, handebol, basquetebol, voleibol e natação.

A divisão por faixas etárias permite com que o discente vivencie as diferenças existentes em ensinar crianças com níveis diferenciados de desenvolvimento e aprendizagem sendo que, no grupo com idade entre 07 e 10 anos, os discentes desenvolvem atividades relacionadas às práticas de futsal e atletismo, enquanto, o grupo de 11 a 14 anos pratica o handebol, basquetebol e o voleibol. As atividades de natação são abertas a todos os participantes.

Ao término de cada prática, os discentes expõem um pouco do que sentiram ao estarem como professores e, a partir destes sentimentos e do que foi observado, há o *feedback* pelo professor responsável por assistir à aula e assim apontar os aspectos considerados essenciais para o aperfeiçoamento e estímulo dos discentes

¹² O Projeto Sementinha ocorre desde 1986 e visa oferecer um espaço inclusivo e protetivo para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social por meio de atividades (desportivas, sociais, culturais, de educação e lazer) como meio de inserção social, fortalecimento dos vínculos relacionais e protagonismo social.

a compreender as diferentes nuances presentes ao se ensinar diferentes práticas para públicos diferentes.

“- Ao vivenciar, pude aprender e associar melhor as aulas e, de certa forma, demonstrar um maior interesse em outras disciplinas. Esta experiência acarreta, também, uma mudança na minha visão como pessoa, despertando uma diferença na relação do aprender e do ensinar”.

“- Senti que, como professores, vamos ter aulas ruins e boas”.

Esse sentimento indica o despertar da responsabilidade de existir ao se entender como professor como aponta Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*:

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado dado que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2016, p.39).

Enquanto discente, a única experiência que tive como docente fora na realização de uma avaliação, chamada de Regência, em que a professora responsável por ela sorteava a escola, a série e o dia em que a aula deveria ser realizada.

Lembro que, no dia anterior à aula, fui até a escola conversar com o professor de Educação Física e com os discentes que teriam a aula comigo para explicar a seriedade da situação.

Caso não fosse considerada adequada ou ideal, dentro de padrões estabelecidos e não divulgados pela professora, seria reprovado e, no ano seguinte, teria que realizar novamente o componente.

Dessa forma, no dia da aula todos os discentes, exemplarmente, realizaram todas as atividades por mim propostas e, ao final, disseram não entender minha preocupação, pois a aula tinha sido *“legal”*.

Hoje, percebo que os discentes do curso de Educação Física possuem muito mais oportunidades de desenvolverem a prática e que o necessário, *“frio na barriga”* antes do início de qualquer aula, corre o risco de não existir.

“- A experiência que passei foi muito boa, de ver como tudo funciona, de ver que com um planejamento e dedicação tudo pode dar certo”

“- Foi muito importante para nós que participamos. Talvez para as crianças tenha sido apenas mais um dia de atividade física, porém para os discentes foi um dia de estudo e muita dedicação para proporcionar o melhor para elas”.

“- É um sentimento diferente porque você sai do estágio de discente para o de professor. É muito emocionante.”

O fato de “*ser professor*” ainda enquanto discente faz com que estes percebam a importância que existe em planejar, estudar, pensar nas possibilidades de aprendizado, em como alcançar os objetivos que deseja e quais os aspectos que deve observar para que isso aconteça.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2016, p.31).

Desta forma, a preparação iniciada com a participação em projetos e pesquisas durante o curso tem por objetivo promover um novo olhar para si e para a prática profissional.

Nas conversas ou no ouvir conversas, aspectos como: novidade, desafio, dedicação, trabalho em grupo, suporte, transformação, interação, confirmação, experiência, aprendizado, dificuldade, responsabilidade e sentimentos, fazem-se presentes.

“- Foi muito desafiador, professor. Uma experiência única onde pudemos aplicar um pouco do que aprendemos e ter uma noção de como as coisas funcionam na prática, o que dá certo e o que dá errado”

Massari, ao realizar as entrevistas com os professores de Educação Física que concluíram o Mestrado em Educação procurando observar quais aspectos eram indicativos da contribuição do programa para eles, concluiu que

O mestrado trouxe uma base teórica para que se sustentasse a ideia de que Educação Física é Educação. Em contrapartida parece-me que o contrário também é verdadeiro, o programa de mestrado pode reconhecer-se hoje como um local que pensa a Educação Física e que esse entendimento pode estar alinhado à ideia de que essa área é responsável por conteúdos dotados de significado e sentido e que, portanto, está na escola para ser entendido, pensado e ressignificado, pois é/foi culturalmente produzido e se constituiu como tal (MASSARI, 2014, p. 169).

Mas, para chegar a essa conclusão, procurou analisar como se deu o processo de constituição dos entrevistados em professores. Os motivos que os levaram a realizarem determinadas escolhas e todo o processo formativo que culminou com a conclusão do mestrado e reverberou nas práticas profissionais de cada um.

Ao questionar as mudanças que o mestrado trouxe nos entendimentos a respeito da Educação Física, as respostas encontradas apresentam pontos que convergem.

Uma ampliação da visão em torno da profissão que após o mestrado passa a ser vista de forma mais globalizada, entendendo as diferentes nuances que a constituem para além de um olhar esportivo/biológico.

Fator de modificação das práticas fez com que houvesse um olhar mais crítico em torno de tudo aquilo que ela engloba levando à uma reflexão também, da produção intelectual que a orienta.

O corpo pensante, adentrando o universo escolar, onde a mera reprodução de movimentos não é tida mais como alternativa e a compreensão de todos os aspectos culturais presentes nos esportes, jogos, brincadeiras e nas diferentes formas em que passam a ser entendidos os próprios corpos dos sujeitos, como eles interagem entre si e com os objetos, exigiram uma mudança na forma de “ler o mundo” e, por sua vez, modificar as práticas pedagógicas.

“É necessário que os professores de Educação Física, e futuros, entendam esse importante ponto, essa necessidade de se pensar a Educação Física por meio da cultura” (MASSARI, 2014, p.169) e, a entendendo como “importante instrumento” para se pensar a Educação de maneira global, “colocando a cultura como centro do processo, ‘validando’ conhecimentos advindos das camadas sociais menos privilegiadas, e questionando os marcadores sociais nelas presentes” (MASSARI, 2014, p. 173).

Freire (1985) em “Por uma pedagogia da pergunta” indica a importância de ter uma leitura crítica da realidade, sendo que essa capacidade não deve ser compreendida como superior ou inferior à sensibilidade popular tornando-se esta, essencial para a “compreensão” do mundo.

Essa “compreensão” do mundo deve seguir um movimento que direcione ao desenvolvimento de uma ação transformadora que refletirá no professor, em suas práticas educacionais:

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação (FREIRE, 1967, p. 105-106).

Entretanto, qual a visão que os discentes que estão concluindo o curso têm sobre a Educação Física?

“- Ao concluir o curso, posso dizer que tudo que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado e, diante de todas as dificuldades que encontrei, chegando em vários momentos a pensar em desistir, persisti e, posso dizer que venci está etapa da vida.”

“- (A Faculdade) Me ajudou a superar medos, derrubar incertezas por me fazer me sentir preparado, saber quem sou e onde quero chegar, a vida ainda será longa e cheia de acontecimentos, mas, sem dúvida, entendo estar preparado para eles.”

A visão que eles passam a ter do curso após a sua conclusão não chega a ser transparecida nos relatos que são realizados na cerimônia de colação de grau. Talvez pelo fato de chegar ao final de um processo iniciado quatro anos antes, o sonho que se torna realidade, as superações exigidas a cada ano que passava e que alcançam o auge naquele momento formal.

Formalidades, risos, lágrimas de emoção, compartilhados com os familiares e que são deixadas de lado para uma última palavra.

“- Professor, obrigado por tudo. Posso dizer que aprendi a essência do ser para a vida do outro, o amor ao próximo e a servir, a lidar com pessoas e buscar compreender suas necessidades e suas dificuldades, aprendi que estamos o tempo todo a serviço de proporcionar ao próximo uma melhora, uma ajuda, um apoio, um abraço ou, apenas, uma palavra.”

6 ... E DO QUE EU LEVO

Iniciei o doutorado, ainda enquanto discente especial, na busca por algo que me trouxesse o despertar pela pesquisa científica, para aprofundar conhecimentos que contribuiriam, da mesma forma como ocorreu com o mestrado, no sentido de me tornar um professor melhor.

Com o passar do tempo, das aulas, das leituras, a única certeza existente era de procurar desenvolver uma tese que, na Educação Física, pudesse contribuir não apenas para o meu desenvolvimento, mas também para outros que se interessassem pela leitura do presente estudo.

Analisar os Projetos Político-Pedagógicos e verificar a presença das ideias de Paulo Freire mostrou-se suficiente para entrar no programa como discente regular apesar de não estar confiante e certo de que seria isso o que realmente buscava no doutorado.

As aulas do professor Marcos Reigota, as perguntas feitas sobre tudo aquilo que acontecia na faculdade cada vez mais indicavam os caminhos a serem seguidos.

“- Ora Kleber, isso é Paulo Freire!” exclamava o professor Reigota.

As relações entre o meu cotidiano dentro do curso de Educação Física e as relações existentes com as obras de Paulo Freire despertaram-me o sentimento em torno daquilo que seria realmente meu propósito dentro do programa.

Compreender o cotidiano a partir daquilo que se é visto/observado e ouvido dos discentes revelou-se a principal fonte de “dados” para a pesquisa. Mas como fazer com que todas essas informações aqui se apresentassem sem ferir aspectos éticos com aqueles que, livremente, vieram até mim e, informalmente, expuseram suas ideias, pensamentos e sentimentos?

Neste sentido, as narrativas ficcionais propostas por Reigota trouxeram aquilo que entendia e se mostrava necessário para o desenvolvimento de todo o texto. O olhar crítico, a sensibilidade do ouvir, a importância da memória para poder lembrar o que despertou/tocou nos inúmeros relatos informais proferidos pelos discentes.

Informais, pois, não havia uma regra, um formato, uma lógica para que elas acontecessem. Elas apenas aconteciam.

“- Professor, qual o tema do seu trabalho?”

“- Não sei!”, respondia com o medo de que, ao explicar que as conversas que eram vistas ou ouvidas faziam parte do meu estudo, trouxessem um novo olhar para a minha presença próximo aos discentes que, após a conclusão e possível reconhecimento das narrativas aqui presentes não alterem nossas relações.

Mesmo sem a identificação dos atores e com a descaracterização do cenário no qual elas surgiram, alguns podem ainda se identificar e, ao se identificar, se verem nas narrativas e fatos aqui descritos.

O objetivo principal e que norteou a construção do texto foi que, ao me fazer presente nas diferentes passagens onde passado e presente se misturam, permito ao discente também se identificar com os diferentes momentos que me constituíram enquanto professor.

Apresentar relatos que se fazem presentes em minha história que, ao observar nas narrativas, semelhanças com os discentes trazem um sentimento positivo em direção a uma Educação Física ciente de seu papel na formação de uma sociedade mais crítica e consciente de seus direitos e deveres.

Ao relacionar com as obras de Paulo Freire percebe-se nas narrativas e nas diferentes situações em que elas se apresentam aspectos como a busca pelo “ser mais” na Educação Física, o “inédito viável”, a “belezura” e a “amorosidade”.

Neste ponto, destaco o fato que tanto professores como discentes devem se entender personagens de um processo no qual ao se ensinar permite-se também o aprender, que surge ao dar visibilidade para aquilo que os discentes trazem para dentro da sala de aula.

Características estas que, ao viajar para o outro lado do mundo, tem-se a possibilidade para, a partir do “olhar do viajante”, conseguir analisar, compreender, interpretar e (re)aprender aspectos que até então eram entendidos como dados.

Ao se fazer presente em uma nova cultura, em que as diferenças existentes exigem um novo olhar para a realidade e para as relações humanas, percebe-se que o aprender, o desenvolver, torna-se um processo que não se finda.

Constantemente, enquanto seres humanos que somos, estamos aprendendo e reaprendendo, fato que é explicitado com a pandemia da Covid-19 presente a partir de março de 2020 e que resultou na interrupção de todas as atividades presenciais trazendo à “tona” uma realidade para a qual ninguém estava preparado.

Assim sendo, professores, discentes, instituições viram-se frente a uma adversidade que resultou em aprendizados. Erros e acertos que fizeram com que o processo de ensino-aprendizagem não fosse interrompido e que buscássemos a esperança de que tudo é passageiro.

Aulas remotas, ensino híbrido, plataformas, velocidade de internet, rotinas do lar que devem ser conciliadas com as atividades acadêmicas se tornam os principais desafios enfrentados por todos os envolvidos.

Sala remotas cheias de fotos e letras que trazem ao professor a solidão de não ver, ouvir, mas ter que seguir ensinando.

O discente que, ao se sentir desconfortável em se expor ao se perceber “invadido” pela faculdade no âmbito de seu lar, prefere ficar recluso, passando de espectador que era na aula para telespectador ao acompanhar as aulas pelo computador/celular.

As narrativas sobre o “ser professor” trazem aspectos por parte dos discentes, que refletem a alegria, a superação e outros sentimentos positivos em atuar como professor ainda enquanto nos semestres iniciais.

Para aqueles que já professores fazem uma reflexão em torno de suas práticas e percebem que o estudar permanente buscado com a realização e conclusão do mestrado em Educação, em estudo realizado no doutorado por Maurício Massari, resultam em uma nova forma de enxergar a Educação Física e que refletem nas suas práticas profissionais.

Procurando fazer uma relação entre aqueles estão concluindo o curso, tomando como referência as narrativas que surgem na cerimônia de colação de grau, pouco se observa sobre os entendimentos que possuem sobre a Educação Física, sentimentos de satisfação, de alegria, de vitória estão presentes.

Com isso, conclui o presente estudo ciente de que ele não se finda aqui por aqui.

Novos discentes virão, novas situações acontecerão, novas histórias serão contadas, narrativas variadas que provocarão diferentes sentimentos.

A identificação com minha história pode ser recorrente por parte dos discentes, o aprendizado com eles e, a partir daquilo que eles apresentam também se fará presente.

Uma única coisa permanecerá imutável que será, dentro das minhas práticas educativas, procurar propiciar aos discentes experiências que os conduzirão no processo de pensar por si mesmos e a tomar decisões.

Encontrar a autonomia necessária para se entender enquanto professor em que a esperança que existe em se entender como meio para promoção de mudanças permita com que elas extrapolem os muros da faculdade e cheguem a todos aqueles que os chamarão, também, professores.

REFERÊNCIAS

ACM. **História**. 2004 Disponível em

<http://www.ymca.org.br/index.asp?pagina=historia> Acesso em: 29 dez 2020.

ALMEIDA, Beatriz Oliveira de; ALVES, Lynn Rosalina Gama. *Lives*, Educação e Covid-19: estratégias de interação na Pandemia. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju; v.10, n.1, p.149-163, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8926/4135> Acesso em: 22 Set. 2020.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Qualidade de Vida como objeto de estudo polissêmico: contribuições da Educação Física e do Esporte. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v 01, n 01, p. 15-22., 2009, Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/365/431> Acesso em: 29 Set 2020.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. Itinerâncias da pesquisa. In: GARCIA, R. L. (Org.).

Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 119-140.

BARBOSA, Andre Machado; VIEGAS, Marco Antonio Serra; BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Felix. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustos**. v. 25; n. 51. 2020. Disponível em:

<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565> Acesso em: 27 set 2020.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Cláudio Simon. "Não havia outra saída":

percepções de discentes evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico-USF**, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 95-105, 2009 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 Set. 2020.

BARRIOS, João Rozas. **Apenas futebol**. ITU SP: Ottoni, 2009.

BRASIL. Parecer 498/2020. **Prorrogação do prazo de implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)**, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2020-pdf/157501-pces498-20/file> Acesso em: 30 Dez. 2020.

_____. Resolução Nº 6, de 18 de dezembro de 2018. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências**. Edição: 243; Seção: 1; p. 48. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877795 Acesso em: 30 Dez. 2020.

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Baixa ocupação de vagas remanescentes inspira nova política do MEC para as federais**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32123>. Acesso em: 23 Set. 2020.

CARVALHO, José Eduardo de. **O Jogo**. Serviço Social da Indústria. São Paulo, SESI-SP editora, 2012.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1991.

CATUNDA, Marta. **A, B, C de encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. 2013. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013

COEN, Monja. **A sabedoria da transformação**. Coletânea Monja Coen. São Paulo, SP; Planeta, 2019.

CORRÊA, Evandro Antonio; SILVA, Luiz Henrique da; PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca; DRIGO, Alexandre Janotta. A constituição dos cursos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência. e Movimento**. v. 24, n.1, p.27-42, 2016 Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/6039> Acesso em: 23 Set. 2020.

CORTÊS NETO, Ewerton Dantas; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. **Revista Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v.6, n.3, p. 109-117, 2015. Disponível em:

<http://stat.entrever.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/3561/4489/> Acesso em: 22 abr. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIAS SOBRINHO, Jose. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do Provão ao Sinaes. **Revista Avaliação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 195-224, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cpa/periodicos/revista-avaliacao-da-educacao-superior-2010/AVALIACaOETRANSFORMACOES_ArtigoRevAval2010_v15n1a11.pdf Acesso em: 29 dez 2020.

FONSECA, Cris. **Futsal**: o berço do futebol brasileiro. São Paulo: Aleph, 2007.

FORTUNATO, Ivan. Cinco anos de narrativas ficcionais para pesquisa em Educação Ambiental: Um balanço dessa experiência. **Revista Educere**, v. 21, n. 68, 2017 Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/356/35652744007/html/index.html> Acesso em: 06 Out 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire**: uma história de vida. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 59. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015c.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1967

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos sonhos possíveis** 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, André Luis Castro de; DE ARAUJO FREITAS, Luciane Albernaz. A vocação ontológica do 'ser mais': 'situações-limites': aproximando Freire e Vieira Pinto. **Revista on line de Política e Gestão Educacional, [S.l.]**, v. 21, n. 2, p. 432-448, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9964>. Acesso em: 23 Set. 2020.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade.** 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mário; RODRIGUES, Renata Vilela. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa *In:*

SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli Cordeiro (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014. Disponível em:
https://www.academia.edu/36704679/A_produ%C3%A7%C3%A3o_de_informa%C3%A7%C3%A3o_na_pesquisa_social_compartilhando_ferramentas Acesso em: 22 Set. 2020.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física Escolar: Transformação pelo movimento. **Revista Motriz**. v. 1, n. 2, p. 102-106, 1995. Disponível em:
http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n2/1_2_Zenaide.pdf Acesso em: 23 Set. 2020.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro Pinto; GUEDES, Dartagnan Pinto. Características dos programas de Educação Física Escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, 1997 Disponível em:
<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v11%20n1%20artigo5.pdf> Acesso em: 24 Set 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 27(11):2277-2279, Nov, 2011 Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/csp/v27n11/22.pdf> Acesso em: 22 Set. 2020.

LEME, Mirian Aparecida Ribeiro Borba. **A formação de profissionais em Educação Física: um estudo das representações sociais dos (as) estudantes**

da FEFISO/ACM de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2000.153 fl. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Sorocaba, 2000

LOVISOLO, Hugo. A paisagem das tribos da Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital.** Buenos Aires, v. 3 n. 12, 1998. Disponível em <https://www.efdeportes.com/efd12/hlov.htm> Acesso em: 22 Set. 2020.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637803/5494> Acesso em: 22 Set. 2020.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberesfazerres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Ciberultura, [S.l.]**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026> Acesso em: 25 set. 2020.

MASSARI, Maurício. **A contribuição do mestrado em educação da Uniso aos professores de Educação Física.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2014. Disponível em: http://educacao.uniso.br/prod_cientifica/alunos/Teses_2014/mauricio-massari.pdf Acesso em: 25 set. 2020.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e "mente".** 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1983.

MENEGON, Vera Mincoff. Por que jogar conversa fora? *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano:** Aproximações Teóricas e Metodológicas. Edição Virtual, Centro Edelstein. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w9q43> Acesso em: 22 Set. 2020.

MIRANDA, Gilberto José; LEAL, Edvalda Araujo; GAMA, Mônica Aparecida Ferreira; MIRANDA, Aline Barbosa de. ENADE: Os Estudantes Estão Motivados a Fazê-lo?. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <http://www.repec.org.br/repec/article/view/1720> Acesso em: 29 dez 2020.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 276 - 304, 2015. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816312015276>. Acesso em: 16 set. 2020.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de Cultura Corporal: Gênese e Transformações. *In*: XIX CONBRACE e VI CONICE, 2015, Vitória. **Anais**. Brasil, jul. 2015. Tema: Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7311>. Acesso em: 23 Set. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 351-368, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71570207> Acesso em: 23 Set. 2008

OLIVEIRA, Ailton Jacob de. **Corpo presente, corpo ausente no cotidiano escolar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva Oliveira; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na incerteza e na urgência: Implicações do ensino remoto

ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju v.10, n.1, p.25-402, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/issue/view/339/showToc> Acesso em: 27 Set 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPS). **Folha informativa COVID-19: Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:Covid19&Itemid=875#risco Acesso em: 27 Set 2020.

PEREIRA, Kátia Regina. **Cotidiano da creche Sabiá: ecologizando a educação infantil**. Sorocaba, SP, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005

PEROZA, Juliano; SILVA, Camila Pompeu da; AKKARI, Abdeljalil. Paulo Freire e a diversidade cultural: um humanismo político-pedagógico para a transculturalidade na educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.461-481, 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex> Acesso em: 22 Set. 2020.

PIN, Silvana Aparecida; NOGARO, Arnaldo; WEYH, Cênio Back. Formação de professores na perspectiva freireana: dizer o mundo e aprender/ensinar o mundo. **Educação (UFSM)**, v. 41, n. 3, p. 553-566., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/17994> Acesso em: 16 Set. 2020.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar**. Sorocaba, SP, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Da etnografia às narrativas ficcionais da práxis ecologista: uma proposta metodológica. **Revista de Estudos Universitários**, v. 25, n. 1, p. 35-60, 1999a.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999b. 211 p.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. A educação ambiental para além dela mesma. **Revista de Educação Ambiental: Ambiente & Educação**, Rio Grande do Sul, v 13, n. 1, p. 11-22, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/issue/view/173/showToc> Acesso em: 16 Set. 2020.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, [S.l.], v. 11, n. 21, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105/17083>. Acesso em: 12 out. 2020.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. *In*: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (Org.). **Narrativas, Gênero e Política**. Curitiba, PR; CRV. 2016.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos; BARCHI, Rodrigo. **Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a Aventura de desnudar-Se**. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327283085_ECOSOFIA_TROPICAL_EDUCACAO_AMBIENTAL_CANIBAL_E_A_AVENTURA_DE_DESNUDAR-SE Acesso em: 11 Set. 2020.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos; PRADO, Barbara Heliodora Soares. **Educação Ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Leodir Francisco. **Por entre corpos, vidas e culturas: um (des)encontro entre a Educação Física escolar e a educação ambiental**. Sorocaba, SP, 2004. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2004

RIBEIRO, Marcelo Afonso. O Projeto Profissional Familiar como Determinante da Evasão Universitária: Um Estudo Preliminar. **Revista Brasileira de Orientação**

Profissional. São Paulo. v. 6, n. 2, p. 55-70, 2005. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2030/203016893006> Acesso em: 18 Set 2020

SANFELICE, José Luis. História, instituições escolares e gestores educacionais.
Revista HISTEDBR on-line. Número especial, Ago/2006 Disponível em:
http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art4_22e.pdf. Acesso em: 23 Out. 2008.

SANTANA, Camila Lima Santana e; SALES, Kathia Marise Borges. Aula em casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju v.10, n.1, p. 75-92, 2020 Disponível em:
<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181/4130> Acesso em: 27 Set 2020.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SCAGLIA, Alcides Jose. Pedagogia do Futebol: Construindo um currículo de formação para iniciação ao Futebol. *In*: NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; TOLEDO, Eliana. **Abordagens Pedagógicas do Esporte**: Modalidades convencionais e não convencionais. Campinas, SP: Papirus, 2014.

SILVA, Ariane Diniz. **Cartas para Paulo Freire e sua rede**: o cotidiano de extensão em uma universidade comunitária. 2017. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017

SOUZA NETO, Samuel de; ALEGRE, Atílio de Nardi; HUNGER, Dagmar; PEREIRA, Juliana Martins. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004 Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/230> Acesso em: 15 Ago 2008.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. especial, p. 70-77, 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso Acesso em: 29 Maio 2020.

TREVISAM, Kleber. **A trajetória de um curso em Sorocaba:** da Escola Superior de Educação Física à Faculdade de Educação Física da ACM. Sorocaba, SP, 2010. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2010

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

VENLIOLES, Fabio Motta. **Escola de futebol.** 2. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 2001.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo; LEMOS, Lovane Maria; MORSCHBACHER, Márcia; BOTH, Vilmar José. Diretrizes curriculares da Educação Física: reformismo e subordinação ao mercado no processo de formação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 4, p. 809-823, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Set. 2020

VITÓRIO, Cristiane dos Santos de Souza. **Adolescentes em cumprimento de liberdade assistida no cotidiano escolar.** 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

APÊNDICE - FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

Sobre as expectativas com o curso

Narrativas com discentes no final da aula enquanto aguardo para registrar a saída no relógio de ponto no final do período de aula em que, aqueles que aguardam as vans e os ônibus para retorno às suas cidades conversam sobre tudo.

“- Já tá tudo pronto! Assim que terminar a faculdade, com o meu conhecimento nas lutas, abrirei uma academia na cidade e, como não tem nenhuma, é sucesso garantido! Não é verdade, professor!”

“- Poxa! Logo de cara, assim? Não acha um tanto quanto precoce? Mas valorizo sua determinação.

“- Professor, antes de prestar o vestibular, já tinha isso em mente. Minha cidade é pequena e, como não tem nenhuma academia deste tipo lá, tenho certeza de que não faltarão discentes.”

Ainda sem ter a noção da velocidade com que as coisas mudam e, quais serão os desdobramentos que irão acontecer durante a faculdade, pergunto a quem está do seu lado o que achava.

“- Professor, não sei não. Tem muita coisa para acontecer ainda, eu acho. Uma coisa é certa, não quero abrir uma academia, pretendo estudar para passar em algum concurso e conseguir a estabilidade que me fará ter a tranquilidade que espero de pois de todo o sofrimento que é fazer faculdade”

“- Sofrimento? Entendo que a faculdade é um momento que exige dedicação aos estudos, mas, este sentimento, vai depender muito mais de você do que, o que acontece durante e após as aulas”

“- Você tem razão, professor. Minha van chegou, até mais professor”.

“- Ter o futebol logo no começo do curso vai ser legal pois, assim, posso logo de cara “bater uma bolinha” durante as aulas”.

Ao conversar com um grupo de discentes no intervalo de aula, um deles diz que se identificou com minha história ao trabalhar em outras profissões até, realmente, chegar a trabalhar com Educação Física.

“- Minha história não deve ser diferente da de muitos outros que estudam ou já estudaram. Como todos, eu também queria conhecer o que tinha de tão contagiante ou, se passava dentro de uma faculdade. Quando, de ônibus passava em frente, ficava sonhando em um dia poder ser discente no curso. Os anos foram se passando e o sonho se distanciando e se tornando cada vez mais difícil. Um dia, após tanto reclamar da falta de oportunidades, alguém me pergunta a respeito do que estaria fazendo para mudar. Fiz supletivo, conclui o ensino médio, fiz cursinho pré vestibular, prestei o vestibular e, agora percebo o quão incrível é estar aqui.”

“- Legal!”

“- Professor, trabalhava com ajudante de eletricista, auxilia na realização de instalações elétricas em qualquer lugar que possa imaginar. Certa vez, estava trabalhando em uma faculdade e comentei que meu sonho era um dia fazer uma faculdade. A resposta que tive ao invés de me desanimar me incentivou. Meu encarregado disse que era muito “burro” que faculdade não era o meu lugar. Quando terminar o curso, a primeira pessoa que vou ligar vai ser ele para agradecer o incentivo”

Nesse momento, outro discente que ouvia a conversa passa a fazer parte dela.

“- É professor, ingressar na faculdade faz parte do planejamento de muitos jovens, inúmeras oportunidades surgem quando se entra em uma. É grande o leque de caminhos que podem ser percorridos, o conhecimento adquirido dia após dia, aula após aula é muito satisfatório, não só para o discente, mas também para o professor.

“- Você acha que a faculdade irá, realmente, abrir novos caminhos dessa maneira?”

“- Professor, as mudanças ocorrem automaticamente na vida pessoal e social, quanto mais interesse na faculdade mais melhorias ocorrem na vida das pessoas, não apenas ao discente, mas também para aqueles que convivem.”

“- Nem todos que estão na faculdade conseguem ter esse ponto de vista em torno dos estudos.”

“Professor, buscar conhecimento nunca é demais, é prazeroso entender sobre determinado assunto, e na faculdade a contribuição para a melhoria de vida das pessoas é surpreender a cada semestre que passa. Quando se aprofunda em determinado assunto, quando se conhece mais sobre determinada coisa, mudanças ocorrem na vida pessoal e social do indivíduo.”

Nisso, a conversa começa a ganhar um novo contorno com a chegada de mais um interessado em saber o que estava acontecendo.

“Você que está chegando agora, me diga, estamos aqui conversando sobre o que a faculdade pode trazer de mudanças na vida de uma pessoa. O que você acha?”

“-Professor, pessoas que possuem o ensino superior acham empregos com maior facilidade e normalmente ganham mais. Com o diploma nas mãos, terei maiores chances de alcançar a estabilidade financeira. O diploma do curso superior completa o currículo com um grande diferencial significativo. A faculdade é fundamental para uma entrada no mercado de trabalho, para qualquer profissional que busque crescer na sua carreira, é o essencial.”

“-Pessoal, a conversa está boa, mas, tenho que ir, outra hora continuamos nossa conversa. Abraço”

Outro dia, no intervalo, o assunto que havia começado no dia anterior é retomado.

“- Professor, fiquei pensando um pouco sobre o que foi falado naquela roda de conversa e percebi que, realmente, a faculdade faz parte do meu plano de vida, unindo saúde, financeiro, paz interior e fazendo o que mais gosto, com o que estou aprendendo na faculdade está agregando muito em minha vida, é um sonho que estou realizando me sentindo por completo. Desde criança, estou imersa no mundo dos esportes, afinal, pratiquei atividades de alto rendimento desde muito cedo até o momento em que me tornei atleta [...]. Além disso, minha paixão por diversos outros esportes, que pratiquei ou não do decorrer de minha adolescência, como o basquete, futsal e futebol, atletismo, handebol, vôlei, taekwondo, ginástica, saltos ornamentais, hipismo, xadrez, natação, rugby, em suma, as centenas de opções que eu poderia citar, colaboraram para minha escolha profissional, levando como base o gosto pela área e a possível satisfação pela atuação dentro da mesma.”

Pensamento este, completado pelo(a) colega.

“- Professor, sempre sonhei em fazer Educação Física aqui, tentei o vestibular várias vezes, mas sempre algo acontecia e que me impedia de começar meus estudos. Desta vez, decidi que não importasse o que acontecesse, iria começar a faculdade e aqui estou!”

Sobre as rotinas no curso

No saguão, ao final de mais um dia de aula, o olhar cansado contrasta com o sorriso sempre presente.

“- Professor, para chegar aqui, meu dia começa às 04h30 da manhã, que é a hora que acordo para aprontar minhas marmitas para a faculdade e depois para o trabalho. Por morar em outra cidade (a 115 Km de Sorocaba) e depender do ônibus que a prefeitura cede para levar os discentes para as faculdades de Sorocaba, preciso chegar cedo a fim de não o perder. O ônibus parte com discentes dos mais diferentes cursos e instituições para Sorocaba e, após duas horas de viagem, chego à rodoviária de Sorocaba e subo a pé até o centro para o início das aulas. Quando chego aqui, sinto minhas energias renovadas, não sei se é o lugar, as pessoas, mas percebo que aqui me sinto bem! Aproveito cada instante, antes de voltar para minha cidade e para o trabalho (das 13h às 21h em uma Academia)”

“- Mas você não se sente cansado(a) ou desanimado(a) às vezes?”

“- Professor, às vezes, mas eu acho que todo esse esforço vai valer a pena”

Sobre as reflexões que o curso desperta na formação

Lembro nitidamente das minhas aulas de Educação Física Escolar, a realização de circuitos físicos, às vezes, o professor pedia para nos dividirmos em grupos sendo que cada um deveria pensar um exercício que deveria ser realizado por todos. O rodízio nas práticas esportivas que sempre traziam irritação pelo fato de querermos sempre jogar futebol e as meninas voleibol. Foi essa Educação Física que me motivou a querer ser professor.

“-Mas professor, me desculpe falar, essa Educação Física apresentada pelo senhor não acho que foi a que maioria dos colegas aqui teve. Pelo menos não foi a que eu tive, com certeza.”

“-Qual foi a Educação Física que você teve na escola?”

“-Professor, a Educação Física que tive na escola se baseou no “rola a bola”, o professor nem acompanhava o que acontecia, só pedia para que não fizéssemos barulhos ou criássemos confusão, brigas. As meninas, por sua vez, não tinham o direito de participar e, também não se preocupavam muito com isso”.

“-Mas e aí, e agora, o que você acha da Educação Física que teve na escola?”

“-Professor, hoje entendo que o que tive na escola não foi Educação Física. Terminando a faculdade que, pelo menos, tentar fazer diferente. O curso mudou algumas formas que eu tinha no meu passado sobre como é ser um professor, atitude e tudo o mais. Percebi que não é fácil a vida de professor.”

Na sequência, são apresentadas algumas falas obtidas a partir de conversas entre discentes a partir da participação em aulas práticas e projetos desenvolvidos na faculdade.

“- Ao vivenciar, pude aprender e associar melhor as aulas e, de certa forma, demonstrar um maior interesse em outras disciplinas. Esta experiência acarreta, também, uma mudança na minha visão como pessoa, despertando uma diferença na relação do aprender e do ensinar”.

“- Senti que, como professores, vamos ter aulas ruins e boas”.

“- Como o professor é capaz de proporcionar a diferença na vida do outro! Era algo que até então, não tinha uma noção muito grande dessa capacidade”.

“-Sinto que (o curso) estou fazendo parte de um bem maior onde novas oportunidades se abrirão, novas questões e caminhos onde enxergo o que pode ser feito.”

“- Posso afirmar que não pertencço apenas ao Bacharelado, pois através das experiências que venho tendo, meus olhos passaram a ver que a Educação Física é muito maior do que eu imaginava que fosse.”

Sobre as reflexões sobre o corpo

O corpo na Educação Física, seu entendimento por parte do discente, a apropriação que ela faz de certos conceitos e como eles vão se modificando com o transcorrer do curso e, muitas vezes, fazem com que ele não só modifique a sua forma de pensar mas também de inter-agir com ele próprio.

Neste aspecto, seguem fragmentos de narrativas realizadas em aula a partir daquilo que os discentes entendem como sendo corpo ideal.

“- Corpo ideal: aquele em que a pessoa é feliz com ele (si própria) não importa como seja.”

“Um corpo que eu não preciso me preocupar em comer besteiras a hora que eu quiser, pois sei que vou estar trabalhando constantemente para não ter gordura localizada, pode até ter uma barriguinha, porém sem exagero, sem banha, um corpo malhado, sem flacidez, um corpo com baixo percentual de gordura. Pois se uma pessoa se sentir feliz com o corpo do jeito que ela gosta, nada contra.”

“- Estrutura física de um organismo vivo que engloba as questões fisiológicas e anatômicas, formada por membros (ossos, células e músculos) que em conjunto formam tecidos, sistemas e assim, dando suporte para a vida.”

“- O corpo é tudo aquilo que dá vida aos pensamentos, vontades e prazeres, produz cultura e dá vida ao imaginário, ou seja, seu significado é amplo e perpassa por diversos conceitos, pontos de vista e culturas, é algo sagrado.”

“- O corpo ideal é um corpo saudável, com grupos musculares bem definidos, podendo ser considerado objeto de desejo...esteticamente bonito, perfeito, tanto para homens como para mulheres, representando o que está na moda, corpo saudável de quem pratica esportes”.

“- Um Corpo ideal não existe, existem vários. Cada um tem o seu ideal, não existe um padrão.”

“- O corpo ideal para mim é ter um ótimo porte físico de uma pessoa que treina direto que ela ama.”

“-O corpo ideal é o que é capaz de realizar todas suas funções essenciais e o indivíduo esteja feliz com a imagem dele.”

Sobre as experiências em Formosa (Taiwan)

A ida para Formosa (Taiwan) criou uma marca que carregarei para toda a vida em que a gratidão por ter tido a oportunidade de ir e o carinho pelo qual fui recebido nunca serão esquecidos. Seguem alguns fragmentos de conversas realizadas com

todos aqueles que, se não fizeram parte da minha rotina, ficaram marcados na minha memória.

“- Mantenha uma distância de segurança que, com certeza, você terá sucesso aqui!”

“- O inglês, é um idioma mundial e, nas pesquisas que realizei, Taiwan tem uma riqueza gastronômica que, creio não encontrar dificuldades em me adaptar”.

“- Antes de ir para o alojamento, vou levá-lo para comer algo”,

“-Estou aberto a sugestões. O que você pedir, quero igual”

“-Como vocês fazem com o banho aqui?”

“- Você enche aquela bacia com água e, com aquela pequena panela você se enxágua”

“- Vamos substituir o abraço por outra coisa, professor? Os discentes podem se sentir incomodados com isso”.

“- Cristiano Ronaldo!”

“- Aqui está, uma bola para cada um, façam o que quiserem com ela!”

“- As aulas são legais, eu fico muito cansado, mas eu gosto”

“- O professor é legal, ele deixa a gente repetir quantas vezes a gente quiser até acertar”

“- Eles aprenderam a dinâmica do jogo. O jogo agora está mais coletivo do que estava antes”

“-Professor, quer dizer que o senhor foi pra Índia ensinar futebol?”

“- Não, o professor foi pra Tailândia!”

“-Que Tailândia, que nada, ele foi para a China”

“-Professor, comeu muito grilo e escorpião lá?”

Sobre o ensino remoto e a ausência de imagem do presente

O ensino remoto fez com que o aprendizado, antes baseado na sala de aula sofresse uma mudança na qual, ao invés de ir até a faculdade, a faculdade adentra a sala de estar, a cozinha, o quarto, o quintal ou qualquer outro lugar onde seja possível ter um sinal de internet que permita acompanhar as aulas. Às vezes são 30, 40, 50, 60 ou mais discentes ouvintes, na tela do computador, o que se vê são as iniciais dos nomes ou, para os mais “arrojados” uma foto ou figura que o representa.

“-Pessoal, vamos lá, preciso que vocês liguem as câmeras pois, dar aula para fotos e letras não é legal”

“-Sinto muito professor, não vou ligar a câmera pois a minha casa está uma bagunça.”

“-Alguma dúvida com relação a tudo que falei até o momento, pessoal?”

“-Professor, eu não tenho dúvidas, mas, meu marido que passou a assistir as aulas junto comigo aqui, pediu se é possível você repetir a última explicação pois ele não entendeu muito bem”

“- Quem é esse cara aí?”

“- Esse é meu professor, pai?”

“- O que que ele tá fazendo?”

“- Ele está me orientando no meu Trabalho de Conclusão de Curso?”

“- Pergunta se ele quer uma cerveja”.

“-Professor, você sabe me dizer até quando vai isso?”

“- Isso, o quê?”

“- Esse negócio de ficar fazendo aula pelo computador. Eu prefiro ter aula presencial”

“- Quero começar a aula perguntando para vocês o que lembram da última aula ou o que mais chamou a atenção de vocês?”

“- Professor, cadê o gato?”

Sobre as reflexões de transição, o ser professor

A cerimônia de colação de grau representa o momento em que o discente, agora professor, percebe a mudança que ocorrerá com o término do curso e a existência de um espaço no dia a dia que antes era preenchido com as aulas na faculdade.

“-Professor, agradeço por tudo que você me ensinou, mas e agora? O que eu faço? Amanhã quando acordar, não tenho mais meu estágio, não fui efetivado, e não tenho que ir pra faculdade? Você tem mais algum último conselho para me dar?”

“- Durante quatro anos de muita dificuldade, onde, em cada momento, uma sensação/sentimento diferente, medo, alegria, derrotas, conquistas, conhecimentos e muito aprendizado, com os professores e com os colegas de classe. Um dia diferente do outro sendo que, cada um deles contribuiu, não só para minha formação profissional, mas, também, para meu desenvolvimento pessoal. A vez que iniciei o curso, logo aos 17 anos, percebi que foi um pouco sem nexos, um tanto quanto superficial, pois meus conflitos e medos me regiam. Fisicamente eu não estava bem, claro, por conta da falta de um sentido/objetivo, por mais que me sentisse bem na faculdade, parecia que não era o momento certo, e não era. Em 2010, com quase 100

kg, tranquei a faculdade com a pretensão de retornar em breve e que, quando isso ocorresse, eu pudesse ajudar e ser exemplo para aqueles que me procurassem. Em 2014, com 40kg a menos e com o coração cheio de vontade e determinação, volto um pouco mais maduro. Ao final de quatro anos percebo que ganhei amigos, experiência, vivências que me tornaram uma pessoa melhor, ciente das dificuldades que surgirão na vida, mas, consciente de que sou capaz de superá-las”.

“- Significou muito pois afirmou ainda mais a paixão que tenho pela profissão que escolhi.”

“- Uma nova etapa que se inicia, um passo a mais na minha caminhada, uma coisa que vai acrescentar muito lá na frente”.

“- A responsabilidade que um professor carrega e ter a certeza do que quero seguir”.

“- É um sentimento diferente porque você sai do estágio de discente para o de professor. É muito emocionante.”

“- Sempre foi um sonho fazer Educação Física e, agora (ao final do curso) percebo que todos os momentos que passei sem dúvida foram essenciais, alguns em que tudo parecia dar errado onde achava que não daria conta mas que agora, entendo como sendo importantes para o que me tornei.”

“- Não posso dizer que foi fácil, mas percebo que foi a melhor decisão que poderia ter tomado e, cada vez me apaixono mais pela profissão que escolhe, me esforcei demais até agora para sempre desempenhar da melhor maneira meu papel.”

“- Professor, obrigado por tudo. Posso dizer que aprendi a essência do ser para a vida do outro, o amor ao próximo e a servir, a lidar com pessoas e buscar compreender suas necessidades e suas dificuldades, aprendi que estamos o tempo todo a serviço de proporcionar ao próximo uma melhora, uma ajuda, um apoio, um abraço ou, apenas, uma palavra.”

“- (A Faculdade) Me ajudou a superar medos, derrubar incertezas por me fazer me sentir preparado, saber quem sou e onde quero chegar, a vida ainda será longa e cheia de acontecimentos, mas, sem dúvida, entendo estar preparado para eles.”

“- Ao concluir o curso, posso dizer que tudo que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado e, diante de todas as dificuldades que encontrei, chegando em vários momentos a pensar em desistir, persisti e, posso dizer que venci esta etapa da vida.”

“- É engraçado lembrar das dificuldades que passamos e perceber que concluímos com sucesso que nos foi proposto durante o curso.”

“- Muita coisa passa na cabeça de uma pessoa durante a faculdade. A gente faz amigos, passa nervoso, chora, briga, tudo em nome de uma formação profissional que vai nos proporcionar um futuro melhor, talvez.